

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

SUELEM LOPES DE FREITAS

CONSUMO CULTURAL E MUDIÁTICO DE MULHERES NEGRAS:
Construção de identidade e interseccionalidade

PORTO ALEGRE

2020

SUELEM LOPES DE FREITAS

CONSUMO CULTURAL E MIDIÁTICO DE MULHERES NEGRAS:

Construção de identidade e interseccionalidade

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nilda Jacks

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Lopes de Freitas, Suelem
Consumo cultural e midiático de mulheres negras:
construção de identidade e interseccionalidade /
Suelem Lopes de Freitas. -- 2020.
183 f.
Orientadora: Nilda Jacks.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Identidade. 2. Consumo cultural e midiático. 3.
Interseccionalidade. 4. Mulheres negras. 5. Cabelo. I.
Jacks, Nilda, orient. II. Título.

SUELEM LOPES DE FREITAS
CONSUMO CULTURAL E MIDIÁTICO DE MULHERES NEGRAS:
Construção de identidade e interseccionalidade

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em:
COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Nilda Jacks - UFRGS (Orientadora).

Prof^ª. Dr^ª. Jiani Adriana Bonin - UNISINOS

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Garcia de Mello - UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Elisa Reinhardt Piedras - UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Laura Hastenpflug Worttrich - UFRGS (suplente)

A aprovação da PEC das Domésticas não impacta o que a classe patronal desembolsa para remunerá-las, mas opera mudanças simbólicas na abolição inacabada da escravidão. É a última etapa do processo, 125 anos depois da assinatura da lei Áurea. É a lei que faltava para dar à trabalhadora negra o status humano que a exploração do trabalho doméstico lhe rouba.

O quarto da empregada arquitetado neste contexto representa na estrutura da casa-grande (que pode ser também apartamento), a senzala contemporânea. O lugar-depósito de gente, desprovido de condições dignas de existir e de viver, acompanhado do respectivo banheiro.

Falar sobre o quartinho da empregada, então, diminutivo apenso às dimensões reduzidas e ao lugar de insignificância que ocupa, é discutir a mentalidade colonial da casa-grande que, como no período da escravidão, valoriza ou desvaloriza as pessoas de acordo com a função exercida.

O quartinho da empregada, para as trabalhadoras domésticas, era o local onde, em horas mortas, elas podiam ouvir no rádio de pilhas colado ao ouvido, as canções de Carmen Silva, Evaldo Braga e Odair José. Narrativas das tristezas e desventuras de personagens muito parecidas com elas.

Hoje mudou o aparelho sonoro, o rádio de pilhas virou smartphone e acompanha a trabalhadora ao longo do dia, no fone de ouvido. [...]

A essência dos tempos permanece. Mesmo que o repertório e o veículo para ouvi-lo sejam contemporâneos, a música continua sendo uma área de respiro no opressivo e abafado quartinho da empregada.

(Cidinha da Silva)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela dedicação e apoio. Se tive o privilégio de poder estudar, foi pelo exemplo de esforço e pelo suporte que recebo deles.

Neste momento em que a integridade da educação encontra-se sob ameaça no Brasil, agradeço à bolsa CAPES, que foi uma das bases para que eu pudesse estar na pós-graduação, colaborando com pesquisa científica do país.

À minha orientadora, Nilda, pelo acolhimento e paciência. Ao grupo do núcleo de pesquisa, especialmente Josi, Guilherme e Isaías, pelas leituras, críticas e compartilhamentos teóricos.

Às mulheres e homens que estiveram presentes na Oficina de Leitura do programa Enegrecendo do IFRS e aos recitadores do sarau Sopapo Poético.

Ao Paulo, pela escuta, presença e generosidade. Por me ensinar a ter autonomia andando de bicicleta.

À Suzani, que deu muita força e alguns chás, para enfrentar a jornada do mestrado.

À Amanda, dona das melhores palavras, que me ajudam a seguir em frente.

Ao Grupo de Pesquisa em Ecologia das Práticas (GPEP), no qual pude participar de ótimos debates, principalmente nos encontros de leitura do livro *Crítica da Razão Negra*.

Aos espaços públicos das bibliotecas da UFRGS, UFCSPA e PUCRS, locais em que pude encontrar foco e concentração para realizar as transcrições (trabalho árduo de digitação) e a escrita da dissertação.

À oportunidade de conhecer um pedacinho do nordeste brasileiro, dada através do projeto de pesquisa *Jovem e Consumo Midiático em Tempos de Convergência: Brasil profundo*, coordenado pela professora Nilda Jacks.

RESUMO

Esta dissertação buscou compreender como o consumo cultural e midiático de mulheres negras está implicado na construção de suas identidades, de modo a observar as dinâmicas da interseccionalidade, no que se refere às categorias raça e gênero. Em nossa abordagem teórica recorreremos à perspectiva sociocultural de consumo, ao conceito de identidade, às correntes teóricas do feminismo negro e da interseccionalidade. Adotamos a inspiração etnográfica como aporte metodológico e empregamos a entrevista como principal técnica de coleta de dados. O estudo concentrou-se em dois perfis de mulheres negras: as participantes de coletivos que promovem atividades relativas à identidade negra e as que não têm esse tipo de projeto como referência em suas vidas. As análises descritivas, realizadas com o auxílio de nuvens de palavras formadas no *software* NVivo, centraram-se nas memórias e no consumo cultural e midiático das entrevistadas. As referências sobre culturais e midiáticas das entrevistadas, no que se refere ao cabelo, passaram por grandes mudanças e as evidências disso apareceram através de seus processos de transição capilar, tensionando, assim, os padrões estéticos dominantes que se interseccionam na feminilidade e branquitude. Desse modo, identificamos o cabelo como um ícone que representa a sobreposição das categorias de gênero e raça das mulheres negras.

Palavras-Chave: Identidade; Consumo cultural e midiático; Interseccionalidade; Mulheres negras; Cabelo

ABSTRACT

This dissertation aimed to understand how the cultural and media consumption of black women is involved in the construction of their identities, in order to observe the dynamics of intersectionality, with regard to the categories race and gender. In our theoretical approach we use the sociocultural perspective of consumption, the concept of identity, the theoretical currents of black feminism and intersectionality. We adopted ethnographic inspiration as a methodological approach and used the interview as the main data collection technique. The study focused on two profiles of black women: those participating in collectives that promote activities related to black identity and those who do not have this type of project as a reference in their lives. Descriptive analyzes, carried out with the aid of word clouds formed in the NVivo software, focused on the interviewees' memories and cultural and media consumption. The interviewees' cultural and media references, with regard to hair, underwent major changes and the evidence of this appeared through their hair transition processes, thus tensioning the dominant aesthetic patterns that intersect in femininity and whiteness. In this way, we identified the hair as an icon that represents the overlapping of the gender and race categories of black women.

Key Words: Identity; Cultural and media consumption; Intersectionality; Black women; Hair

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura de codificação das entrevistas no NVivo	59
Figura 2 - Cidades natal das entrevistadas.....	67
Figura 3 - CTG Clareira da Mata.....	68
Figura 4 - Primeira Página do perfil do Clube de Mães	69
Figura 5 - Localização das moradoras da periferia de Porto Alegre	70
Figura 6 - Localização das moradoras da região metropolitana de Porto Alegre.....	71
Figura 7 - Tambor Sopapo.....	74
Figura 8 - Capa do livro <i>Pretessência</i>	75
Figura 9 - Primeira Página do Perfil do Sopapo Poético no Facebook	78
Figura 10 - Primeira página do perfil do Sopapo Poético no YouTube	79
Figura 11 - Primeira Página do blog do Sopapo Poético.....	80
Figura 12 - Página Inicial do perfil programa Enegrecendo no Facebook	81
Figura 13 - Chamada para o primeiro ciclo de leitura da oficina	82
Figura 14 - Aviso para inscritas do segundo ciclo de encontros	83
Figura 15 - Página do evento da Oficina de Leitura no Facebook	84
Figura 16 - Conjunto residencial Fernando Ferrari	85
Figura 17 - Conjunto Habitacional Montepio.....	86
Figura 18 - Estação de trem de Esteio	87
Figura 19 - Condomínio Esteio Novo	87
Figura 20 - Cartazes de divulgação do sarau Sopapo Poético.....	89
Figura 21 - Tambores de Inhã	90
Figura 22 - Público aguardando o início da roda de poesias	91
Figura 23 - Dj Augusto Santos a frente do Cine Cafuné.....	92
Figura 24 - Encontro Oficina de Leitura	98
Figura 25 - Encontro Oficina de Leitura	100
Figura 26 - Critérios da <i>frequência de palavras</i> no NVivo.....	102
Figura 27 - Diagrama dos conjuntos de blocos	105
Figura 28 - Consumo cultural e midiático - Grupo A.....	107
Figura 29 - Memórias - Grupo A.....	109
Figura 30 - União de consumo cultural e midiático e memórias - Grupo A	112
Figura 31 - consumo cultural e midiático - Grupo B.....	114
Figura 32 - memórias - Grupo A	116

Figura 33 - Consumo cultural e midiático e sobre memórias - Grupo B.....	119
Figura 34 - Grupo A vs Grupo B	120
Figura 35 - Relação com os coletivos.....	122
Figura 36 - Consumo cultural e midiático, memórias e coletivo.....	125
Figura 37 - Relação com o cabelo	128
Figura 38 - Personalidades mais citadas.....	137
Figura 39 - Consumo cultural e midiático na infância	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas do Grupo A.....	61
Quadro 2 - Perfil das entrevistadas do Grupo B.....	64
Quadro 3 - Homenageados do Sopapo Poético em 2018	76
Quadro 4 - Homenageados do Sopapo Poético em 2019	77
Quadro 5 - <i>Resumo</i> da consulta realizada com mínimo de três caracteres - Grupo A	111
Quadro 6 - <i>Resumo</i> da consulta realizada com mínimo de três caracteres - Grupo B.....	117

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONSUMO, MÍDIA E IDENTIDADE	19
2.1 Consumo cultural e midiático: uma concepção sociocultural	19
2.2 Identidades e comunidades interpretativas: construções e percepções sociais.....	26
3 CONJUGANDO FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE	32
3.1 Feminismo: um movimento de ondas e metamorfoses.....	33
3.2 Gênero e raça: primeiros passos para pensar a interseccionalidade.....	38
3.3 Feminismo negro e interseccionalidade.....	43
4 ABORDAGEM METODOLÓGICA	47
4.1 A entrevista como técnica etnográfica	48
4.2 Pesquisa exploratória	51
4.3 Técnicas de coleta de dados	55
4.4 Análise qualitativa dos dados	58
5 PERFIS E PANORAMAS CONTEXTUAIS DAS ENTREVISTADAS	60
5.1 Perfil das entrevistadas	60
5.2 Panoramas contextuais - Grupo A	66
5.2.1 <i>Socioespacial</i>	66
5.2.2 <i>Profissional</i>	71
5.3 Panoramas contextuais - Grupo B	72
5.3.1 <i>Sopapo Poético</i>	73
5.3.2 <i>Oficina de leitura</i>	80
5.4 Relatos de observação de campo - Grupo A.....	84
5.5 Relatos de observação de campo - Grupo B.....	88
6 MEMÓRIAS E DIMENSÕES DO CONSUMO CULTURAL E MIDIÁTICO	101
6.1 Grupo A: Consumo cultural e midiático	106
6.2 Grupo A: Memórias	108
6.3 Grupo A: Continuidades e descontinuidades.....	111
6.4 Grupo B: Consumo cultural e midiático	113
6.5 Grupo B: Memórias	115
6.6 Grupo B: Continuidades e descontinuidades.....	118
6.7 Comparação: Grupo A vs Grupo B	120
6.8 Grupo B: Relação com os coletivos	122
6.9 Grupo B: Continuidades e descontinuidades.....	124

7 GÊNERO E RAÇA COMO MARCADORES DA IDENTIDADE	127
7.1 Cabelo e transformação	127
<i>7.1.1 Grupo A: alisamento, transição e referências midiáticas.....</i>	<i>129</i>
<i>7.1.2 Grupo B: alisamento, transição e referências midiáticas.....</i>	<i>133</i>
7.2 Personagens e personalidades	137
<i>7.2.1 Grupo A: Identificação, elogios e críticas</i>	<i>139</i>
<i>7.2.2 Grupo B: Identificação, elogios e críticas</i>	<i>143</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	159
APÊNDICE B - Roteiros.....	161
APÊNDICE C - Grupo A: Consumo cultural e midiático	167
APÊNDICE D - Grupo B: Consumo Cultural e midiático	174
ANEXO A - Poema <i>Gritaram-me Negra</i>	181

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender o papel do consumo cultural e midiático na vida cotidiana de mulheres negras, e de que forma esse consumo vem a refletir nos comportamentos e opiniões desses sujeitos. Para tanto, partimos do solo teórico dos estudos culturais e do feminismo negro para pensar as dinâmicas sociais contemporâneas de consumo e as intersecções entre raça e gênero.

Compreendemos que há uma demanda para que esses sujeitos estejam presentes nos produtos midiáticos finalizados e que também estejam criando e agindo sobre as lógicas de produção. Porém, esta pesquisa trata de um estudos das audiências. Abarcamos, assim, a perspectiva de que os meios de comunicação são agentes produtores de sentido na sociedade, e que, entre muitas de suas potencialidades, existe o poder de construir, transformar e modificar pontos de vista. Nesse sentido, pretendemos identificar o que pensam e como apropriam-se dos conteúdos as mulheres negras que passam a ter um contato intensificado com essas perspectivas de novas representações da negritude.

Introduzimos, então, nossa temática apresentando a situação histórica do negro em relação às mídias. Atualmente, no que tange o movimento negro, observamos reivindicações pela presença de pessoas negras no cenário cultural e midiático, como em telenovelas, propagandas, revistas, jornais, filmes, séries, vídeos, teatro, etc. Roberto Borges e Rosane Borges (2012), na apresentação do livro *Mídia e Racismo*, colocam a questão de que “a imagem de negros e negras que se quer incutida ou ratificada no imaginário social ainda tem sido, com grande frequência, a daquele(a) que ocupa o lugar a menos” (BORGES; BORGES 2012, p. 36). Essas reivindicações advém principalmente de consumidores(as) negros(as) que desejam ver-se representados, dado que a presença de pessoas negras na mídia, nos mais diversos contextos, é também uma forma de produção de existência, na busca por efetividade na construção de sua cidadania.

Há eventos e marcos recentes, que vem ocorrendo desde o fim dos anos 1980, nos meios de comunicação brasileiros, que colaboram para a construção midiática que narra o negro na perspectiva do negro. A seguir, serão pontuadas algumas dessas produções culturais e midiáticas que vem ocorrendo nesse âmbito, em que a questão do racismo ou negritude é abordada, dando enfoque à presença de mulheres negras.

O negro na produção audiovisual brasileira vem buscando conquistar espaços para dar visibilidade a sua própria vivência e mostrar como ela pode ser diversa e complexa. No ano de

2000, durante o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo Jeferson De¹ apresenta seu manifesto chamado *Dogma Feijoada*². Neste manifesto foram apresentadas proposições que ele chamou de sete mandamentos para um cinema negro brasileiro.

São eles: 1) O filme tem que ser dirigido por um realizador negro; 2) O protagonista deve ser negro; 3) A temática do filme tem que estar relacionada com a cultura negra brasileira; 4) O filme tem que ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes; 5) Personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos; 6) O roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro; 7) Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados. (CARVALHO, 2005, p. 96)

O documentário *A negação do Brasil* (2000), de Joel Zito Araújo, reúne através de entrevistas e imagens de arquivos, a participação de atores negros e atrizes negras em telenovelas brasileiras. No filme, os atores analisam os papéis atribuídos a eles mesmos, observando o quanto frequentemente eram escalados para fazer o mesmo tipo de personagem, como, por exemplo, empregada doméstica ou escravizados. Para refletir sobre esses papéis que se repetem João Carlos Rodrigues (2011), aborda os arquétipos de pessoas negras cinema brasileiro, dentre eles encontrou: pretos velhos, mãe preta, mártir, negro de alma branca, nobre selvagem, negro revoltado, negão, malandro, favelado, crioulo doido, mulata, musa e afro-baiano.

A cineasta Yasmin Tainá, que dirigiu *Kbela* (2015), em 2017, junto de outros realizadores negros cria o Afroflix, uma iniciativa feita através de uma plataforma colaborativa, que reúne conteúdos audiovisuais online, que foram selecionados a partir de critérios relacionados à atuação e realização negra, seja ela técnica ou artística. Pré-requisitos que assemelham-se aos do manifesto *Dogma Feijoada*. Dentre as produções encontram-se filmes, séries, web séries, programas diversos, *vlogs* e videoclipes.

As narrativas de mulheres negras contidas em *videoblogs*, hospedados na plataforma YouTube também ganharam força nos últimos anos. E o principal tema que vem sendo abordado nesses vídeos é a transição capilar (processo de abandono do cabelo quimicamente alisado para o crespo/cacheado). Nesse espaço, “Negras e mestiças encontraram na rede, uma

¹ Cineasta brasileiro.

² O manifesto de Jeferson De ganhou esse nome em alusão ao movimento europeu *Dogma 95*, que se formou a partir de um outro manifesto de cineastas dinamarqueses, que propunha uma série de regras com relação às técnicas utilizadas para fazer cinema, indo contra a exploração industrial do modelo hollywoodiano. Segundo Carvalho (2005) a imprensa absorveu rapidamente o debate do manifesto, o que gerou uma certa polêmica. Diziam que o manifesto parecia mais uma imitação do *Dogma 95*. “Outros tomaram-no como forma de racismo negro. O conceito de dogma incomodava os adeptos do mito da liberdade de criação e os mais maquiavélicos viam nele apenas um golpe de marketing para promover o cineasta.” (CARVALHO, 2005, p. 97). Mas esta foi mais uma forma de chamar a atenção para a lacuna existente no cinema brasileiro, em que até hoje proporciona pouco espaço para o cinema negro; podendo ser lido também como um ato performativo e político para disputar espaço muitas vezes negado.

forma de se enxergar de um modo diferente, o audiovisual apresenta nesse sentido como um espaço de luta simbólica” (SILVA, 2017, 106). Sendo que *Vlogueiras*³ negras chegam a contar com milhões de seguidores nas plataformas digitais, nas quais utilizam-se de estratégias de circulação transmidiáticas, produzindo conteúdo para diversas plataformas de mídias sociais e para televisão.

Por outro lado, em pesquisa realizada em 2011, incluindo os telejornais das principais emissoras de TV de sinal aberto (SBT, Globo, Record, Rede TV e Bandeirantes), Acevedo e Trindade (2011) constataram que 6,15% dos apresentadores eram negros, diante de 93,85% brancos, na mesma função, sendo que essa desproporção também era semelhante ao que ocorria em diferentes produtos midiáticos como novelas, ou ainda, anúncios publicitários.

Porto Alegre é o local onde é realizada a pesquisa proposta, portanto observando o cenário cultural da metrópole, podemos notar uma maior presença de eventos e produções relacionadas à questão negra e principalmente às mulheres negras. O evento de literatura *FestiPoa Literária*, realizado há 12 anos, conta com um convidado homenageado todo o ano. Nas duas últimas edições (2018 e 2019) o evento teve como principais convidadas, as escritoras negras Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, além de contar com a presença de Djamila Ribeiro, Elisa Lucinda, Chico César, MV Bill, Rafa Rafuagi, Tom Farias, Winnie Bueno, Luedji Luna, Rincon Sapiência, Ana Maria Gonçalves e Cidinha da Silva, Joice Berth, que são personalidades que compõem a cena negra intelectual, artística, musical e literária brasileira contemporânea.

O *slam*, que é uma competição de poesia falada e um movimento social, cultural e artístico que ocorre no mundo todo, em Porto Alegre, temos como um exemplo, o *slam das Minas RS*. Este evento é protagonizado por mulheres, sendo um foco urbano de expressão por demandas por transformações sociais. Para Mazer (2018), “o olhar interseccional sobre as cenas na capital mostra a necessidade de se refletir futuramente sobre outras formas de ser uma MC na cidade, sobre a representatividade das mulheres negras na cultura gaúcha, [...] e sobre o gauchismo e o tradicionalismo na cultura hip-hop” (MAZER, 2018, p. 148).

O grupo Pretagô, formado em 2014 em Porto Alegre, utiliza-se do teatro como laboratório pesquisa sobre identidade e representatividade negra nas artes cênicas. Desde então realiza apresentações de espetáculos e intervenções performáticas nos teatros e bares da cidade. *Qual a diferença entre o charme e o funk?*, *AfroMe* e *Humor negro night show*, são as principais

³ As palavras *vlogger* ou *vlogueiro* são utilizadas para denominar quem produz vídeos em formato de blog (que podem ser caracterizados como “diários online”). A maioria desses vídeos estão hospedados na plataforma YouTube, por isso também vem sendo utilizada a palavra *youtuber*, para se referir aos produtores de conteúdo.

produções. O nome do grupo propõe uma justaposição de palavras, nas quais *preta* refere-se à presença feminina – que é predominante no grupo –, e *agô*, uma saudação vinda do Iorubá⁴.

Além dos projetos citados, em Porto Alegre há diversos espaços que têm como objetivo fortalecer a identidade negra através da promoção de eventos culturais ou encontros de formação histórica, social, política relacionada a negritude. Alguns exemplos desses coletivos são a Oficina de leitura em língua Inglesa: Autoras negras, o grupo de estudos Atinuké e o sarau Sopapo Poético.

Portanto, a partir dessa explanação, entende-se que há uma ascensão do negro no campo midiático e cultural. Ao compreendermos que há essa ascensão em termos de produção, propomos, então, um debate a partir da perspectiva do consumo desse conteúdo, ou seja, do ponto de vista das audiências. Porém, antes de apresentarmos nossa problematização, mostramos os resultados de uma busca acerca dos trabalhos acadêmicos que contemplam uma abordagem similar à nossa pesquisa, na área da comunicação.

Tratando-se, agora, do cenário acadêmico, buscamos por pesquisas que tratassem de gênero e raça, que estivessem dentro do âmbito dos estudos de consumo e recepção midiática e que fossem construídas com uma base empírica, ou seja, que realizassem entrevistas com os sujeitos. Desse modo, através dos termos como *interseccionalidade*, *gênero* e *raça*, junto de *consumo cultural* e *consumo midiático*, encontramos no banco de pesquisas da CAPES e no Google Acadêmico, uma dissertação, um artigo, e dois trabalhos de conclusão de curso.

Na dissertação *Como elas fazem e ouvem funk em porto alegre: Estratégias de autopromoção midiática e práticas de consumo*, Guilherme Libardi (2014) investigou produção de funk e consumo de jovens mulheres de classe popular da cidade de Porto Alegre. Em que foi possível identificar uma inspiração feminista presente tanto na produção quanto no consumo das entrevistas.

Com o objetivo de verificar as interpretações que moradoras de uma comunidade do Rio de Janeiro fizeram sobre o seriado *Sexo e as negas*, Nelson Rosário de Souza e Daniela Drummond (2017) realizaram o artigo *Sexo e as negas: Da ficção à realidade sob uma perspectiva interseccional*. Nessa pesquisa, foi possível identificar uma visão crítica das entrevistadas sobre o seriado, em que elas questionam as profissões e tipos de relacionamentos de personagens negros da série.

⁴ Um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental. No continente americano, o iorubá (também chamado de nagô) é o idioma utilizado em ritos de religiões de matriz africana

O trabalho de conclusão de curso *A identidade da mulher negra e suas articulações com consumo midiático*, de Pâmela Ramos de Souza (2017), tratou da construção de identidade da mulher negra através de seu consumo midiático, no qual identificou-se o uso da internet como uma das principais vias de enfrentamento ao racismo. Já, a monografia de Julia Chagas Ribeiro (2017), *O poder das mulheres na representação midiática: Percepções da audiência sobre personagens das séries de Shonda Rhimes*, que teve a proposta de interpretar a percepção do público de personagens femininas, dentre elas mulheres negras, das séries de *Grey's Anatomy*, *How to get away with murder* e *Scandal* constatou que o público entrevistado compreendeu essas personagens como sendo batalhadoras, determinadas, inteligentes e competentes.

Compreendemos, assim, que interseccionalidade, gênero e raça e mulheres negras, são temas timidamente contemplados nos estudos de recepção e consumo, no âmbito da produção científica de comunicação brasileira. Por isso, com esta pesquisa temos como finalidade contribuir com os estudos gênero e raça na comunicação. Sendo que, nossa abordagem leva em conta os processos culturais e cotidianos, pelo viés dos Estudos de Consumo e Recepção, presentes na área da comunicação. Assim como, temos inspiração nos estudos de Jesús Martín-Barbero, entendendo, dessa forma, o receptor como um agente ativo no processo de comunicação. A filiação a essa perspectiva teórico-metodológica tem o objetivo de enriquecer o debate comunicacional, desde o ponto de vista das audiências.

A proposta dessa pesquisa vem de uma questão que pouco se trabalhada na comunicação, que é a questão racial. Em uma sociedade em que o racismo é um elemento que perpassa as relações sociais, faz-se necessário entender seus efeitos, tal como a exclusão de consumidores, advinda do processo de racialização. É preciso, dessa forma, pensar se haveria um impedimento do exercício da cidadania, ocorrido num processo de exclusão pelo consumo, atravessado pelo fator das distinções raciais que foram sendo construídas socialmente e politicamente ao longo do tempo.

O problema da pesquisa foi desenvolvido a partir de dois aspectos que envolvem a vivência das mulheres negras: o cenário midiático e cultural, que é fonte de referências seja de beleza, de modos de se portar, de profissão, de família, de religião, de territórios (local da cidade em que se vive), de historicidade; e a forma com que as mulheres negras consomem esse conteúdo, junto de seu contexto, carregando suas matrizes culturais. Delineou-se, desse modo, a seguinte problematização: **como o consumo cultural e midiático de mulheres negras está implicado na construção de suas identidades?**

Sendo o objetivo geral, compreender como se dá a dinâmica da interseccionalidade, no que concerne raça e gênero, relacionada aos seus processos de consumo cultural e midiático,

que pode vir a refletir na construção de identidade. Sendo os objetivos específicos: mapear as principais fontes de consumo cultural e midiático presentes no cotidiano de mulheres negras; elencar as principais temáticas presentes nesse consumo e principalmente no que diz respeito a raça e ao gênero; apontar as práticas cotidianas relacionadas a esse consumo; Identificar aspectos nessas práticas que são específicos da interseccionalidade de raça e gênero e que contribuem na formação de sua identidade.

2 CONSUMO, MÍDIA E IDENTIDADE

A abordagem teórica desta dissertação parte da união do campo dos estudos culturais com o campo da comunicação, que pode ser reconhecida como estudos culturais de audiência. Onde “o interesse central dos estudos culturais é perceber as intersecções entre as estruturas sociais e as formas e práticas culturais” (ESCOSTEGUY, 2001, P. 45), e a comunicação é pensada a partir do ponto de vista do sujeito, do consumidor, do receptor midiático. Desse modo, queremos compreender os processos implicados na relação dos sujeitos com os meios, para assim, perceber as imbricações que se dão entre cultura e comunicação. Jacks e Toaldo (2017) e Wottrich (2018) colocam que há três vertentes pelas quais os estudos culturais de audiência são abordados: consumo cultural, consumo midiático e recepção. Sendo que, elegemos o consumo cultural e midiático, como alicerce desta pesquisa.

Assim, nosso ponto de partida são os estudos culturais latino-americanos, que têm como teóricos mais importantes Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez. Em meio a perspectivas teóricas da comunicação que priorizavam os meios, no final do século XX, esses autores buscaram nas culturas populares outros modos de pensar a comunicação, com foco nos usos e apropriações do receptor, eles mostraram a importância do “contexto, as interações, os sujeitos e, com isto, os estudos de recepção” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 56). Neste cenário, o que passa a ser o centro da comunicação, são as relações de poder e as práticas da vida cotidiana.

Diante disso, direcionamos o enfoque da pesquisa para o consumo cultural e midiático e sua relação com a questão da identidade.

2.1 Consumo cultural e midiático: uma concepção sociocultural

Néstor García Canclini (1992), propõe a definição de consumo através de uma perspectiva sociocultural, em que busca superar pontos de vista que denominam o consumo por um viés exclusivamente econômico ou psicológico. Para além do tensionamento deste lugar-comum que é dado ao consumo, o autor especifica o consumo cultural, apontando para o valor simbólico que perpassa as relações de usos e trocas.

No texto intitulado *Los estudios sobre comunicación y consumo*, Canclini (1992) concebe o consumo de uma perspectiva sociocultural, na qual “ocorrem movimentos de assimilação, rechaço, negociação e refuncionalização daquilo que os emissores propõem [...]”.

Cada objeto destinado a ser consumido é um texto aberto que exige a cooperação do leitor, do espectador, do usuário” (CANCLINI, 1992, p.13). Sendo assim, dentro de uma chave de compreensão, em que “o consumidor nunca é um criador puro, mas o emissor também não é onipotente” (CANCLINI, 1992, p.13), o autor busca quebrar o paradigma de dominação dos meios, criticando a noção de que haveria uma ideologia sendo transmitida pelo emissor ao receptor de uma forma vertical e unidirecional.

Para elaborar tal ideia, Canclini (1992) critica duas concepções dadas consumo: a naturalista das necessidades, na qual questiona a existência de necessidades naturais ou universais; e a instrumentalista dos bens, em que defende não haver uma correspondência mecânica entre necessidades e objetos, ou seja, os bens não são produzidos exclusivamente pelo seu valor de uso. Assim, para o autor, o consumo ocorre através de um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam apropriações e usos dos produtos” (CANCLINI, 1992, p. 10, tradução nossa).

Desta forma, para compreender o consumo é necessário que se ultrapasse as concepções naturalista e instrumentalista, de modo a levar em conta as práticas socioculturais, sem que se perca a racionalidade econômica. Para dar conta das diferentes dimensões do consumo, Canclini (1992) apresenta seis teorias, que estão ancoradas na proposta de pensar o consumo de uma forma plural, abrangendo aspectos econômicos, sociológicos, antropológicos e psicanalíticos. Essas teorias já foram abordadas de forma resumida por Jacks e Toaldo (2017), nas seguintes proposições:

- 1) o consumo como o lugar de reprodução da força de trabalho e de expansão de capital; 2) como o lugar onde as classes e os grupos competem pela apropriação do produto social 3); como lugar de diferenciação social e distinção simbólica entre os grupos; 4) como sistema de integração e comunicação; 5) como cenário de objetivação dos desejos; 6) como processo ritual. (JACKS; TOALDO, 2017)

Este conjunto de proposições, por um lado, amplifica a visão do consumo para além do *consumismo*, mas por outro carrega limitações metodológicas. Para Jacks e Escosteguy “a localização do consumo como parte integrante do ciclo da produção e da circulação dos bens simbólicos tornam mais visíveis seus complexos mecanismos, os quais extrapolam a simples ideia de ‘compulsão consumista’.” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 58). Entretanto, embora haja uma ampliação e complexificação da questão do consumo, ela ainda não se mostra autossuficiente, na medida em que “esta perspectiva não se constitui propriamente numa corrente, mas se apresenta como formulação para analisar [...] o processo do consumo, em especial o cultural, que passa a ser visto como espaço fundamental na constituição das

identidades culturais” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p.60). Sendo assim, essas proposições colaboram para ampliar as perspectivas analíticas a respeito do consumo.

Além disso, Canclini (1997), na obra *Consumidores e Cidadãos*, propõe o consumo como uma forma estratégica de exercer cidadania. O autor justifica essa conexão entre consumo e cidadania a partir do entendimento de que o mercado absorve (nos seus moldes) as demandas de determinados setores da sociedade, por participação na vida pública, na medida que o Estado não às atende. Atualmente, “o mercado estabelece regime convergente para essas formas de participação através da ordem do consumo” (CANCLINI, 1997, p. 24). Conforme o autor,

a insatisfação com o sentido jurídico-político de cidadania conduz a uma defesa da existência, como dissemos, de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial, outra de gênero, outra ecológica, e assim podemos continuar despedaçando a cidadania em uma multiplicidade infinita de reivindicações. (CANCLINI, 1997, p. 23).

O autor mostra que o exercício da cidadania pode estar presente nas formas de consumir. E os modos de reivindicação política contemporâneas, que emergem através do desenvolvimento tecnológico, não deixam de estar associados às formas de ações cidadãs através do consumo. Para Canclini (1997),

quando se reconhece que ao consumir também se pensa, se escolhe e reelabora o sentido social, é preciso se analisar como esta área de apropriação de bens e signos intervém em formas mais ativas de participação do que aquelas que habitualmente recebem o rótulo de consumo. Em outros termos, devemos nos perguntar se ao consumir não estamos fazendo algo que sustenta, nutre e, até certo ponto, constitui uma nova maneira de ser cidadãos. (CANCLINI, 1997, p.31)

Em consonância, Jesús Martín-Barbero (1997) mostra a necessidade de se pensar o consumo através de seu caráter popular. Para o autor, “o consumo pode falar e fala nos setores populares de suas justas aspirações a uma vida mais digna. Nem toda busca de ascensão social é arrivismo; ela pode ser também uma forma de protesto e expressão de certos direitos elementares” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 289). Além disso, o autor argumenta que o espaço doméstico representa um espaço de liberdade, na medida em que ele “não se restringe às tarefas da reprodução da força de trabalho” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 289).

Martín-Barbero (1997) especifica como esta perspectiva do consumo pode ser utilizada numa compreensão dos receptores não só num sentido econômico mas também político, pois através dos estudos do consumo também acessamos “as lutas contra as formas de poder que perpassam, discriminando ou reprimindo, a vida cotidiana e as lutas pela apropriação de bens e serviços” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 290). Dessa forma, podemos ter acesso às práticas

cotidianas e, podendo assim, perceber as relações dos sujeitos com o espaço, o tempo, o habitat, o corpo, para então, pensar suas identidades. Conforme o autor,

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: o lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 290)

Para Canclini (1992), todo o consumo é cultural, na medida em que sempre haverá uma dimensão simbólica no ato de consumir. Porém, ele assume que há uma especificidade que diferencia o *consumo* do *consumo cultural*, para ele, “esta distinção se justifica teórica e metodologicamente devido à parcial independência obtida pelos campos artísticos e comunicacionais na modernidade” (CANCLINI, 1992, p. 12, tradução nossa). Nesse sentido, assume-se o consumo cultural como uma prática específica, que formou-se a partir de um cenário em que

A arte, a literatura e a ciência se libertaram dos controles religiosos e políticos que impunham critérios heterônomos de valoração. A independência desses campos é produzida, em parte, por uma secularização global da sociedade, mas também por transformações radicais na circulação e no consumo. (CANCLINI, 1992, p. 12, tradução nossa)

Desse modo, o cenário da arte e da literatura ganharam, aos poucos, seus próprios públicos e passaram a configurar-se como mercados autônomos. “Um conjunto de instituições especializadas, como galerias de arte e museus, editoras e revistas, proporcionaram circuitos independentes para a produção e circulação desses produtos” (CANCLINI, 1992, p. 12, tradução nossa). Os bens tidos como culturais, passaram, assim, a conter valor de uso e troca além de impacto social e econômico.

Sendo assim, o consumo cultural é algo que envolve o mercado, os costumes, as simbologias, a identidade, os desejos, etc. De acordo com o autor,

é possível definir a particularidade do consumo cultural como o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca, ou onde ao menos estes últimos se configuram subordinados a dimensão simbólica (CANCLINI, 1992, p. 12, tradução nossa)

Porém, Canclini (1992; 1997) salienta que os meios de comunicação estão sempre suscetíveis a pressões de ordem econômica, embora continue a frisar que, no consumo cultural, o valor simbólico supera o valor econômico. A consequência disso, é que, mais tarde, principalmente com o desenvolvimento tecnológico do século XXI, há a necessidade de se fazer outra distinção. Jacks e Toaldo (2017) apontam o *consumo midiático* como uma derivação do

consumo cultural, referindo-se, desse modo, não apenas à especificidade econômica do consumo midiático, como também às práticas e aos usos desses bens.

Conforme, Jacks e Toaldo (2017, p. 19), “os estudos sobre consumo cultural tendem a abordar uma ampla variedade de relações dos consumidores com a oferta cultural que têm acesso, o que incluiria os meios de comunicação”. Nesta caracterização, os meios de comunicação, tornam-se um ponto de distinção dentro da cadeia simbólica, pois há uma implicação econômica mais expressiva a ser considerada frente às demais formas de consumo cultural. Jacks e Toaldo (2017), discutem a necessidade de definições mais consistentes, que melhorem a compreensão do consumo midiático no campo da comunicação:

na tentativa de aproximar-nos desse tema, percebemos duas tendências em grande parte dos estudos e autores consultados: análises sobre consumo e mídia e sobre consumo midiático propriamente dito. Os primeiros seguem uma linha que enfoca o papel da mídia no consumo e os últimos tratam do consumo do que é produzido pela mídia, ou seja, seus produtos. Entretanto, poucos são os casos encontrados sobre uma definição mais clara do que está sendo entendido como consumo midiático, qual é sua especificidade, que relação tem com o consumo cultural e com a recepção midiática (JACKS, TOALDO, 2017, p.)

O consumo midiático, sendo assim, é todo o tipo de consumo de mídia decorrente dos: “grandes meios – televisão, rádio, jornal, revista, internet (sites, blogs, celulares, tablets), *outdoors*, painéis – e dos produtos/conteúdos oferecidos por esses meios – novelas, filmes, notícias, informações, entretenimento, moda, espetáculos, publicidade” (JACKS, TOALDO, 2017, p. 25). São estudos da ordem da relação mais ampla com os meios de comunicação, sua presença no cotidiano pautando tempos, espaços, relações, percepções etc. (JACKS, TOALDO, 2017). Além disso, as autoras argumentam que

neste contexto, a oferta da mídia inclui também o próprio estímulo ao consumo, que se dá tanto através da oferta de bens (comércio eletrônico, publicidade, o dito merchandising, entre outros), quanto no que se referem às tendências, comportamentos, novidades, identidades, fantasias, estímulos apresentados em seus conteúdos (JACKS, TOALDO, 2017, p. 26).

Sendo assim, levamos em conta também “a importância conceitual do consumo cultural enquanto um espaço fundamental na constituição da identidade cultural” (ESCOSTEGUY, 1997, p. 111). Sendo que, o consumo cultural e midiático conecta-se às identidades quando observamos o campo midiático como uma área de produção de significações, através de representações e reiterações das identidades. Podemos perceber isso, nos grandes meios de produção midiáticos quando,

O rádio e o cinema contribuíram na primeira metade deste século [XX] com a organização dos relatos da identidade e do sentido de cidadania nas sociedades

nacionais. Agregaram às epopeias dos heróis e dos grandes acontecimentos coletivos, a crônica das peripécias cotidianas: os hábitos, os gostos comuns, os modos de falar e se vestir que diferenciavam uns povos dos outros (CANCLINI, 1997 p.139).

Consideramos, assim, que as disputas identitárias são balizadas por duas categorias: hegemonia e resistência⁵. Essa imbricação desencadeia em processos de negociação de sentidos, “que incorporam ‘imagens’ dessa ‘cultura de massa global’, mas com rastros de uma outra identidade, lastrada numa outra história” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 154).

É através da relação de negociação, que se estabelece entre a mídia e o receptor, que é possível observarmos, primeiramente, a reiteração das identidades por meio das mídias tradicionais. Mas, em segundo lugar, percebemos a deflagração das novas mídias digitais, onde ocorre a reinvenção e a reivindicação das identidades, em relação aos moldes apresentadas nas mídias tradicionais, e assim, impactando, também, os modos de produção hegemônicos. Conforme Canclini (1997), “não há apenas co-produção, mas também conflitos pela coexistência de etnias e nacionalidades nos cenários de trabalho e de consumo (CANCLINI, 1997, p.151).

Os meios de comunicação massivos vêm cedendo, por exemplo, com relação a aparição de pessoas negras, em sua programação. Porém, essa ocorrência, se dá principalmente por interesses econômicos. É por esses termos que ocorre a negociação (CANCLINI, 1997), que não é possível dizer que há um equilíbrio de poder, nas reivindicações identitárias, mas guardadas as proporções, interesses e contextos, essas grandes instituições vêm cedendo aos poucos. Sendo assim, a relação entre identidade e consumo cultural e midiático, ou ainda, entre a negritude e os bens culturais e midiáticos ocorre também através de tensionamentos que se dão frente aos modos de produção e representação. Com isso, os modos de operar e de agir de ambos permanecem em constante transformação.

Canclini (1997), também aponta para um elo entre o consumo cultural e midiático e as identidades, colocando as transformações diante de um cenário de globalização. Anteriormente, o papel de promover uma integração nacional era dado aos meios de comunicação massivos, para assim, disseminar aspectos das culturas regionais e nacionais (BARBERO, 1997). Já, no cenário contemporâneo, há um rompimento disso, pois o eixo de produção cultural e midiática volta-se para as novas tecnologias e para as novas possibilidades de apropriações do sujeitos. Assim, diferentemente dos antigos parâmetros de identidade, que operavam de uma forma mais restrita, como por parâmetros regionais, as identidades contemporâneas têm seus aspectos moldados pelo mundo globalizado.

⁵ Desenvolvidas por teóricos dos Estudos Culturais como Hall e Martín-Barbero, a partir do legado Gramsci.

Em meio ao processo de globalização, vemos a luta por cidadania, que é feita aos moldes de reivindicações identitárias, como uma das possibilidades de apropriação dos bens culturais e midiáticos pelos sujeitos. Assim, observamos as formas que escapam ao enquadramento político institucional de reivindicações à cidadania, ou seja, que se dão pelo microssocial, que se refletem em uma valorização das identidades. Para Canclini (1997),

se reconhecemos este deslocamento dos cenários em que se exerce a cidadania (do povo à sociedade civil) e esta reestruturação do peso do local, do nacional e do global, algo terá de acontecer à forma pela qual as políticas representavam as identidades. Outro modo cultural de fazer política e outros tipos de políticas culturais deverão surgir (CANCLINI 1997 p. 34).

Esse modo cultural de fazer política encontra-se nas identidades contemporâneas, na medida em que elas “estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados; [...] [que] operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferido e segmentado de bens” (CANCLINI 1997 p. 34). Sendo o consumo cultural e midiático uma das forças que colabora para que ocorra esse deslocamento das identidades.

Para Canclini (1997, p. 149), “uma teoria das identidades e da cidadania deve levar em conta os modos diversos com que estas se recompõem nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura”. Por isso, dentro do sentido de negociação (CANCLINI, 1997), temos que pensar os modos de apropriação dos meios de comunicação, que estão conectados tanto às formas hegemônicas quanto à resistência frente a estas.

Portanto, compreendermos que o consumo cultural e midiático também faz parte da construção das identidades. E, esse movimento, se dá, não apenas de um modo passivo, num sentido dos sujeitos apenas reiteraram as representações, mas ocorre também de um modo ativo, através dos usos e apropriações das produções simbólicas que representam as identidades.

2.2 Identidades e comunidades interpretativas: construções e percepções sociais

Neste item, buscamos nos aprofundarmos no conceito de identidade a partir da perspectiva dos estudos culturais. E, depois, delineamos a noção de comunidades interpretativas, na tentativa formular os parâmetros teóricos relacionados ao contexto em que se localiza o grupo social escolhido para ser analisado. Dito isso, passamos a abordar cada uma dessas concepções separadamente.

De um modo geral, a identidade pode ser compreendida como a forma com que os indivíduos se definem perante os outros, o que pode ocorrer através de um modo individualista, em que se recorre há algum traço de personalidade, mas também, de um modo mais amplo, no qual as definições ocorrem através de marcadores estruturais da sociedade. Por exemplo, gênero, raça, sexualidade, classe, etnia, nacionalidade. Para esta pesquisa, importa mais essa última perspectiva, pois é através dela que chegaremos a questão da interseccionalidade.

Para abordar a identidade tomamos como base teórica os Estudos Culturais, através de Kethryn Woodward (2000) e Stuart Hall (2000), que compreendem a identidade por uma perspectiva não essencialista. Esses autores nos ajudam a elaborar a identidade como um elemento histórico e social que vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Eles colocam a importância e a necessidade de estarmos discutindo a identidade atualmente, chamando a atenção para aspectos como a globalização, a fragmentação e os modos de reivindicação contemporâneos.

Segundo Woodward (2000) há uma discussão em voga sobre a identidade partindo de posições *essencialistas* e *não essencialistas*. A primeira, para validar a identidade, busca uma verdade universal, recorre ao que é fixo e imutável. Já a segunda, pensa a identidade como algo que se modifica ao longo do tempo, que carrega uma multiplicidade, que depende do espaço-tempo para ser definida, sempre necessitando de contexto. Esta é a posição adotada pela autora, e é a que nos filiamos também. Woodward (2000) aponta que “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14, grifo da autora). Sendo que ela necessita de um contexto, desse modo, precisamos levar em conta sua vinculação “a condições *sociais* e *materiais*” (WOODWARD, 2000, p. 14, grifo da autora) para compreendê-la. Conforme Hall (2000),

O conceito de identidade [...] não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional [...]. Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais

fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

A identidade ganha sentido através de múltiplos fatores, entre eles encontram-se a linguagem, os sistemas simbólicos e o social. A questão da linguagem passa pela nomeação, pois, por exemplo, quando chamamos alguém de *brasileira*, este nome está carregado de sentidos, tanto valores positivos quanto negativos, sendo que estes foram construídos ao longo da história, e podem estar em constante mutação.

Além disso, a construção e manutenção da identidade vem de aspectos sociais e simbólicos. Segundo Woodward (2000, p. 14), “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, que é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais”.

É, também, através da história que podemos encontrar a expressão desses três aspectos de construção da identidade, pois a partir dela é possível reivindicar uma revisão da linguagem, do sistema simbólicos e social, como podemos pensar, por exemplo, a história das mulheres ou das identidades nacionais. Sendo que, “a redescoberta do passado é parte do processo de *construção da identidade*” (WOODWARD, 2000, p. 12, grifo da autora).

Os conflitos identitários decorrem por diversos interesses tais como uma disputa pela narrativa histórica de determinado grupo. Pois um dos fatores que formam a identidade é a herança histórica, ou seja, é ter um passado. Assim, pode haver um movimento de resgate desse passado, que pode ter sido apagado pela história que é hegemonicamente contada. Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado [...] que poderia validar a identidade que reivindicamos (WOODWARD, 2000, p. 27). Buscando, dessa forma, recuperar características, “que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural como o filme, para reforçar e reafirmar a identidade” (WOODWARD, 2000, p.28). Em outras palavras, é através das produções simbólicas, de representações sociais que esse passado pode ser constantemente produzindo.

A representação, como um processo cultural construído através do simbólico, também está conectada à identidade. Para Woodward (2000), a representação

inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2000, p. 17).

Para Woodward, tanto a produção de significados quanto a produção das identidades “são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação” (WOODWARD, 2000, p. 18). A mídia, por exemplo, pode ser compreendida como um produtor de representações sociais, que são definidas, em geral, por marcadores identitários. Sendo assim, “os sistemas simbólicos fornecem novas formas de dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados” (WOODWARD, 2000, p. 19).

Woodward (2000), também chama a atenção para as identidades que vem sendo definidas pelas mudanças sociais, em que, contemporaneamente podemos observar um deslocamento, no qual há uma “relativa diminuição da importância das afiliações baseadas na classe, tais como os sindicatos operários e o surgimento de outras arenas de conflito social, tais como as baseadas no gênero, na “raça”, na etnia ou na sexualidade” (WOODWARD, 2000, p. 29). Sendo assim a visão totalizante de classe perde força e começa a emergir uma “multiplicidade de centros” que conduz os modos contemporâneos de reivindicação.

É disso que decorrem os novos movimentos sociais, em que “a política de identidade é o que define esses movimentos sociais, marcados por uma preocupação profunda pela identidade” (WOODWARD, 2000, p. 34). A política de identidade é um mecanismo que reitera a identidade cultural de quem pertence a parcela marginalizada da sociedade.

Nesse sentido, podemos perceber uma ambivalência na questão das identidades. A identidade torna-se, assim, um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica (WOODWARD, 2000, p. 34). Isso é o que veremos, mais adiante, no capítulo 3, quando chegarmos a questão da interseccionalidade, pois os marcadores gênero e raça, que embasam esta pesquisa, são comumente vistos como aspectos de opressão, mas também como formas de celebração e positividade.

Podemos pensar, portanto, sobre como os aspectos da identidade vêm se transformando através dessas narrativas. Em relação às consumidoras negras, haveria algum tipo de ressignificação em suas perspectivas diante desse cenário? Segundo Stuart Hall,

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p. 109)

Entender a identidade é fundamental, pois esse elemento é constituído nas diversas camadas com as quais são produzidos processos de identificação. É por compreender a construção das identidades discursivamente, que articulamos, a partir daqui, com a noção de

comunidades interpretativas. Pois são uma das mediações para a construção de identidade em que, elas atuam na construção dos indivíduos, e os indivíduos também às constroem.

Apresentamos agora a noção de comunidades interpretativas, na busca de um embasamento teórico, que leva em conta as apropriações que os sujeitos implicados em nossa pesquisa fazem de forma coletiva. Podemos definir, brevemente, as comunidades interpretativas como conjuntos formados por sujeitos que compartilham de sentidos, valores ou ideologias. Isso é o que organiza as interações na recepção de conteúdo cultural e textos midiáticos. Seus membros são definidos por sua localização e funções sociais e pelas tradições culturais, convenções e sentidos que as unem (JENSEN apud SCHRAMM, 2006, p. 19).

O termo vem sendo utilizado pelos estudos literários, estudos culturais e estudos de recepção, principalmente por Fish (1980), Radway (1984) e Jensen (1987). E pode ser compreendido como um conjunto de forças sociais, políticas, midiáticas, históricas, culturais, que, de certa maneira, conectam um grupo de pessoas, formando seus repertórios, o que vai desencadear em um viés interpretativo semelhante.

Os estudos literários foram os primeiros a abordar o termo comunidades interpretativas. Stanley Fish (1980) e Janice Radway (1984) o utilizam para denominar as similitudes presentes nos modos de interpretação, em experiências de leitura de indivíduos que compartilham da mesma visão de mundo, e, conseqüentemente, das mesmas estratégias de interpretação. Fish (1980), concebe as comunidades pela forma como um texto é lido, considerando os sistemas que determinam a produção de sentido.

Schroder (1994) chama de *posicionamentos culturais* as “disposições que as pessoas atualizam em situações concretas como gênero, classe, etnia, geração, etc. (SCHRODER apud, SCHRAMM, 2006, p. 23). Nesse contexto, as perspectivas que servem de base para a interpretação de um consumidor de mídia, por exemplo, são considerados resultados do processo contínuo de formação de uma comunidade, que pode ser formada a partir de posicionamentos ideológicos, modos de interpretar o mundo, interações comunicativas nas comunidades interpretativas e sociais da vida cotidiana (SCHRODER, 1994).

Tratando de audiências, Jensen (1995) considera que as comunidades interpretativas formam-se a partir de sujeitos que estão conectados por uma propensão a geração de sentidos, que colaboram para a compreensão de uma realidade social de maneira semelhante. Porém o autor, ao se deparar com o termo, considerava a noção de comunidades interpretativas insuficiente, então ele propõe outras duas chaves para compor essa visão, abordadas nas ideias de *formações interpretativas e repertórios interpretativos*.

Jensen desenvolve a noção de formações interpretativas a partir âmbito do interpretante, elemento que compõe a tríade semiótica peirceana, junto ao signo e ao objeto. O autor também adota a concepção de sociedade de Giddens. Com esta aproximação da semiótica com a sociologia, de Peirce com Giddens, Jensen (1995) chama de “sociedade triádica”, uma ideia que busca relacionar as estrutura, os meios de comunicação e a ação humana. A sociedade triádica, seria, então, “a sociedade do significado e isto quer dizer que, entre a ação humana e as estruturas, existem marcos interpretativos como mediadores, um dos quais são os meios de comunicação de massa. (JACKS, 2011, p. 65). Para constituir a base do conceito de formações interpretativas, Jensen (1997), coloca em correspondência a tríade peirceana e os elementos sociológicos de Giddens, unindo: objeto e estrutura; signo e meios de comunicação; interpretante e ação humana.

As formações interpretativas também são definidas a partir de um fechamento do sentido, de um determinado grupo. Dependendo da posição social que se está localizado, isso acarretará no acesso aos certos códigos culturais que irão possibilitar as diferentes interpretações. Ou seja, “o lugar dos indivíduos na estrutura social tende a determinar a natureza dos discursos que lhes são acessíveis.” (SCHRAMM, 2006, p.16).

Os repertórios interpretativos são “uma evidência prático-discursiva, resultante de uma dada formação social, em articulação com um consenso interpretativo (JACKS, 2011, p. 68). Esta é uma ideia derivada da psicologia social, que compreende que a similaridade em um discurso de uma comunidade pode vir de seu repertório independentemente de ela ser ou não um grupo social. Uma comunidade científica, por exemplo, por mais que esteja espalhada geograficamente, que é formada pelo mesmo repertório (como em relação a um ponto de vista teórico), conseqüentemente, pode fazer uma leitura similar sobre um determinado fenômeno. Para Jensen (1997), é na abordagem empírica, nas falas dos membros do grupo estudado, que é possível identificar seus repertórios. Além disso, mesmo que um grupo social, seja colocado como uma aparente comunidade interpretativa, devido a sua formação sociocultural, os repertórios dos sujeitos podem ser muito diferentes. No caso dos estudos dos meios e das audiências, os repertórios são importantes pois estão mediando o consumo.

Desse modo, a concepção de comunidades interpretativas de Jensen aponta para “uma conjuntura estratégica entre a micro e macrosociedade, entre os aspectos materiais e discursivos da semiose social e entre os diversos níveis e processos da estruturação social” (JACKS, 2011, p. 66). Esse ponto de vista abstrato, inicialmente abstrato, torna-se operacionalizável pelo trabalho empírico, na identificação de repertórios interpretativos e de

dados demográficos, através dos quais é possível acessar as formações interpretativas, encontrando-se, assim, uma caracterização inicial de estrutura social.

Em uma pesquisa de cunho etnográfico na comunicação como esta, a noção de comunidades interpretativas é importante para o reconhecimento de “estratégias interpretativas oriundas do pertencimento dos leitores a comunidades interpretativas” (SCHRAMM, 2006, p. 21). Desse modo, ao acionarmos essa noção em nossas análises, buscamos o que conecta as entrevistadas através de seus repertórios.

Por fim, é importante frisar que “uma comunidade interpretativa é antes interessada do que neutra. Os sentidos e textos produzidos por uma comunidade interpretativa procedem de um ponto de vista público (SCHRAMM, 2006, p. 21). Essa noção contribui para que se observe de que forma a comunidade interpretativa tem a potencialidade de não apenas ampliar, mas de restringir as possibilidades de interpretação.

3 CONJUGANDO FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE

O debate sobre as categorias de raça⁶ e gênero vem sendo protagonizado por intelectuais negras que procuram questionar o eurocentrismo e a hierarquização dos saberes que as colocam em um local subalterno na sociedade. Sendo que, esta abordagem advém, principalmente, das lutas e correntes teóricas do feminismo. Dessa forma, nesta seção será desenvolvida uma abordagem histórica e teórica das lutas feministas, e dentro disso, o feminismo negro e formação da noção de interseccionalidade.

Há diversos registros históricos de críticas e denúncias à desigualdade entre homens e mulheres no ocidente⁷. O que se entende, hoje, por feminismo pode ser compreendido como uma prática, uma corrente de pensamento, uma ideia ou ainda uma ideologia, que tem como principais questões, o sexismo e a opressão, conforme aponta bell hooks⁸ (2018). Ou ainda, pode ser apontado como “todo o gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de grupo” (DUARTE, 2019, p. 26). Além disso, o feminismo, enquanto crítica, “revela o caráter particular de categorias dominantes, que se apresentam como universais, e propõe a crítica da racionalidade burguesa, ocidental, marxista inclusa, que não se pensa em sua dimensão sexualizada, como criação masculina, logo excludente” (RAGO, 2019, p. 374).

O feminismo vem propondo mudanças na organização social em suas reivindicações e práticas, e dessa forma, busca combater as hierarquias existentes entre homens e mulheres. Entretanto, ele não é movimento formado por um conjunto de ideias extremamente coesas, são diversas questões que se encontram dispersas, mas que ao mesmo tempo convergem em pontos que estruturam o próprio movimento. Ao longo do tempo, ele vem carregando uma pluralidade e multiplicidade no que diz respeito a suas vertentes (OLIVEIRA, 2010), mantendo participação na “ampla crítica cultural, teórica, epistemológica em curso, ao lado da psicanálise, da

⁶ Por mais que a separação de seres humanos em raças não tenha razão científica, ainda assim há um tratamento específico, hierárquico e segregatório direcionado a grupos sociais não brancos, com determinadas características que englobam não apenas a cor, mas traços físicos e práticas culturais, dessa forma optou-se pela utilização do termo *raça*, uma vez que essa é a abordagem mais aceita no campo das Ciências Sociais para designar o processo de racialização. (SCHWARCZ, 1995; MUNANGA, 2004; SCHUCMAN, 2010; ALMEIDA, 2018; MBEMBE, 2018).

⁷ O único registro histórico de um centro para a formação intelectual da mulher foi a escola fundada por Safo, poetisa nascida em Lesbos no ano de 625 a.C os fragmentos conhecidos de poemas seus, cantando os deuses e o amor justificam colocá-la entre os grandes nomes da literatura da Grécia Antiga. (ALVES; PITANGUY, 2017)

⁸ O nome bell hooks foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula, que desafia convenções linguísticas e acadêmicas, pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular mas estar em permanente movimento.

hermenêutica, da teoria crítica marxista, do desconstrutivismo e do pós-modernismo” (RAGO, 2019, p. 373). Podemos encontrar isso, quando observamos as mais diversas nomenclaturas, atribuídas a essa ideia como ‘feminismo liberal’, ‘feminismo socialista’, ‘feminismo radical’ (AMORÓS; MIGUEL, 2005) ‘feminismo negro’ (JABARDO, 2012), ‘feminismo decolonial’ (LUGONES, 2014), transfeminismo. Ou ainda nos estudos acadêmicos ‘estudos de mulheres’, ‘estudos feministas’, ‘estudos de gênero’, ‘campo feminista de gênero’ (MATOS, 2010). Sendo que essas categorias nem sempre derivam uma da outra ou encontrando-se na mesma camada epistemológica.

3.1 Feminismo: um movimento de ondas e metamorfoses

Joan Scott (2019) aponta que “a história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino; nos seus contextos específicos é uma tentativa de reverter ou deslocar seus funcionamentos” (SCOTT, 2019, p. 65). É através dessa perspectiva que queremos traçar um breve histórico do movimento feminista, trazendo não só acontecimentos políticos, como também desdobramentos teóricos.

O termo *ondas*⁹ foi eleito pela academia para chamar os momentos em que ocorreram os marcos políticos e conceituais do feminismo. Apesar de não serem estanques, dizem respeito às movimentações que repercutiram mais fortemente na sociedade ocidental. Identificar o feminismo em ondas, para Mann e Huffman (2005), é mais do que se remeter a uma história do feminismo (advinda principalmente dos Estados Unidos, Inglaterra e França), é sobretudo descrever os momentos históricos em que houve uma base massiva nas lutas feministas: “isso não significa que não houvesse feministas ou ativismo feminista antes ou depois das ondas, mas que as ideias e ações não se materializaram em movimento social de massa” (MANN & HUFFMAN, 2005, p. 58, tradução nossa).

Sendo assim, é necessário pontuar que as práticas que chamamos hoje de feministas, ocorrem e ocorreram a todo o momento ao redor do mundo, de forma dispersa, em muitos momentos da história. Além disso, historicamente muitas das pautas de reivindicação dos

⁹ A esse ponto de vista (das *ondas*) existem diversas críticas, seja porque ele é uma perspectiva dada a partir do norte global, seja por dar uma ideia de que a cada vez que se encerra uma onda todas as suas reivindicações foram atendidas para que a próxima pudesse começar. Tal perspectiva dá estrutura a esse trabalho, porém registra-se essa como uma abordagem que, embora hegemonicamente aceita na academia, também sofre críticas, pois não dá conta de diversos feminismos periféricos que foram surgindo em diversos locais do mundo. Conforme Mohanty (2008, p.127), “qualquer discussão sobre a construção intelectual e política dos “feminismos do terceiro mundo” deve tratar de dois projetos simultâneos: a crítica interna dos feminismos hegemônicos “ocidentais” e a formulação de interesses e estratégias feministas baseadas na autonomia, geografia, história e cultura.”

direitos das mulheres, que são marcos da formação deste movimento social continuam a fazer parte da agenda feminista até os dias atuais.

Dentro dessas fases, sempre há divisões e disputas internas, sendo que tais processos já funcionam como impulso para a onda seguinte. Quando uma onda termina não significa que suas questões pautadas foram resolvidas, mas que estão sendo complexificadas e ressignificadas, ou ainda que novas questões estão chegando, de forma a refazer a própria história do feminismo. Sendo assim, por esta pesquisa tratar do feminismo negro, serão constantemente acrescentadas visões críticas às ideias que são as mais aceitas dentro de cada onda.

A reivindicação pelo direito ao sufrágio mobilizou as mulheres por sete décadas em diferentes países e regiões do mundo (GURGEL, 2010, p. 3). O movimento sufragista, deflagrado no século XIX, na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha, está ligado à conjuntura social da época, na qual ocorreram diversas transformações no que diz respeito às dinâmicas do mundo do trabalho como consequência do desenvolvimento do capitalismo. O surgimento da sociedade moderna, alicerçada em princípios de cunho liberal, ressoou fortemente nas demandas de mulheres que lutavam por direitos civis, políticos e educativos, dos quais somente homens tinham acesso. Foi assim, que esse conjunto de ideias e práticas reivindicatórias passou a ser reconhecido como a *primeira onda* do feminismo.

Nesta fase, fizeram parte das demandas sociais deste grupo, principalmente, a reivindicação do direito das mulheres ao voto, além dos questionamentos direcionados à estrutura familiar, acesso e oportunidades relacionadas à educação e profissão. Porém essas questões estavam “ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento” (LOURO, 1997, p. 15).

No Brasil, no final do século XIX, jornais feitos por mulheres defendiam a educação para mulheres e a igualdade de direitos. Além disso, em relação ao mercado de trabalho,

a resistência à profissionalização da mulheres de classe alta e da classe média permanecia inalterada, pois se esperava que elas se dedicassem integralmente ao lar e à família. Apenas as moças pobres estavam liberadas para trabalhar nas fábricas e na prestação de serviços domésticos (DUARTE, 2019, p. 34)

A luta sufragista foi marcada pela criação do Partido Republicano Feminista, da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e da Associação Feminista.

A chamada *segunda onda* do feminismo tem início na metade do século XX. Nesta fase, surgiram com maior complexidade as questões teóricas, que acompanharam as pautas sociais e

políticas que permeavam o movimento. Nos anos 1960, diversos acontecimentos históricos serviram de pano de fundo na consolidação da segunda onda do feminismo. Nos Estados Unidos, a Guerra do Vietnã e o movimento por Direitos Civis; na França, maio de 1968, que repercutiu em toda a Europa; na América Latina a implantação das ditaduras. O movimento feminista fez uma grande problematização e politização da vida social por meio do questionamento da família, da sexualidade, da vida doméstica, de aspectos da vida privada, do mercado de trabalho e de direitos reprodutivos. Neste contexto, formaram-se diversas vertentes feministas entre elas encontravam-se “feminismo socialista”, “feminismo liberal”, “feminismo anti-imperialista”, “feminismo radical” (FRASER, 2019).

O ano simbólico de 1968 é constantemente reconhecido por ser um momento de ebulição social e cultural, em que intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens expressavam suas insatisfações com os arranjos sociais e políticos tradicionais. Segundo Louro (1997), “a referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo” (LOURO, 1997, p. 15). Um exemplo de que antes mesmo de 1968 já haviam marcos que impulsionaram o que veio a ser reconhecido como a segunda onda, foi a publicação de *O segundo sexo*, escrito por Simone de Beauvoir, em 1949. Na obra, a autora trata de questões como os papéis sociais dados à mulher e sua socialização.

A luta das mulheres pelo direito a ter um emprego foi uma das reivindicações e conquistas do movimento feminista da época. Betty Friedan, uma das feministas mais reconhecidas daquele tempo, publicou em 1963 *A mística feminina*, contestando a ideia de que é no casamento e na maternidade que a mulher realiza-se como ser humano, argumentando que as mulheres seriam tão capazes de trabalhar fora de casa quanto os homens. Entretanto, esse argumento corresponde apenas à condição de mulheres brancas pertencentes à classe média, pois mulheres negras, ou mulheres brancas pobres já trabalhavam nas casas de senhores, no campo e nas indústrias, porém em condições precárias. Beatriz Nascimento (2019), por exemplo, aponta para essa questão, quando argumenta que

devido ao caráter patriarcal e paternalista, atribui-se à mulher branca o papel de esposa e mãe, com a vida dedicada ao seu marido e filhos. Deste modo, seu papel é assinalado pelo ócio, mantendo-se amada, respeitada e idealizada naquilo que o ócio lhe representava como suporte ideológico de uma sociedade baseada na exploração do trabalho [e da pessoa] de uma grande camada da população [...]. Contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada essencialmente produtora, papel semelhante ao do homem negro, isto é, desempenha um papel ativo. (NASCIMENTO, 2019, p. 259).

Dentre as feministas que questionavam as hierarquias internas do feminismo, estavam as mulheres negras. Nos Estados Unidos, a legitimação de demandas sociais reivindicadas por mulheres negras está repleta de descontinuidades. Desde os anos 1970, essas questões vem ganhando fôlego no espaço acadêmico, mas um dos momentos mais significativos para essa história ocorreu ainda no século XIX, durante os movimentos por demandas sociais dos negros (pela abolição da escravatura) e das mulheres (pelo sufrágio universal), que ocorriam simultaneamente.

Em 1851, nos Estados Unidos, Sojourner Truth, mulher negra, que lutava pela abolição da escravatura e pelos direitos das mulheres, apresentou um discurso¹⁰ nomeado “E eu não sou uma mulher?”, realizado na Convenção dos Direitos da Mulher, que debatia a questão do sufrágio universal¹¹, no qual questionou o feminismo¹² e o movimento negro da época,

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação?

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem - quando tinha o que comer - e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (Uma pessoa da plateia murmura: "intelecto"). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida?

Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer. (TRUTH apud RIBEIRO, 2017)

¹⁰ O discurso, na época feito de improviso, foi registrado por Frances Gages, mas a primeira versão publicada foi registrada por Marcus Robinsom, na edição de 21 de junho de 1851, no *The Anti-Slavery* (RIBEIRO, 2017).

¹¹ O sufrágio universal era tanto interesse das mulheres quanto dos homens negros, da época (DAVIS, 1981)

¹² A luta pelo direito das mulheres do século XIX pelo sufrágio universal, mais tarde passa a ser compreendido como a “primeira onda” do feminismo (LOURO, 1997).

O discurso de Sojourner Truth abarcava, já em 1851, uma crítica que só começa a ser levada a sério mais de cem anos depois. Até então, o feminismo era um movimento que reivindicava o direito das mulheres, mas, na prática, as pautas eram voltadas apenas para mulheres de um determinado grupo social, ou seja, para uma mulher supostamente universal com raça, classe e papéis sociais pré-determinadas. Desse modo, fatores como o mundo do trabalho, a classe, as questões de raça ainda precisavam ser considerados. Dentre as principais intelectuais feministas negras que alcançam reconhecimento em relação a essas críticas, a partir dos anos 1970, identificamos, nos Estados Unidos, Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde, Patricia Hill Collins, e no Brasil essa luta ecoou principalmente com, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, entre outras. Ao mesmo tempo que elas foram impulsionadas pelo movimento feminista, aderindo a ele, também foram capazes de apontar onde estavam suas falhas. Para Bairros,

o pensamento feminista negro seria então um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afroamericanas que oferecem um ângulo particular de visão do *eu*, da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem (BAIRROS, 1995, p. 463, grifo nosso)

Em 1981, Angela Davis e bell hooks, publicam, respectivamente, *Women, Race and Class*, e *Ain't I a Woman? Black Women and Feminism*, obras nas quais as intelectuais e feministas negras, apresentam suas críticas e contribuições política e teóricas ao pensamento hegemônico do feminismo da época. Elas apontaram para problemas de exclusão das mulheres negras no feminismo, como por exemplo, a já citada luta pelo sufrágio universal em que ocorreu a união das mulheres brancas e dos homens negros, sendo as mulheres negras pouco ouvidas nessa questão.

Além disso, elas apontaram a questão da história que é contada sobre a reivindicação de mulheres para que tivessem acesso ao mercado de trabalho, nos anos, 1960 e 1970, como se essa fosse uma luta de *todas* as mulheres, esquecendo-se do trabalho que mulheres negras, e brancas pobres já realizavam, com a diferença de que era em condições precárias. Dessa forma as autoras discutem justamente as dificuldades do feminismo em colocar as questões de raça e classe.

No contexto brasileiro, o feminismo da segunda onda não teve a radicalidade dos países do norte, principalmente devido à ditadura militar vigente na época. Como consequência disso, conforme Pinto (2003), as contestações ocorreram a partir da própria posição de dona-de-casa, esposa e mãe, dentro de movimentos contra a carestia, clube de mãe, movimento pela anistia,

entre outros. Acrescenta-se a isso, uma separação e sobreposição das reivindicações de esquerda em relação às pautas feministas. Conforme Hollanda (2019),

ainda em contraponto com os estudos feministas internacionais, nossas pesquisadoras feministas privilegiaram uma pauta mais afinada com o discurso das esquerdas do que aquelas referentes ao aborto, à sexualidade, ao planejamento familiar, questões que não foram silenciadas, mas que permaneceram no âmbito das discussões privadas dos “grupos de reflexão”. Não é certamente por acaso que muitas de suas analistas nomeiem esse primeiro momento de “feminismo bem comportado”.(HOLLANDA, 2019, p. 11).

Diversas pesquisadoras brasileiras, da área, não necessariamente se identificavam com o feminismo, até os anos 1990. Segundo Hollanda, “é um sintoma bastante encontrado em muitas de nossas pesquisadoras e estudiosas engajadas na questão da condição feminina, e praticamente a regra entre as escritoras e produtoras culturais que trabalharam com uma perspectiva feminista” (HOLLANDA, 2019, p. 13).

O que marca historicamente a terceira onda é, principalmente, uma mudança na visão teórica, mas também a insatisfação de mulheres negras, lésbicas, transgênero, pobres, participantes dos movimentos sociais dos anos 1970 e 1980, que nem sempre identificavam-se com as reivindicações mais hegemônicas do feminismo. Mas ainda assim, muitas das reivindicações que já se davam na segunda onda, como as discussões sobre aborto, maternidade, violência continuaram a dar corpo ao movimento. Por essa fase do feminismo ser marcada principalmente por um traço teórico, optamos por retornar à discussão da categoria de gênero mais adiante, colocando-a junto da categoria de raça.

A partir dessa breve revisão, podemos pensar as autoras negras que estão em consonância tanto com a segunda onda, na medida que há uma constante reivindicação por um reconhecimento delas como sujeitos, quanto com a terceira onda do feminismo, na qual há um questionamento do que é “ser mulher”. Além de conter um sentido de fragmentação e questionamento teórico de conceitos universais e totalizantes.

3.2 Gênero e raça: primeiros passos para pensar a interseccionalidade

Na proposta desta dissertação abordamos a interseccionalidade a partir de duas categorias, gênero e raça, para analisarmos o consumo cultural e midiático de mulheres negras. Gênero e raça configuram-se de maneiras diferentes, mas têm em comum a característica de serem uma construção social. Desse modo, achamos necessária realizar a abordagem teórica de gênero e raça, compreendendo-as como categorias estruturais da sociedade. Isso tudo, para

apontar que, não há, assim, uma exclusividade para se pensar a interseccionalidade somente do ponto de vista de mulheres negras, ou seja, podem existir outras intersecções, principalmente levando em conta a categoria de classe, mas também sexualidade, idade, religião, entre outras. Dessa forma, antes de apresentar o feminismo negro e a interseccionalidade (item 3.3) adentrarmos, separadamente, nas definições de gênero e raça.

O desenvolvimento do conceito de gênero encontra-se na passagem do segundo para o terceiro momento do feminismo contemporâneo. As feministas anglo-saxãs, utilizaram o conceito de gênero diferenciando de sexo, de forma a evitar a visão de determinismo biológico que o último carregava. Segundo Louro (1997) o conceito também pode ser entendido como uma ferramenta analítica, e que, paralelamente também é a ferramenta política, que impulsionou a terceira onda do feminismo.

O conceito de gênero vem sendo elaborado desde antes do surgimento do termo em si, em textos como *O segundo sexo*, por exemplo, onde Simone de Beauvoir questiona a organização da vida privada e social entre nas figuras da mulher e do homem. E na década de 1980, ganha profundidade conceitual. Sendo que, o intuito desta abordagem foi mostrar o gênero como uma dimensão “que enfatiza traços de construção histórica, social e sobretudo política que implicaria análise relacional” (MATOS, 2008, p. 336).

Gayle Rubin (1993), em sua obra *O tráfico de mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo*, publicada originalmente em 1975, argumenta que gênero não substitui sexo, mas complexifica o entendimento sobre o mesmo: “um ‘sistema de sexo/gênero’, numa definição preliminar, é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1993, p. 2). Mostrando, dessa forma, que para além da diferença anatômica leva-se em consideração diversos fatores, tais como as práticas, as representações, as normas para entender este marcador identitário.

Rubin (1993) apresenta a categoria gênero de um ponto de vista antropológico, assim como Heilborn (2019), ao descrever que gênero “significa aqui a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos” (HEILBORN, 2019, p. 320). Segundo a autora, ao abordarmos identidades socialmente construídas, dentro do discurso antropológico apontamos para “a perspectiva sistêmica que domina o jogo de construção de papéis e identidades para ambos os sexos. É retirar-lhes a aparência de “natural” (HEILBORN, 2019, p. 326).

Conforme aponta Rago (2019), a partir dos anos 1980, consolidou-se a categoria de gênero, e não mais mulher, propriamente dita, como a prioridade dos estudos feministas.

Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. Como se vê, a categoria de gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivos das diferenças sexuais (RAGO, 2019, p. 376)

Conforme aponta Rago (2019), a terceira onda do feminismo problematizou o sujeito como um ponto de partida, considerando essa categoria “dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas” (RAGO, 2019, p. 376). Desse modo, há uma crítica ao caráter universalizante contido na ideia de sujeito, sendo o sujeito do feminismo a mulher. Luiza Bairros (1995), intelectual, feminista e militante do movimento negro, também discute as fragilidades dessa construção.

O uso do conceito **mulher** traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal - passiva emocional etc - como forma de lidar com papéis de gênero. Na prática aceita-se a existência de uma **natureza feminina** e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que no entanto fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais.” (BAIRROS, 1995, p. 459, grifo da autora)

Além disso, Louro (1997), argumenta que, embora o foco do que se entende por gênero, no movimento feminista, esteja fortemente ligado a um caráter fundamentalmente social, isso não quer dizer que o gênero não se constitua sobre corpos sexuados “ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997). Tais visões levam em conta o sexo como uma referência para definir o gênero, diferente do que propõe Judith Butler (2015), ao argumentar que a noção de sexo é tão construída quanto a de gênero, nas seguintes palavras:

o corpo é uma situação, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. [...] será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo (BUTLER, 2015, p. 29).

Ou seja, para a autora, o sexo é uma produção do próprio gênero, enquanto sistema. A diferença entre sexo masculino e feminino já é uma construção social, e nesta construção são reconhecidos como opostos.

De um ponto de vista histórico, para Scott (2019) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 67). Segundo Scott (2019), na medida em que ocorrem mudanças na organização das relações sociais também acontecem as mudanças nas representações de poder. Observamos, desse modo, um dos aspectos propostos pela autora, em relação a características que devem ser considerados em relação às representações de poder, que impactam nas relações de gênero:

os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias), Eva e Maria, como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mistos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção. (SCOTT, 2019, p. 67)

Sendo assim, o gênero pode ser reconhecido, não apenas como diferença entre os sexos, mas também como representação ou ainda, conforme Scott (2019), como um produto de aparatos de produções simbólicas, além de discursos, epistemologias e práticas da vida cotidiana. E é esta perspectiva que adotamos nesta pesquisa, considerando o gênero um sistema simbólico de regulação e normalização da vida em sociedade, que, constantemente produz e hierarquiza as dicotomias entre o feminino e o masculino.

O conceito de raça contém um sentido complexo e vem ganhando diversas camadas que o ressignificam ao longo dos anos. Lilia Schwarcz (1995), Kabengele Munanga (2004), Nilma Lino Gomes (2005), Lia Vainer Schucman (2010), Silvio Almeida (2018), Achille Mbembe (2018) entendem raça como um termo utilizado pelo campo das Ciências Sociais para designar o processo de racialização¹³ decorrente no Brasil. Portanto, assumimos aqui, a categoria “raça”, a partir da abordagem das Ciências Sociais, em que seu uso é dado num sentido estritamente social. Sendo assim, um modo de designar a racialização que é resultado de um processo histórico/cultural da modernidade, agenciado principalmente pelo conhecimento científico e filosófico ocidental do século XIX.

O antropólogo Kabengele Munanga (2014), na palestra *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*, retrata uma síntese dessas nuances. Segundo o autor, em um sentido etimológico, a palavra raça vem do latim *ratio*, que significa categoria ou espécie. O termo raça foi, e ainda é, amplamente utilizado, pelas áreas da Zoologia e da Botânica, para classificar animais e plantas em grupos, por semelhanças de determinadas

¹³ Racialização foi um termo que surgiu no século XX para designar o processo social e político a partir do qual determinados grupos da população passaram a ser identificadas e separadas socialmente a partir da ideia da raça, levando em conta suas características fenotípicas, cultura e etnia.

características (MUNANGA, 2014). Porém, este conceito não é estático, ele é relacional e histórico (ALMEIDA, 2018), e por isso, também ganha ramificações e modificações dependendo do espaço-tempo em que se localiza.

É no período colonial, com a descoberta do novo mundo, com a cultura renascentista e com o avanço das ciências, que a ideia de raça começa a ser ampliada para seres humanos. “Uma série de teóricos, mais conhecidos como “darwinistas raciais”, passaram a qualificar a diferença e a transformá-la em objeto de estudo: um objeto de ciência. Raça transforma-se, então, em conceito essencial e respaldado pela biologia” (SCHWARCZ, 2018, documento eletrônico). Achille Mbembe (2018), localiza o século XIX como o “período que assistiu a uma biologização determinante da raça no Ocidente, associada ao surto colonial na África. Foi também a época na qual, com a ajuda do pensamento evolucionista e pós-darwiniano, estratégias eugenistas foram disseminadas por vários países” (MBEMBE, 2018, p. 47). Dessa forma, o discurso científico das raças passa a legitimar as relações de dominação e de sujeição¹⁴, como no caso da escravização estabelecida neste período. Conforme Schwarcz (2018),

reinava a certeza de que raça era conceito crucial a distinguir hierarquias entre povos e a cindir a própria humanidade. Fermento para o discurso das nacionalidades, o conceito “naturalizou diferenças”; tirando-as do âmbito da cultura e da história para lhes dar o chão duro da ciência, da biologia e da natureza. (SCHWARCZ, 2018, documento eletrônico).

Ao longo do século XX, as teorias biológicas de raças humanas vai sendo superada, perdendo, assim, validação científica. Mas a ideia de raça continua a circular na sociedade, com valor de “um elemento essencialmente político, [e não biológico] sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico” (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Para Mbembe (2018), a definição de raça está para além de apontar que não há nenhuma essência em sua origem, ela é também “o efeito, o perfil, o recorte móvel de um processo perpétuo de poder, de incessantes transações que a modificam, deslocam e tornam movediço seu conteúdo” (MBEMBE, 2018, p. 68). Além disso, para o autor

raça e racismo fazem parte dos processos fundamentais do inconsciente, ligados aos impasses do desejo humano - apetites, afetos, paixões e temores.[...] a raça não decorre somente de um efeito ótico. Não diz respeito unicamente ao mundo sensorial. É também uma maneira de estabelecer e de reafirmar o poder. (MBEMBE, 2018, p. 68).

¹⁴ As segregações por raça são datadas de momentos muito anteriores aos da medicina do século XIX e XX, porém, o que está em jogo aqui é o poder que a ciências passam a ter na sociedade moderna, fazendo com que essa teoria ganhe um valor de verdade e que seja rapidamente absorvida na cultura.

Entretanto, Mbembe (2018) também aponta que a noção de raça, na era pós-colonial, também foi utilizada como um recurso para formar coesão entre quem outrora fora escravizado. Desse modo, “a invocação da raça ou tentativa de estabelecer uma comunidade racial visam, primeiro, fazer nascer um vínculo e fazer surgir um lugar com base nos quais nos possamos manter de pé em resposta a uma longa história de sujeição e de fratura biopolítica” (MBEMBE, 2018, p. 71). Nessa perspectiva, a raça carrega um cunho de posituação, de união, que se reflete até hoje no pensamento contemporâneo sobre a identidade racial. E por esse viés, a raça também carrega um sentido de denúncia, pois

a invocação da raça nasce de um sentimento de perda; da ideia segundo a qual a comunidade foi objeto de uma cisão [...]. Desse ponto de vista, o apelo à raça (que é diferente da designação racial) é uma maneira de fazer reviver o corpo imolado, sepultado e apartado dos laços de sangue e de solo, das instituições, ritos e dos símbolos que o tornavam precisamente um corpo vivo. Em especial ao longo do século XIX e do XX, foi esse o sentido assumido pelo apelo à raça no discurso negro (MBEMBE, 2018, p. 72)¹⁵

A partir da breve conceitualização apresentada, compreendemos a noção de raça como uma atribuição de humanidades distintas, a diferentes grupos sociais, feita pela ciência. E que, no movimento da história, mesmo superada a visão científica, até a contemporaneidade, é uma noção que penetra o seio social, de forma a produzir desigualdades. Mas ao mesmo tempo, a categoria de raça é uma forma de estratégia política, que colabora na construção de políticas públicas antidiscriminatórias, perante uma demanda nacional, com relação às desigualdades sociais e raciais, que estão profundamente conectadas no cenário atual.

3.3 Feminismo negro e interseccionalidade

No item 3.1, realizamos uma abordagem histórica do feminismo negro, com o intuito de o identificarmos em relação ao movimento das ondas do feminismo. Neste item, realizamos uma discussão sobre o feminismo negro e sua conjugação em relação a interseccionalidade.

“A história construiu a sexualidade e a feminilidade de mulheres negras longe das qualidades atribuídas às mulheres brancas” (CARBY, 2012, p. 209, tradução nossa). A autora jamaicana, Hazel Carby (2012), especialista em estudos afro-americanos, argumenta que uma

¹⁵ Mbembe (2018) em sua obra, *Crítica da Razão Negra*, discorre sobre raça, apresentando perspectivas que moveram essa ideia ao longo do tempo. Mas sua posição em relação ao termo constroe-se, de fato, com base na ideia de necropolítica, na qual raça é uma *tecnologia de governo*, para exercício do poder, para decidir quem irá viver ou morrer: “Na era da segurança, pouco importa que ela [a raça] seja prontamente apresentada sob o signo da “religião” ou da “cultura”. A raça é o que permite identificar e definir grupos populacionais em função dos riscos diferenciados e mais ou menos aleatórios dos quais cada um deles seria o vetor” (MBEMBE, 2018, p. 74).

das formas de hierarquização é a valoração atribuída tanto ao fenótipo quanto aos costumes do branco, o que está conectado com criação do conceito de raça (social) no ocidente. Segundo Carby (2012), “o modo como o gênero das mulheres negras é construído difere das construções da feminilidade branca, pois também está sujeito ao racismo” (CARBY, 2012, p.213, tradução nossa), e as feministas negras, já assinalavam essa questão desde “quando Sojourner Truth apontou a maneira pela qual a "feminilidade" era negada às mulheres negras” (CARBY, 2012, p.213, tradução nossa).

Em um primeiro momento, o feminismo negro pode ser reconhecido por causar uma cisão no movimento feminista, mas a permanência do termo “feminismo” é justamente uma forma de endossar a importância do que já foi construído até então. Lélia Gonzalez (1988), intelectual e feminista negra, reconhece o papel fundamental do feminismo para as mulheres negras, conforme a autora: o feminismo, “ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher” (GONZALEZ, 1988). Porém as contribuições iniciais do feminismo foram projetadas às mulheres brancas de classe média, o que não aconteceu em relação às discriminações sofridas por mulheres negras. Gonzalez, já na década de 1980, foi uma das grandes responsáveis por dar visibilidade a problemas específicos da mulher negra sinalizando as distintas valorações atribuídas às brancas e negras: “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar. Que se atenda aos papéis atribuídos às *amefricanas*¹⁶ (preta e mulata); abolida sua humanidade, elas são vistas como corpos animalizados” (GONZALEZ, 1988, grifo nosso).

Já Sueli Carneiro (2003), coloca a questão da dificuldade do feminismo em discutir raça como um problema que está para além desse movimento: “em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres” (CARNEIRO, 2003, p. 118). Para Carneiro (2003), há diversos setores sociais, em que a mulher negra enfrenta problemas, tais como mercado de trabalho, saúde, segurança, meios de comunicação. Além disso, a autora trata a questão da raça não somente em relação às mulheres, para ela, “a “variável” racial produziu gêneros subalternizados, tanto no que toca a uma identidade feminina

¹⁶ Termo advindo do conceito de *América*, cunhado por Lélia Gonzalez (1988). Segundo a autora, “Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórica-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente européias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o *t* pelo *d* para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *América Ladina* (não é por acaso que a *neurose cultural* brasileira tem no *racismo* o seu sintoma por excelência)” (GONZALEZ, 1988, p. 69).

estigmatizada (das mulheres negras) como as masculinidades subalternizadas (dos homens negros)” (CARNEIRO, 2003, p. 119).

São diversas as contribuições das intelectuais negras, que colaboram na compreensão de categorias estruturantes da sociedade, a partir de características específicas de suas vivências. Sueli Carneiro (2003) elencou tais contribuições nos seguintes itens:

o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher; o reconhecimento das diferenças intragênero; o reconhecimento do racismo e da discriminação racial como fatores de produção e reprodução das desigualdades sociais experimentadas pelas mulheres no Brasil; o reconhecimento dos privilégios que essa ideologia produz para as mulheres do grupo racial hegemônico; o reconhecimento da necessidade de políticas específicas para as mulheres negras para a equalização das oportunidades sociais; o reconhecimento da dimensão racial que a pobreza tem no Brasil e, conseqüentemente, a necessidade do corte racial na problemática da feminização da pobreza; o reconhecimento da violência simbólica e a opressão que a branquidade, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não-brancas. (CARNEIRO, 2003, p. 126)

Para Avtar Brah (2006), o feminismo negro, ao acionar as categorias de raça e gênero, irrompe diversas categorias hegemonicamente estabilizadas. Pois, “o sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do “negro” como cor política, ao mesmo tempo em que perturba seriamente qualquer noção de “mulher” como categoria unitária” (BRAH, 2006, p. 357).

As questões contidas no discurso feminista negro tornam-se base para sua sintetização no conceito de “interseccionalidade”. Termo cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw, para abarcar as discussões que já vinham sendo pautadas por feministas, evidenciando, assim, as relações e sobreposições entre diversas formas de opressão. Os estudos interseccionais carregam uma ideia teórico-metodológica para entrelaçar, as distintas categorias que denominam diferenças e desigualdades sociais, principalmente gênero, raça e classe (mas não apenas). Segundo Crenshaw,

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmica para a interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especialmente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raça, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”(CRENSHAW, 2002, p. 177)

Conforme Crenshaw (2002), há uma dificuldade com relação a detecção de uma discriminação interseccional, pois há forças econômicas, sociais e culturais como contexto, e

que estão silenciosamente moldando, por exemplo, a posição das mulheres negras na sociedade. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse elemento estruturante da sociedade é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido (CRENSHAW, 2002, p. 176). A consequência disso vem na forma do entendimento de uma discriminação como sendo somente sexista, sendo que, conforme Crenshaw, “pode haver uma estrutura racial como pano de fundo” (2002, p. 176), ou vice-versa.

Brah e Phoenix (2004), consideram

o conceito de "interseccionalidade" como significando os efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis que resultam quando múltiplos eixos de diferenciação - econômico, político, cultural, psíquico, subjetivo e experiencial - se cruzam em contextos historicamente específicos. O conceito enfatiza que diferentes dimensões da vida social não podem ser separadas em vertentes discretas e puras. (BRAH; PHOENIX, 2004, p. 76, tradução nossa)

Portanto, a importância de desenvolver uma perspectiva que leve em conta a intersecção entre raça e gênero encontra-se em uma abrangência mais elaborada sobre o que atravessa a vida de mulheres negras. Compreendemos aqui raça e gênero como duas estruturas sociais que são fatores de opressão, mas ao mesmo tempo formas identitárias capazes de fazer o sujeito agir a partir delas. Esta pesquisa não tem como foco principal abarcar a categoria da classe, uma complexidade que necessita de maior fôlego para que seja abordada com consistência em uma pesquisa empírica, mesmo assim será inevitável que essa questão venha a aparecer no desenvolvimento da dissertação. Dessa forma, temos um cenário para podermos compreender as dinâmicas e variáveis que perpassam as vivências de mulheres negras, sujeitos que protagonizam o presente trabalho.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Como estratégia metodológica, escolhemos a pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, com a utilização da entrevista como principal técnica de coleta de dados. Passamos, então, a uma breve revisão de literatura, na qual apresentamos definições teórico-metodológicas que situam a perspectiva pela qual optamos. Relacionando, assim, o consumo cultural e midiático à construção das identidades, sob a ótica da interseccionalidade, na conjunção entre os fatores gênero e raça.

Para Flick (2004) a pesquisa qualitativa volta-se para casos concretos situados em um determinado espaço tempo, “partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos e locais” (2004, p. 28). Os fenômenos sociais podem ser entendidos e explicados a partir da análise das experiências de indivíduos ou grupos. De acordo com o autor,

as experiências podem estar relacionadas a histórias biográficas ou a práticas (cotidianas ou profissionais), e podem ser tratadas analisando-se conhecimento, relatos e histórias do dia a dia; examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo” (FLICK, 2008, p. 8).

A observação e registro das práticas de interação, a análise desse material, e a investigação dos documentos (textos, imagens, filmes ou música), são cruciais para a construção da triangulação de dados, ou seja, a elaboração de uma análise composta pelas interações e relações entre dados. Flick (2009), salienta que a triangulação deve ocorrer partindo dos mesmos níveis constituídos por diferentes ordens, como para a realização do cruzamento da variedade de materiais coletados ou abordagens teóricas, implicando, assim na possibilidade de o pesquisador apresentar diferentes pontos de vista em sua análise.

Temos como base os estudos culturais, para trabalharmos com as ideias de consumo (cultural e midiático), identidade e interseccionalidade. A partir do entendimento do consumo cultural e midiático como um processo de caráter sociocultural, consideramos os discursos dos sujeitos a respeito de suas práticas. De maneiras variadas, esses estudos de audiências estão preocupados em situar as leituras e práticas dos meios de comunicação dentro de redes complexas de determinações (GRAY *apud* ESCOSTEGUY, 2001, p. 44).

A perspectiva etnográfica entrou no campo dos estudos culturais nos anos 1980. Anteriormente, o foco era analisar a ideologia que os meios de comunicação passavam para o espectador, ou seja, analisar o poder da mensagem. Após, ganham importância, “os processos multifacetados de consumo e codificação nos quais as audiências estão envolvidas” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 42). Portanto, a inspiração etnográfica é pensada, nesta pesquisa,

através de uma abordagem cultural, abrangendo “pesquisa de campo e estudo descritivo de aspectos sociais ou culturais dos sujeitos em questão” (TRAVANCAS, 2006).

Neste escopo, opta-se pela entrevista como a principal técnica utilizada para a coleta de dados, além de também utilizar-se da observação participante, que irá dar corpo e contextualização à essas entrevistas. Segundo Cáceres (1997), é “a partir da entrevista é que se descobre e se analisa o mundo social e objetivado, na vida cotidiana a entrevista entra como uma situação da vida ordinária e a torna extraordinária.” (CÁCERES, 1997, p. 179, tradução nossa). Sendo assim, aprofunda-se, daqui em diante, na proposta de caracterizar e compreender a entrevista na pesquisa qualitativa

4.1 A entrevista como técnica etnográfica

Busca-se daqui em diante situar a entrevista dentro da pesquisa qualitativa de modo a pensar o procedimentos relacionados a essa técnica. Para tanto, apresenta-se as características da entrevista de investigação social, que pode ser compreendida, segundo o sociólogo Luis Henrique Alonso (1995), como uma “coleta de um conjunto de conhecimentos particulares, que buscam a construção do senso social do comportamento individual ou grupo de referência desse indivíduo” (ALONSO, 1995, p. 228). Além disso, explora-se os modelos e conceitos para dar a ver um conjunto de fundamentos que orientam a aplicação da técnica da entrevista no trabalho de campo.

Existem várias definições que abrangem a ideia de entrevista na pesquisa qualitativa e dependendo da área do conhecimento, que pode ser a antropologia, a sociologia, a psicologia, a comunicação, entre outras, a entrevista pode ser articulada de diferentes maneiras. Uma vez havendo a necessidade de casos concretos para fins de análises qualitativas, a entrevista costuma ser entendida, como uma técnica ou um instrumento que faz parte da etapa de coleta de dados de uma pesquisa, ou seja, ela é um dos passos que possibilita a execução de um método, independente de qual seja o campo de estudo.

Em pesquisas que utilizam o método etnográfico a entrevista costuma ser combinada com a observação participante, diário de campo, coleta de documentos, entre outros. Francisco Sierra (1998), aponta para a entrevista como “um excelente instrumento heurístico para combinar os enfoques práticos, analíticos e interpretativos implícitos em todo processo de comunicar” (SIERRA, 1998, p. 277). De outro modo, Jesus Galindo Cáceres compreende a entrevista como um “instrumento estratégico para uma prática enriquecida da etnografia” (CÁCERES, 1997, p. 205).

A entrevista de investigação social desenvolve-se em forma de conversação, na qual há um entrevistador e um informante. De acordo com Alonso (1995), o propósito dessa conversação é a produção de um discurso que siga uma linha argumentacional (ALONSO, 1995). E o papel do entrevistador é criar um estímulo a partir de uma correlação das perguntas com objeto de estudo. A entrevista é um meio para que o pesquisador acesse as expressões individuais que encontram-se latentes nos sujeitos entrevistados, sendo que “esta individualidade é uma individualidade socializada por uma mentalidade cotidiana estruturada tanto por hábitos linguísticos e sociais como por estilos de vida, como formações e validações específicas da conduta realizadas dentro dos grupos de status socioeconômicos” (ALONSO, 1993, 237).

A entrevista é, sobretudo, um processo comunicativo, pelo qual o investigador busca coletar informações a respeito da biografia do interlocutor. Além disso, tais informações, fornecidas pelos sujeitos entrevistados, incorrem em um processo de interpretação por parte do entrevistador. Portanto, este é um meio de extrair informações e de estabelecer relações com os sujeitos que estão implicados no objeto de estudo.

A organização do discurso, segundo Rosa e Arnoldi (2008), se dá na relação entre entrevistado e entrevistador. Dessa forma, ao entrevistador atribui-se a função de realizar as indagações, a perscruta e os registros das respostas, além de ser o ouvinte, o que mais fica em silêncio, o que assume uma postura de atenção não apenas ao conteúdo, mas aos gestos e às expressões. Já o entrevistado, ao receber os primeiros estímulos, organiza e seleciona suas ideias, lembranças, sentimentos, opiniões e experiência, para que possa compor da resposta.

Há uma questão importante, relacionada ao entrevistado, que abrange sua subjetividade. Uma indagação comum a pesquisadores que utilizam a entrevista como técnica de investigação é sobre como saber se o que o entrevistado está falando é verdade ou não. Alonso (1995) coloca que a subjetividade “é o produto informativo gerado pela entrevista, é sua principal característica e ao mesmo tempo sua principal limitação” (ALONSO, 1995, p. 226), ou seja não temos como saber se o que está sendo falado é verdade ou não, entretanto a verdade não é o que mais importa na fala do entrevistado, mas sim a perspectiva dele sobre ele mesmo e sobre o mundo. Para elucidar essa questão Alonso aponta que

O *eu* da comunicação na entrevista não é, pois, simplesmente um *eu linguístico* [...] senão um *eu* especular ou diretamente *social* que aparece como um processo. [...] Isso nos leva a relação concreta da entrevista como um lugar no qual se expressa um *eu* que pouco tem a ver com o *eu* como “realidade objetiva” individualista e racionalizado [...] senão um *eu narrativo*, que conta histórias nas quais inclui, um rascunho do *eu* como parte da história (ALONSO, 1995, p. 226, grifo do autor)

Além disso, conforme Sierra (1998), o conteúdo externalizado pelo entrevistado é apenas uma parte do que deve se levar em conta, pois,

A entrevista qualitativa encontra-se entre a conversação cotidiana e a formal. É o local onde o sujeito, a partir de relatos pessoais, constrói um lugar de reflexão e autoafirmação, de objetivação da própria experiência. Nesta técnica, o substantivo é conotação de quem fala, os sinais, as emoções, os sentimentos, expressados inconscientemente de maneira natural. Não é tão revelador o que se fala quanto como se disse. (SIERRA, 1998, p. 297)

Outra questão que tensiona as técnicas utilizadas na estratégia metodológica de uma pesquisa qualitativa é a questão da neutralidade. Segundo Lopes (2003), “longe de constituir uma forma neutra e controlada de elaboração de dados, as técnicas de coleta e seleção supõem um conjunto de seleções e exclusões, as quais são tanto mais perniciosas quanto mais permanecem inconscientes.” (LOPES, 2003, p. 132). Dessa forma, é necessário entender que é característica da técnica da entrevista a não neutralidade, e por isso mesmo um olhar crítico é fundamental para o pesquisador no momento da coleta dos dados.

Os critérios científicos definidos sob uma determinada medida não cabem aos critérios da entrevista já que, conforme Alonso (1995):

1) não existe regra fixa nenhuma sobre a forma de realizar a entrevista nem a conduta do entrevistador; 2) toda a entrevista é produto de um processo interlocutório que não se pode reduzir a um contraste de hipóteses e ao critério de falseamento; 3) os resultados da entrevista por si mesmos não tem possibilidade de generalização indiscriminada bem como de universalização. (ALONSO, 1995, p. 229)

Portanto, só é possível compreender a entrevista em seus resultados finais “pela riqueza heurística das produções discursivas” (ALONSO, 1995, p. 229).

Após definir e trazer algumas problematizações que envolvem a noção de entrevista, passamos a caracterizar os tipos os tipos de entrevista escolhidos para esta pesquisa, que são: estruturada, semiestruturada e aberta. No item 4.3 apontamos os critérios utilizados para a construção de tais roteiros.

Há diversos modos de classificar os tipos de entrevista, que não ocorrem de maneira homogênea entre os estudiosos da área. O foco, portanto é na investigação de inspiração etnográfica, isto posto, podemos apontar os tipos de entrevista utilizados.

A entrevista estruturada, é realizada para a busca de dados pontuais. O entrevistador fornece opções de resposta ao entrevistado. Além disso, conforme Rosa e Arnoldi (2008), segue-se uma sequência padronizada, através de uma linguagem sistematizada, e de preferência fechada; voltando-se para obtenção de informação diretas, com respostas curtas (ROSA; ARNOLDI, 2008, p. 29).

Já a entrevista semiestruturada permite que o entrevistado externalize seus pensamentos, que reflita sobre o tema. “O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes de confiabilidade.” (ROSA; ARNOLDI, 2008, p. 31). O discurso do entrevistado influencia na sequência que guiará as perguntas.

Já a entrevista aberta, ocorre quase sem interferência do entrevistador. As recordações do sujeito influenciam na forma como o entrevistador conduzirá a situação. Para Alonso (1995), a entrevista aberta tem por objetivo compreender “como os sujeitos diversos atuam e reconstruem o sistema de representação em suas práticas sociais e em suas práticas individuais.” (ALONSO, 1995, p. 226). E, para que isso seja alcançado, serão necessárias perguntas que sejam capazes de apreender o passado, presente e futuro¹⁷.

Por conseguinte, a proposta foi caracterizar a entrevista como técnica a ser utilizada nesta pesquisa. Além de conceitualizar a entrevista de investigação social na pesquisa qualitativa.

A partir dos estudos de Alonso (1995), Cáceres (1997), Sierra (1998), Flick (2004; 2009), Travancas (2006), identificamos procedimentos necessários na realização de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, como é o nosso caso. A seguir, discorreremos sobre o percurso realizado, passando pela pesquisa exploratória, técnicas de coleta de dados e procedimentos de análise.

4.2 Pesquisa exploratória

Após traçarmos nosso embasamento teórico-metodológico, optando pela pesquisa de inspiração etnográfica, com a entrevista como principal técnica de coleta de dados, estabelecemos as mulheres negras como os sujeitos a serem investigados nesta pesquisa. Sendo elas moradoras de Porto Alegre e região metropolitana, porém sendo de diversas origens territoriais, de diferentes faixas-etárias (jovens, adultas e idosas) e variadas classes sociais. Esse

¹⁷ Existe também a entrevista em profundidade, na qual objetiva-se ao realizar: a reconstrução de ações passadas, o estudo das representações sociais personalizadas, o estudo da interação entre constituições psicológicas pessoais e condutas sociais específicas, ou ainda, proposição dos campos semânticos, vocabulário e discurso arquetípico de grupos e coletivos (ALONSO, 1995). Neste tipo de entrevista quase não ocorre a interferência do entrevistador. Além disso, para Sierra (1998), “tem por principal característica o caráter holístico, em que o objeto de investigação será construído pela experiência, vida, idéias” (SIERRA, 1998, p. 299). Dessa forma, a entrevista em profundidade dá ao entrevistador acesso às vivências do entrevistado, às memórias que podem vir a tona através de um fluxo de pensamento, ela “supõe *captar a experiência* em seus próprios termos, aceder às significações que para ele [o entrevistado] têm os acontecimentos aos que refere-se na entrevista. (VILELA, 2006).

é um grupo que representa sociologicamente um seguimento, sendo que não buscamos uma representação estatística, mas, sim, uma representatividade teórica/social.

Para a pesquisa exploratória, decidimos encontrar essas entrevistadas em algum tipo de grupo ou coletivo do qual participassem mulheres negras. Assim, elegemos a Oficina de leitura em língua inglesa: Autoras negras tanto para conversar com suas participantes, quanto para realizar uma observação de campo. A oficina faz parte do Programa Enegreendo, um projeto de extensão do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Porto Alegre, cuja proposta é que a cada 15 dias, ler fragmentos da obra de uma escritora negra, que ainda não tenha sido traduzida para o português, fazendo-se assim, um exercício de aprendizado de idioma e uma reflexão sobre o pensamento de autoras negras. A oficina é aberta ao público, não sendo necessário ser mulher negra para participar. A primeira obra escolhida foi *Plantations Memories: episodes of everyday racism*, de Grada Kilomba, com essa leitura sendo feita por capítulos.

Os principais critérios que nos levaram a escolher este projeto foram, primeiramente por ser um trabalho desenvolvido de forma gratuita, por uma instituição pública; por ser voltado para mulheres negras, porém aberto a qualquer público; por este ser um espaço gratuito, promovido por uma instituição pública de educação; por fomentar leitura sendo assim uma forma cultural de ampliação repertório relativo ao conhecimento gerado por autores negros; pela participação recorrente das mesmas pessoas nos encontros, o que possibilita formação de referências e de vínculos.

Embora já tivéssemos contato com o grupo anteriormente, a partir do momento em que elegemos ele como um dos espaços a serem observados, passamos a ter uma postura de *primeiro contato*, buscando compreender a dinâmica do grupo de uma forma consciente. Com esta observação também buscamos obter informações estratégicas para elaborar os roteiros das entrevistas. Além de definir o tipo de abordagem a ser feito com as entrevistadas.

Através desse ponto de partida, nosso campo exploratório teve início em agosto de 2018. Durante a participação na oficina, primeiramente, tivemos uma perspectiva da dinâmica de funcionamento dos encontros. O início do ciclo de encontros contou com em torno de 8 participantes, porém nem todas estavam sempre presente, sendo que ao terminar o semestre, havia por volta de 6 pessoas que participaram assiduamente da oficina. Os encontros ocorriam em uma sala dos IFRS, destinada a projetos de extensão. Onde havia cadeiras e almofadas dispostas de forma circular. A leitura era dividida por capítulos e as participantes além de lerem alguns trechos, os comentavam de forma a relacionar conteúdo do livro com suas vidas.

Em novembro de 2018, foi realizada uma breve pesquisa de cunho quantitativo sobre consumo cultural e midiático, com quatro mulheres negras que frequentam a oficina. Foram realizadas perguntas sobre os seguintes assuntos: meios de comunicação utilizados para a busca de informação; consumo de literatura, filmes, séries, vídeos; consumo de teatro, cinema; motivação em procurar a Oficina de Leitura.

Pode-se detectar que todas elas estavam em busca desse tipo de grupo ou projeto. A entrevistada Fernanda¹⁸, por exemplo, colocou que essas oficinas são locais onde há o reconhecimento, pois quando ela ouve alguma história contada no grupo ela enxerga sua própria vida no que foi dito, e também sente que outras mulheres se identificam com histórias contadas por ela, sobre o seu cotidiano.

Foi possível observar os seguintes resultados sobre o consumo cultural e midiático das quatro mulheres: três responderam que procuram literatura, teatro, cinema, filmes (na internet) e vídeos (na internet), que tenham conteúdo envolvendo a temática negra ou questão racial. Duas responderam que procuram séries, também envolvendo a temática, sendo que uma delas salientou que antes de assistir as séries procura listas com a indicação de produções, em sites e blogs, que tenham atores negros. Apenas uma das entrevistadas relatou consumir raramente ou não consumir os produtos citados acima, mas frequenta além da Oficina de Leitura, o sarau Sopapo Poético; Além disso, três das entrevistadas costumam se informar através da internet, onde procuram por sites de jornais e páginas de jornais no Facebook. Duas delas, se informam pela tv, e apenas uma relatou ler jornal impresso.

Ao concluirmos, esta fase, percebemos a necessidade de entrevistarmos um número maior de mulheres negras para coletarmos os dados da pesquisa. Desse modo, optamos por escolher, além da Oficina de leitura em língua inglesa: Autoras negras, outro coletivo que agregasse e que tivesse o protagonismo de mulheres negras. Assim, optamos pelo coletivo e sarau Sopapo Poético, que é um evento, que ocorre uma vez no mês, no Centro de Referência do Negro,¹⁹ em Porto Alegre, promovido pela Associação de Negra de Cultura (ANdC). O encontro é aberto ao público e celebra o protagonismo negro, em uma roda de recitação de poesia, reflexões, música, danças.

A escolha pelo Sopapo Poético se deu pelos critérios que utilizamos para o grupo anterior e, também por de entendermos este como um grupo que já tornou-se referência de cultura negra em Porto Alegre. Além disso, os integrantes desse coletivo, publicam livros,

¹⁸ Nome fictício.

¹⁹ Espaço público, criação com o apoio da Prefeitura de Porto Alegre.

participam de eventos literários tanto individualmente, como escritores/artistas, quanto como representantes do coletivo.

Trançando um pequeno comparativo, consideramos a oficina um coletivo mais intimista, no qual há um compartilhamento de histórias pessoais. E o sarau, um grupo mais expansivo, no qual, de certo modo, também ocorre um compartilhamento de histórias pessoais, porém através poesia e performance.

Portanto, para compor nossa pesquisa, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas e abertas com mulheres participantes da Oficina de leitura em língua inglesa: Autoras negras e do sarau Sopapo Poético. Daqui em diante chamaremos esses dois grupos de *coletivos*, para facilitar a leitura. Além disso, quando precisarmos recorrer ao seus nomes individualmente chamaremos a Oficina de leitura em língua inglesa: Autoras negras apenas por Oficina de Leitura.

Após esses primeiros passos, também decidimos inserir um segundo perfil às mulheres negras a serem entrevistadas, pois percebemos a necessidade de compreender o papel do consumo cultural e midiático na formação da identidade de mulheres negras que não tenham esse mesmo repertório, essa mesma mediação dos coletivos. Portanto, em caráter experimental, optamos, pelo critério da não participação de coletivos, de forma ativa regular para esse segundo perfil.

Além disso, o que define o grupo de não participantes é não estar de uma forma fixa em um coletivo, o que não quer dizer que elas nunca devam ter tido participação ou presença esporádica em algum grupo, ou que ainda, que elas não tenham uma consciência negra. Pois, ainda assim, não há aqui esse *fazer parte* fisicamente, ou ainda, a criação de vínculo, como há no caso das participantes.

Dito isso, temos dois perfis de entrevistadas: 1) as ligadas a grupos de formação de consciência negra 2) as que não têm esses coletivos como referência. O primeiro, a busca por sua identidade como mulher negra, por meio do resgate da história e da cultura negra. O segundo, não procura um espaço específico, o que não quer dizer que a discussão da questão negra não esteja chegando até elas, mas isso se dá, provavelmente, de forma dispersa, principalmente pelo campo cultural e midiático. Procuramos assim, as potencialidades que cada grupo tem de expressar, os rastros ligados a gênero e raça, através de suas vivências cotidianas, especialmente do consumo cultural e midiático. Com isso, teremos dois cenários como parâmetro para auxiliar na verificação do papel do consumo cultural e midiático no cotidiano dos sujeitos implicados.

Desse modo, a partir daqui, as entrevistadas *não* participantes dos coletivos serão chamadas de Grupo A. As participantes de coletivos (Oficina de Leitura e do sarau Sopo Poético), nesta pesquisa, passam a fazer parte do Grupo B²⁰.

4.3 Técnicas de coleta de dados

Discorreremos, assim, sobre as técnicas escolhidas para a coleta de dados. A pesquisa qualitativa define-se por ser “orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (FLICK, 2004, p. 28) e que “ressalta as significações que estão contidas nos atos e práticas (SANTAELLA, 2001, p. 145). É através dela que podemos observar as práticas de um grupo social, inserido em um determinado contexto. Em vista disso, adotamos como estratégia de coleta de dados as técnicas a seguir

a) **Entrevista:** Utilizamos a entrevista como principal técnica de coleta de dados até chegarmos a 22 colaboradoras, 11 em cada grupo. Em relação aos critérios que utilizamos para escolher as entrevistadas, consideramos, primeiramente, a heterogeneidade em relação a marcadores sociais como idade, ocupação, escolaridade, religião. Sendo que, chegamos, primeiramente, às entrevistadas do Grupo B através dos coletivos, e a cada uma dessas colaboradoras pedimos indicações de outras, mas que não participassem de coletivos, fazendo uso da estratégia da *bola de neve*.

Em nossa abordagem, seguimos o protocolo, apresentando-lhes Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²¹, explicando as condições da entrevista, como o sigilo de suas identidades e gravação em áudio, em seguida pedindo suas autorizações para participarem da pesquisa. As entrevistas foram divididas em duas etapas para o Grupo A, somando 22 entrevistas; e em três para o Grupo B, somando 33 entrevistas; num total de 55 entrevistas. A seguir, descrevemos os critérios utilizados para a montagem dos roteiros desenvolvidos em cada entrevista. No item 6, retomamos esta explicação, porém, não mais voltada para o roteiro, mas, sim, para a análise.

Na primeira entrevista, o objetivo foi a coleta material abrangendo o consumo cultural e midiático, também nomeada Bloco 1, na qual ambos os grupos (A e B) foram entrevistados com base no mesmo conjunto de questões. Quanto ao roteiro, num primeiro momento

²⁰ Ou seja, elas aparecem de forma unificada, pois o critério que adotamos é *participar de coletivos*.

²¹ O documento encontra-se no Apêndice A

realizamos uma entrevista estruturada, ou seja com questões e opções prontas de respostas, onde as questões foram sobre a frequência com a qual as entrevistadas consumiam e mantinham hábitos relacionados a bens culturais e midiáticos, o intuito nessa parte foi apenas tomar conhecimento de quais itens as entrevistadas mantinham contato. Em um segundo momento da entrevista, partimos para um roteiro de perguntas no estilo entrevista semiestruturada, com perguntas prontas, porém sem alternativas, sendo assim, as entrevistadas poderiam responder o que quisessem. Essas perguntas foram sendo realizadas a partir das respostas da primeira parte. Ou seja, quanto mais frequente fosse o consumo de determinado meio de comunicação, mais aprofundadas seriam as perguntas realizadas sobre ele. Já nesta parte, procuramos coletar informações específicas, relacionadas a gostos e preferências das colaboradoras. Considerou-se, assim, uma entrevista mista, pois quando percebia-se uma conexão afetiva ou representativa com determinados produtos midiáticos, tais como novela, filme, livro, novas perguntas iam sendo feitas, na tentativa de rastrear o porquê de tal conexão.

A segunda, que chamamos de Bloco 2, foi uma entrevista aberta, na qual o objetivo foi o resgate das vivências e das memórias das entrevistadas, para entender como se davam as questões de raça e gênero em suas vidas, neste enfoque, ambos os Grupos A e B participaram. O roteiro montado, partiu de fases ou setores da vida, como infância, escola, trabalho, relacionamentos, família, beleza. Escolhemos a entrevista aberta²², pois é através dela que os sujeitos expressam sua subjetividade²³. “Na entrevista aberta enfocada [...] existe predeterminado de antemão um tema ou um foco de interesse, para o qual a conversação está orientada e pelo qual selecionamos a pessoa objeto da entrevista” (SIERRA, 1998, p. 299). Se em alguns momentos as objeções partiam das temáticas, com apenas a proposta de falar sobre determinado tema, como por exemplo “Fale sobre a sua infância”, em outros momentos, conforme apresentava-se a narrativa da entrevistada, questões específicas, tais como “Como era a divisão das tarefas na casa”, poderiam se mostrar pertinentes.

²² Além disso, o que se revela em uma entrevista, aberta ou em profundidade, principalmente, não é apenas a subjetividade, mas também um extrato da comunidade que o sujeito entrevistado vive. Conforme Alonso (1995), na entrevista aberta “o indivíduo se experimenta a si mesmo como tal, não diretamente, senão indiretamente em função do *outro generalizado*, isto é, desde o conjunto de pontos de vista particulares de outros indivíduos membros do mesmo grupo, ou desde o ponto de vista generalizado do grupo social ao qual pertence”. (ALONSO, 1995, p. 226, grifo do autor).

²³ A subjetividade só se começa a pensar a partir da entrevista aberta, e muito mais na entrevista em profundidade. A diferença entre a entrevista aberta e em profundidade é que na primeira, ainda há a possibilidade do entrevistador ir direcionando ou explorando um assunto, e, para cada pessoa, se fecha de maneira diferente, então aqui ainda há uma possibilidade de comparação nas análises; já na entrevista em profundidade, isso não acontece, nesse tipo de entrevista não há interferência, é dado apenas um tema como forma de estímulo ao entrevistado, para que assim, sua narrativa seja livre, e o pesquisador possa detectar as complexidades presentes em sua subjetividade.

A última, foi composta por um roteiro de semiestruturado, nomeada Bloco 3, sendo que o objetivo foi coletar informações sobre a relação das entrevistadas com o coletivo. Assim, realizamos esta entrevista apenas com o Grupo B. As perguntas foram planejadas previamente, e através delas, o objetivo foi buscar respostas que abrangessem informações sobre a entrevistada.

b) **Transcrição:** Foi realizada a transcrição das 55 entrevistas, levando em consideração o discurso das entrevistadas na íntegra. Optamos por transcrever as entrevistas na íntegra, pois para as análises utilizamos recursos como *nuvem de palavras*, em que é considerada a contagem das palavras mais citadas. Além disso, na segunda etapa de análise, utilizamos trechos das falas das entrevistadas. As transcrições das entrevistas foram realizadas no *software* Google Docs. Sendo que, para o tratamento quantitativo as informações foram transferidas para o Excel e o tratamento qualitativo, para o NVivo.

c) **Observação de interações:** A observação colaborou para o entendimento do contexto e do ambiente no qual os sujeitos observados estavam inseridos. O objetivo aqui foi entender de que forma ocorrem as dinâmicas de interação, as relações, os vínculos. A proposta, portanto, foi observar algumas práticas dos grupos em que a identidade negra é um elemento central (Grupo B), além de observar algumas cenas da vida cotidiana de mulheres negras que não estavam vinculadas com esse movimento engajado (Grupo A).

Em relação ao Grupo B, optamos por observamos três encontros de cada um dos coletivos. Esses relatos têm o papel de contextualizar o espaço no qual as entrevistadas participantes dos grupos encontram-se imersas. As incursões relatadas se deram entre maio e julho de 2019, embora já estivéssemos em pesquisa exploratória, frequentando os encontros dos dois grupos, desde 2018.

d) **Caderno de campo:** É importante ressaltar que também fizemos a utilização de um caderno de campo, uma das ferramentas mais tradicionais do campo da antropologia para a realização da etnografia. O caderno funcionará como um registro descritivo de tudo o que ele [o pesquisador] ver e presenciar, seja em uma aldeia de índios bororo, seja em uma redação de um grande jornal (TRAVANCAS, 2006, p.5).

e) **Coleta de dados contextuais.** Para compor o perfil dos coletivos, relativos ao Grupo B, realizamos a coleta dos dados, conversando com as coordenadoras dos coletivos. Além disso, visitamos as páginas virtuais dos coletivos, observando como são divulgados suas atividades. Em relação às entrevistadas do Grupo A, fomos em busca de imagens que compõem sua localização geográfica.

4.4 Análise qualitativa dos dados

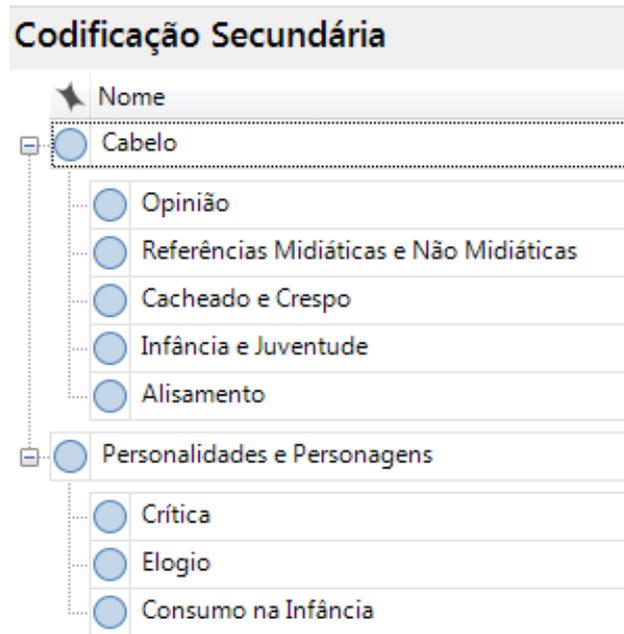
Fizemos a escolha pela análise de conteúdo qualitativa, na qual utilizamos o auxílio do *software* NVivo, que tem a função de auxiliar na análise qualitativa, ajudando na organização e codificação dos dados, através de seções, que são chamadas *nós*. Além disso, com base nos arquivos e nas estruturas de códigos criados, também é possível utilizar funcionalidades que auxiliam o pesquisador a visualizar os dados como, por exemplo: *frequência de palavras*, que geram *nuvens de palavras*; *pesquisa de texto* que geram *árvores de palavras*; entre outras. Essas funcionalidades colaboram no processo identificação, codificação e categorização das entrevistas.

Na primeira fase das análises buscamos por um panorama geral de cada bloco de entrevistas realizado, ou seja, das temáticas para as quais as entrevistas foram elaboradas, fazendo análises descritivas e comparativas. Para tanto, utilizamos o recurso da *nuvem de palavras* para detectar temas importantes que surgiram das falas das entrevistadas. Dessa forma foi possível a realização de uma primeira leitura das entrevistas. A *nuvem de palavras* é uma composição gráfica, em que aparecem diversos termos, conforme as determinações estabelecidas nos *critérios de frequência de palavras*²⁴. A elaboração das *nuvens de palavras*, além de nos trazer uma visão geral de assuntos que se sobressaem nos blocos de entrevistas, também nos dão a possibilidade de fazer comparações.

Após, para a segunda fase de análises, realizamos uma análise compreensiva, que leva em conta não apenas as entrevistas, mas também os arcabouços teóricos e históricos e as saídas a campo com dados contextuais, que exploramos nos capítulos anteriores. Na Figura abaixo, apresentamos os códigos criados no *software* NVivo, para a nossa análise compreensiva.

²⁴ Nos aprofundamos nas especificações utilizadas para a construção das *nuvens de palavras* no capítulo sete.

Figura 1 - Estrutura de codificação das entrevistas no NVivo



Fonte: Nvivo

5 PERFIS E PANORAMAS CONTEXTUAIS DAS ENTREVISTADAS

Neste item, apresentamos o perfil das entrevistadas, apontando para marcadores como nome, idade, cidade, etc. Além do perfil, também trouxemos a descrição dos contextos delas, para demonstrar o espaço no qual elas estão inseridas, porém isso se dá de forma diferente para cada grupo. Em relação ao Grupo A, por ter uma composição dispersa e não ter os coletivos como referência, optamos por descrever traços que achamos em comum entre as elas. Já para o Grupo B consideramos o coletivo como seus respectivos contextos, portanto, buscamos as informações históricas deles.

Para apresentar o perfil criamos duas tabelas, separando o Grupo A do B, nas Tabelas²⁵ 1 e 2, respectivamente. Para manter o sigilo das identidades das entrevistadas trocamos seus nomes por outros fictícios, fizemos isso de forma aleatória, porém sempre considerando a primeira letra dos nomes originais. Além disso, o critério de heterogeneidade, para a seleção das entrevistadas de ambos os grupos, teve mais evidência no marcador de idade, entretanto fizemos um esforço para que isso ocorresse também em relação à escolaridade e ocupação, mas nem sempre foi possível.

5.1 Perfil das entrevistadas

Na Tabela 1, apresenta-se o perfil do Grupo A, em que é possível perceber que suas idades variaram entre 22 e 80 anos, sendo que, a faixa-etária mais preponderante é a dos 40. a colaboradora que mais se distancia das outras é Isabel, pois tem maior diferença de idade, com 13 anos a mais do que a segunda mais velha, sendo que entre as outras há uma progressão mais ou menos simétrica entre as idades.

²⁵ Uma observação, em relação às duas tabelas, é que adotamos abreviações para o fator escolaridade, sendo: Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM), Ensino Superior (ES). Além disso, todas as participantes que estão assinaladas com “ensino superior incompleto” e “pós-graduação incompleta”, estão com os estudos em andamento, não havendo, portanto, nenhuma colaboradora que tenham parado de estudar antes de completar este grau de ensino. Diferente do que ocorre com as colaboradoras que têm “ensino fundamental incompleto”, que pararam de estudar há anos.

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas do Grupo A

Grupo A									
Colaboradora	Idade	Onde nasceu?	Onde mora?	Mora com?	Escolaridade	Ocupação	Estado Civil	Filhos	Religião
Cíntia	29	Cachoeira do Sul	Alvorada	Filho / Esposo	EF Incompleto	Serviços gerais	União estável	1	Católica
Isabel	80	Alegrete	Porto Alegre	Filha / Neto	ES Completo	Aposentada (Professora)	Viúva / Solteira	2	Metodista/Espírita
Joice	32	Porto Alegre	Porto Alegre	Filha	Pós-Graduação	Estudante de Doutorado	Solteira	1	*
Mônica	22	Porto Alegre	Esteio	Pais / Irmã	ES Incompleto	Estudante	Solteira	*	Católica/Espírita
Neusa	59	Porto Alegre	Porto Alegre	2 Filhos / Esposo	EM Completo	Aposentada (Secretária)	Casada	3	Católica
Nicole	22	Porto Alegre	Esteio	Pais / Irmã	ES Incompleto	Estudante	Solteira	*	Católica/Espírita
Priscila	42	Porto Alegre	Porto Alegre	2 Filhos	EF Incompleto	Serviços Gerais	Solteira	2	Umbanda
Valentina	67	Porto Alegre	Porto Alegre	2 Filhos / Esposo	ES Incompleto	Aposentada (Técnica em enfermagem) / Estudante	Casada	5	Católica
Vanessa	48	Caçapava do Sul	Esteio	Filha / Esposo	EM Completo	Empregada Doméstica	Casada	1	Evangélica
Vitória	46	Caçapava do Sul	Sapucaia	Filho / Namorado	EF Incompleto	Empregada Doméstica	Divorciada / União estável	3	*
Viviane	44	Caçapava do Sul	Esteio	2 Filhos / Esposo	EM Completo	Serviços Gerais	Casada	2	Evangélica

Fonte: Elaboração própria

Quase metade delas, cinco das 11, nasceram no interior do estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, há o aspecto da migração, do interior para a capital, presente em suas vidas. Todas elas fizeram esse movimento já adultas, em busca de melhores condições de emprego, mas também para afastar-se de relacionamentos violentos nos quais se encontravam. Deduz-se que, pelo fato de elas terem migrado já adultas, pode haver uma tendência de que seus valores sejam mais ligados aos do tipo de cidade que cresceram.

Atualmente, a maioria, seis delas, residem na região metropolitana de Porto Alegre, porém todas trabalham ou estudam na capital. No caso das que precisam se deslocar de cidade, durante os dias úteis, elas pegam trem ou ônibus para realizar esse trajeto. Elas vivem, principalmente, com seus filhos e companheiros, sendo que maioria delas já têm filhos, apenas Mônica e Nicole, as mais jovens que não têm. Dentre as que moram em Porto Alegre, Neusa, Priscila e Valentina, residem em uma região periférica da cidade, na Zona Norte.

Em relação à escolaridade, três colaboradoras, Cíntia, Priscila e Vitória, não terminaram o ensino fundamental. Cíntia parou, pois teve seu primeiro filho aos 15 anos; Priscila parou de estudar aos dez anos, quando começou a trabalhar para ajudar família; e Vitória também parou de estudar quando começou a trabalhar, por volta dos 14 anos. Além delas, Vanessa e Viviane, que têm o ensino médio completo, trabalham em serviços gerais ou como empregadas domésticas. Em contraste a isso, o grau de ensino mais elevado é o de Joice, que está na pós-graduação e já foi professora de inglês e intérprete.

Nenhuma delas estuda e trabalha (com carteira assinada) ao mesmo tempo, porém, Joice, que tem uma filha, iniciou o doutorado trabalhando, entretanto decidiu deixar o emprego para tentar ganhar um bolsa de estudos. Já Mônica e Nicole, que são estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e entraram por cotas em cursos da área da comunicação, eventualmente são chamadas para trabalhar como vendedores em uma loja de bijuterias e acessórios de Esteio. Porém, além disso, Nicole ganha uma bolsa para se dedicar por 20h semanais, auxiliando na atualização das redes sociais de um nos núcleos de extensão da Universidade. Por conta disso, ambas (Mônica e Nicole) ainda vivem com os pais.

As colaboradoras aposentadas são três, Isabel, Neusa e Valentina. As duas primeiras, são donas de casa e ajudam seus filhos na criação dos netos. Já Valentina, é também presidente do *Clube de Mães* de seu condomínio, onde, junto de outras moradoras, faz artesanato, organiza rodas de discussão, palestras e festas. Junto a isso, Valentina também faz um curso de graduação a distância, na área de serviço social.

Em relação ao estado civil ou relacionamento amoroso, seis delas encontram-se em relacionamentos duradouros, de anos. Sendo que, quatro delas são casadas e duas estão em

união estável. Dentre as solteiras, duas afirmaram encontrar-se com pretendentes com frequência, ou ainda que estão em início de namoro. Isabel, que é viúva há quase 40 anos, optou por não relacionar-se com mais ninguém após o falecimento de seu esposo.

No que refere-se a religiosidade, quase todas são de religiões cristãs, com exceção de Priscila, que é da Umbanda. Joice e Vitória, que na Tabela 1 aparecem com sinal de asterisco (*) nesse quesito, não declararam-se agnósticas ou ateias, elas afirmaram não ter uma religião ou religiosidade definida, mas que eventualmente participam de rituais religiosos.

Desse modo, passamos a descrição do Grupo B. Na Tabela 2, observamos o perfil do Grupo B, as participantes dos coletivos. Nela é possível perceber que a colaboradora mais jovem tem 21 anos e a mais velha 70 anos. Sendo que há uma progressão mais ou menos uniforme entre esses dois extremos, passando pelas faixas-etárias dos 30, 40, 50 e 60.

Quadro 2 - Perfil das entrevistadas do Grupo B

Grupo B									
Colaboradora	Idade	Onde nasceu?	Onde mora?	Mora com?	Escolaridade	Ocupação	Estado Civil	Filhos	Religião
Alice	43	Porto Alegre	Porto Alegre	Mãe / Filho	Pós-Graduação Incompleta	Professora / Estudante	Divorciada / Solteira	1	Espírita
Carla	21	Porto Alegre	Porto Alegre	Mãe	ES Incompleto	Estudante	Solteira / Namorando	*	Espírita
Clarice	62	Porto Alegre	Porto Alegre	Filhos / Esposo	Pós-Graduação Completa	Aposentada (Bancária)	Casada	2	Batuque
Dalva	68	Porto Alegre	Porto Alegre	Esposo	Pós-Graduação	Aposentada (Professora) / Produtora Cultural	Casada	2	Católica
Denise	25	São Paulo	São Leopoldo	Filha	ES Incompleto	Estudante	Divorciada / Solteira	1	Espírita
Edna	48	Porto Alegre	Guaíba	Esposo	ES Completo	Professora	Casada	*	Umbanda / Quimbanda
Elisângela	35	Porto Alegre	Porto Alegre	Filho / Esposo	ES Completo	Turismóloga	Casada	1	Umbanda
Laura	33	Rio de Janeiro	Porto Alegre	Sozinha / Colega	ES Completo	Professora / Estudante	Solteira	*	*
Lorena	53	Porto Alegre	Porto Alegre	Sozinha	Pós-Graduação Completa	Farmacêutica Bioquímica	Solteira	*	Holística
Mílena	70	Canoas	Porto Alegre	2 Filhos	ES Completo	Aposentada (Funcionária da Embaixada)	Viúva / Solteira	3	Católica
Sandra	48	Porto Alegre	Porto Alegre	2 Filhos / Esposo	Pós-Graduação	Psicóloga	Casada	2	Metodista

Fonte: Elaboração própria

A maioria delas, oito das 11, nasceu em Porto Alegre, sendo que as outras três nasceram ou em capitais brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro) ou na região metropolitana de Porto Alegre (Canoas). Denise, que é de São Paulo, mudou-se para Porto Alegre, para casar com o pai de sua filha. Laura, que nasceu no Rio de Janeiro, veio para a capital do Rio Grande do Sul quando passou em uma seleção de emprego para trabalhar como coordenadora pedagógica em uma escola privada.

A maioria das colaboradoras vivem em Porto Alegre, nove delas. Dentre as que vivem na região metropolitana, Denise, que mora em São Leopoldo com a filha, precisa pegar o trem diariamente para estudar. Já Edna, vive e trabalha como professora de uma escola estadual em Guaíba, não precisando se deslocar diariamente até a capital. Dentre as que moram em Porto Alegre, seus lares estão espalhados entre região central, zona sul, zona leste e zona norte. Elas moram, em geral, com filhos e esposo, mas também com a mãe ou sozinhas.

Todas as colaboradoras do Grupo B acessaram o ensino superior, tendo concluído ou ainda estando com a graduação em andamento. Além disso, Clarice, Edna, Lorena e Sandra cursaram o ensino técnico concomitante ao ensino médio; e Carla, Denise e Elisa estão com ensino técnico em andamento.

Em relação a trabalhar e estudar ao mesmo tempo, Alice, Elisa, Laura e Carla encontram-se nessa condição, sendo que elas têm suas carteiras de trabalho assinadas. Alice é professora em escola pública e faz mestrado em letras; Elisa trabalha em uma agência de turismo e faz curso técnico em enfermagem; Laura dá aulas de inglês em uma escola de idiomas e cursa psicologia; e Carla é funcionária pública e faz curso técnico e graduação em biotecnologia. Já Denise, não tem um emprego com carteira assinada, mas trabalha algumas horas por semana em uma escola de educação infantil, como professora de artes, além de trabalhar em alguns finais de semana, em uma empresa que serve *buffet* em eventos. De todas elas, apenas Carla não tem filhos.

Dentre as colaboradoras aposentadas, Milena é a única que é dona de casa, entretanto ela já fez alguns cursos de qualificação em Cuidado à Pessoa Idosa. Entre as outras aposentadas, Clarice lidera associações e coletivos relacionados ao movimento negro, além de trabalhar como terapeuta floral. Dalva faz parte de diversos coletivos relacionados a literatura, e é produtora cultural, escritora e musicista. Outra colaboradora que não é aposentada, mas exerce diversas atividades para além de sua profissão principal é Lorena, que além de trabalhar como Farmacêutica na rede pública de Porto Alegre, também é facilitadora de biodanza, educadora biocêntrica, musicista e escritora.

No que refere-se ao estado civil ou relacionamentos amorosos, cinco das 11 entrevistadas declararam-se solteiras e outras cinco, casadas. Carla, que não encontra-se nesta contagem, declarou-se solteira no estado civil, mas namora há mais ou menos um ano. Dentre as solteiras, três delas afirmaram que tiveram diversos relacionamentos, fossem eles duradouros ou não, e que atualmente encontram-se com frequência com possíveis pretendentes. E, duas delas, ainda dentre as solteiras, disseram que não se relacionam com ninguém, uma delas disse que por ser uma mulher negra e gorda tem dificuldade em arranjar relações amorosas, e a outra, disse que depois de ficar viúva, quando já tinha mais de 50 anos, não acabou não encontrando outra pessoa.

Tratando-se de religião ou religiosidade, três delas declararam-se espíritas, outras duas, católicas e apenas Sandra, metodista. Outras três são de religiões de matriz africana. Lorena declarou-se holística, pois dizendo que cada religião tem um pouco a acrescentar. Laura, que foi evangélica por muito tempo, declarou que não tem religião no momento, mas não disse ser ateia ou agnóstica.

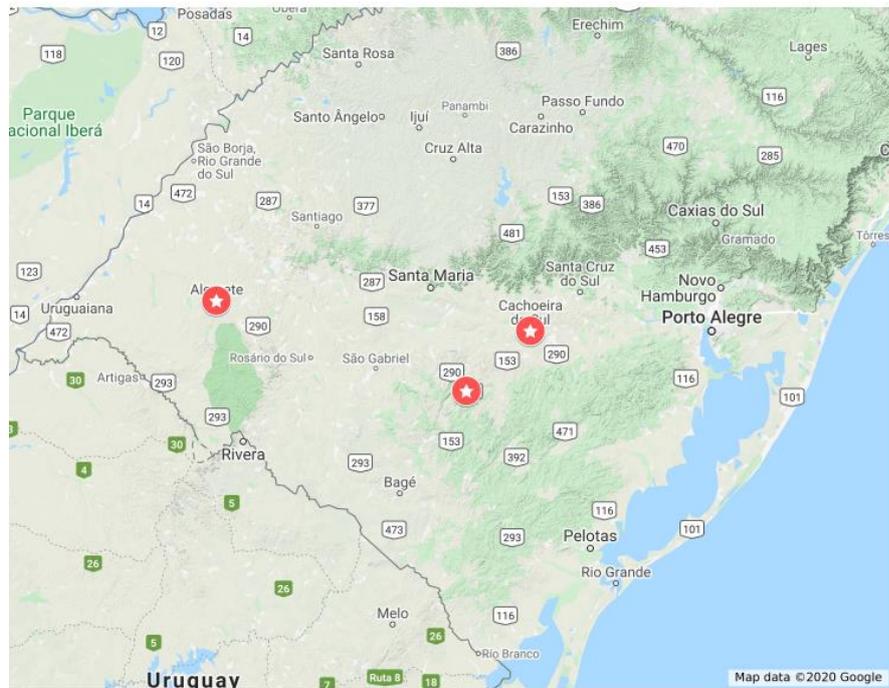
5.2 Panoramas contextuais - Grupo A

Optamos por embasar as referências do Grupo A em territórios geográficos que fizeram ou fazem parte das vidas das entrevistadas, ou ainda, em itens nos quais encontramos regularidades, como em suas funções profissionais. Portanto, neste item, serão construídos tópicos que encontram-se em dispersão, mas que, ao final, formam um conjunto mais próximo de representar o cenário no qual elas estão inseridas. Procuramos, assim, itens em comum entre elas, mesmo não sendo comum a todas, com isso, comentamos cada um, a partir de duas categorias: territorial e profissional.

5.2.1 Socioespacial

a) Nascidas no interior do Rio Grande do Sul: as cinco entrevistadas que nasceram em cidades do interior - Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul e Alegrete - viveram ou estavam nas proximidades de chácaras e fazendas, em contato com a terra e com animais. Na Figura 2, podemos observar as localizações das cidades, no estado do Rio Grande do Sul.

Figura 2 - Cidades natal das entrevistadas



Fonte: Google Maps

Em regiões como Alegrete e Caçapava do Sul, onde nasceram e cresceram, as entrevistadas mencionaram os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), como uma referência cultural. Destaca-se, aqui, dois *CTGs Negros*, em Alegrete, CTG Lanceiros de Canabarro, e em Caçapava do Sul, o Clareira da Mata²⁶ (que encontra-se na Figura 3). Além disso, participavam dos tradicionais desfiles da Semana Farroupilha e do Dia da Independência do Brasil.

²⁶ Centro de Tradições Gaúchas Clareira da Mata, de Caçapava do Sul, fundado por negros que não podiam frequentar agremiações do mesmo tipo na cidade por causa de sua raça/cor. (SALANI, 2008, 164)

Figura 3 - CTG Clareira da Mata



Fonte: Google Imagens

b) *Moradoras da Periferia de Porto Alegre*: um dos locais onde moram algumas das entrevistadas é o bairro Rubem Berta²⁷, no Conjunto Residencial Fernando Ferrari, que fica na zona norte de Porto Alegre. O histórico dessa região está ligado a questão da luta por moradia, pois desde os anos 1960, o bairro expandiu-se através da construção de diversos conjuntos habitacionais que sofriam intervenções do poder público, da iniciativa privada, ou ainda de ocupações irregulares. Conforme Severo,

Quanto às atuações dos agentes particulares, podem ser vistas através da implantação de dois conjuntos residenciais destinados na sua concepção para uma classe média baixa que busca, através da moradia na periferia, um preço menor para aquisição da casa própria, sendo eles: o Conjunto Residencial Fernando Ferrari (1987), construído pela Habitasul e o Conjunto Residencial Parque dos Maias (1987), construído pela Construtora Guerino, que foi a principal empresa particular a atuar no bairro na implantação de diversos loteamentos, hoje representada pela Construtora Ediba S.A.(SEVERO, 2006, p. 161).

Duas das colaboradoras que residem neste local, participam do Clube de Mães do Conjunto residencial Fernando Ferrari. O clube foi criado em 2009, e desde então, é um espaço onde as moradoras do condomínio reúnem-se para fazer artesanatos (bolsas, descanso de pratos, tapetes, enfeites para a casa). Também promovem eventos culturais e palestras para todo o condomínio. O local onde elas se reúnem fica em uma sala separada no condomínio, em um prédio destinado para eventos. Na sala há diversos materiais para a confecção dos artesanatos

²⁷ O bairro Rubem Berta apresenta uma população de 78.624 habitantes, delimitadas por uma área de aproximadamente 8,7 Km². Através dos números publicados no Censo Demográfico 2000, é considerado o bairro mais populoso do Rio Grande do Sul (SEVERO, 2006, p. 147)

e também há uma pequena cozinha montada no mesmo cômodo. Atualmente, a página do clube, no Facebook, que foi criada em setembro de 2019, conta com 106 seguidores. Como podemos observar, na imagem abaixo (Figura 4), as participantes criaram uma montagem com tesouras, linhas e suas próprias mãos para ilustrar seu trabalho na foto de capa de perfil. Além disso, o perfil colabora com a divulgação avisos de boas práticas no condomínio, como percebemos na última postagem realizada no perfil.

Figura 4 - Primeira Página do perfil do Clube de Mães

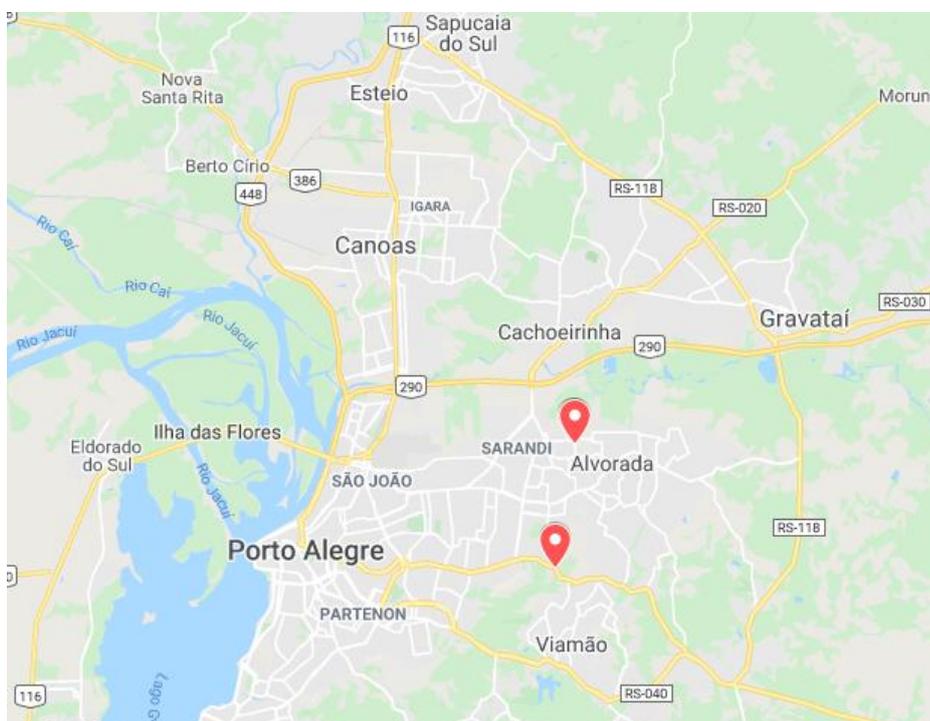


Fonte: Facebook *printscreen* criado em janeiro de 2020

Outra região da zona norte, onde vive uma das entrevistadas, é a ocupação Montepio. Nesse local, há uma construção abandonada de um hospital, onde as casas, feitas de madeira, alvenaria ou lonas, ficam entre as vigas da estrutura inacabada. A zona norte também é um dos polos de concentração carnavalescos de Porto Alegre, o que também é uma referência cultural para as entrevistadas, que participam do desfile das escolas de samba da cidade. Na Figura abaixo, podemos perceber como o local onde residem, são próximos a cidades da região metropolitana de Porto Alegre, como Alvorada de Viamão. São três, as moradoras dessa região,

porém aparecem apenas dois pontos marcados no mapa, pois duas delas residem na mesma área.

Figura 5 - Localização das moradoras da periferia de Porto Alegre



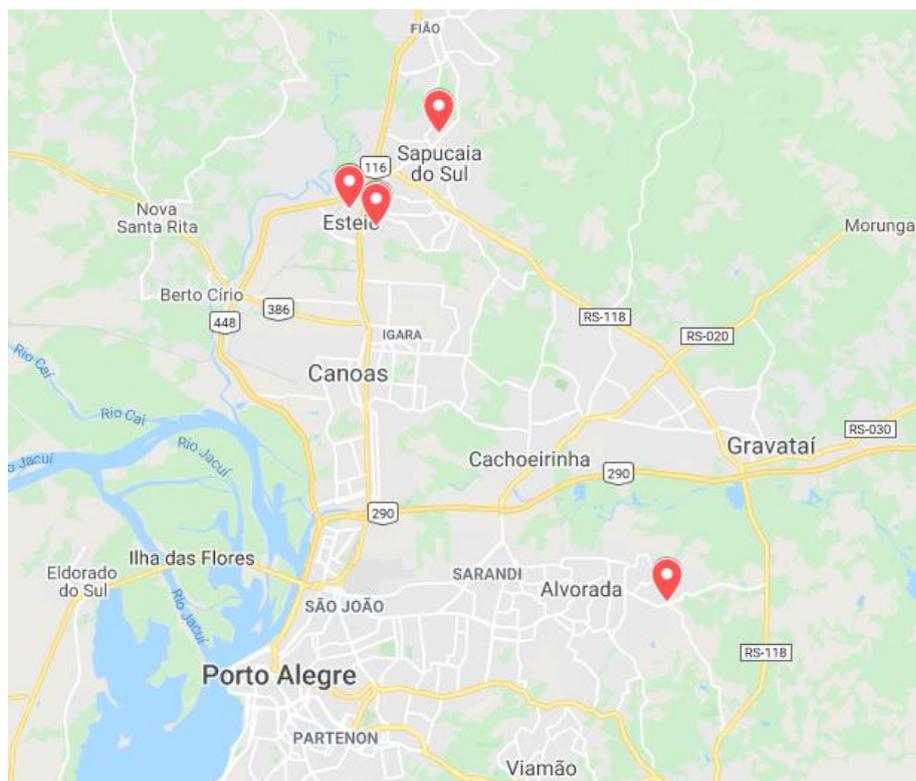
Fonte: Google Maps

c) *Moradoras da Região Metropolitana de Porto Alegre.* Seis das 11 colaboradoras do Grupo A residem na região metropolitana da capital²⁸, especialmente aquelas que vieram do interior do estado, sendo que duas delas moram em apartamentos financiados. Todas moram no máximo há 20 minutos, a pé, das estações de trem (no caso das que moram em Esteio e Sapucaia), nenhuma delas reside em regiões periféricas da cidade, todas perto do centro.

Para mostrar onde as entrevistadas do Grupo A residem, atualmente, trouxemos um mapa parcial de Porto Alegre e região metropolitana (Figura 6). O número de pontos marcados no mapa não corresponde ao número de entrevistadas, pois mais de uma entrevistada mora no mesmo condomínio ou rua.

²⁸ Porém apenas 3 delas não quiseram ser entrevistadas em suas casas, incluindo Cíntia que é de Alvorada, que preferiu ser entrevistada em seu trabalho, que fica em Porto Alegre, durante o intervalo. Cíntia, Mônica, Nicole e Vitória residem em casas, e Vanessa e Viviane, em condomínio (condomínio Esteio Novo).

Figura 6 - Localização das moradoras da região metropolitana de Porto Alegre



Fonte: Google Maps

Pötte e Miron (2012) reportam que nos últimos anos ocorreu uma forte expansão de empreendimentos do programa Minha Casa Minha Vida nas áreas verdes da região metropolitana de Porto Alegre. Conforme as autoras essa é uma região em expansão, que está em processo acelerado de urbanização (PÖTTE; MIRON, 2018). E é esse cenário, no qual essas entrevistadas encontram-se.

5.2.2 *Profissional*

a) *Domésticas, Serviços Gerais e Babás*: Cinco entrevistadas do Grupo A trabalham como empregadas domésticas em casas de família ou em serviços gerais, realizando a limpeza de espaços coletivos, sendo que duas delas chegaram a concluir o ensino médio. Além disso, em suas histórias de vida, todas as que exercem as funções mencionadas acima, começaram trabalhando na infância ou adolescência como babás. Um estudo chamado *Trajatória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras*, feito por Márcia Lima (1995), aponta que a relação entre investimento educacional e realização ocupacional diferencia-se dependendo do grupo social no qual um sujeito encontra-se. Tal pesquisa, mostra que apesar da expansão do mercado de trabalho e do aumento do grau de ensino de mulheres negras, ainda há

uma barreira social, que as impede de conseguir melhores empregos, diferente do que acontece para outros grupos, que conseguem ascender socialmente através do aumento do grau de ensino. Para a autora, o “fato de 48% das mulheres pretas e 30,5% das mulheres pardas estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativo” (LIMA, 1995, p. 495). Essa situação é resultado de uma questão histórica a ser superada no país, a exemplo do que Beatriz Nascimento coloca, “São de fato empregos cujas relações de trabalho evocam a mesma dinâmica da escravocracia” (NASCIMENTO, 2019, p. 266). Desse modo, o estudo apontado condiz com a realidade das entrevistadas que mesmo concluindo o ensino médio, podendo exercer funções com melhor remuneração, continuaram a trabalhar no serviço doméstico.

b) *Estudantes*: Quatro entrevistadas são estudantes do ensino superior. Sendo que uma está cursando doutorado, uma cursa graduação através de ensino a distância e outras duas estão cursam a graduação presencialmente. As duas últimas declararam que acessaram o ensino superior através do sistema de cotas. Nesse sentido, é importante levar em conta o contexto das políticas de ações afirmativas e do sistema de cotas como contexto das entrevistadas. Essas quatro entrevistadas fazem parte da primeira geração de suas famílias a acessar o ensino superior, com exceção do pai adotivo da colaboradora que cursa doutorado.

Segundo Gomes (2003), ações afirmativas consistem em políticas públicas ou privadas, que possuem o objetivo de neutralizar os efeitos da discriminação racial, gênero, idade, origem nacional e aparência física (GOMES, 2003). A política de cotas no Brasil vem sendo implementada desde meados dos anos 2000, sendo que em 2012 foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, que determina que 50% de todas as vagas em universidades federais sejam destinadas para alunos oriundos integralmente do ensino médio público. E dentre essas vagas, há uma porcentagem destinadas candidatos negros.

5.3 Panoramas contextuais - Grupo B

No que refere-se ao Grupo B, elaboramos o seu contexto como sendo o coletivo que as entrevistadas participam, pois foi nesses espaços que pudemos acompanhá-las. Neste item, apresentamos a descrição dos dois coletivos que o Grupo B está inserido. Começando pelo Sopapo Poético e depois, a Oficina de Leitura.

5.3.1 *Sopapo Poético*

É um sarau de poesia negra, criado em 2012 por artistas e militantes do movimento negro de Porto Alegre. A proposta do sarau é ter um espaço em que a literatura negra possa ser valorizada e difundida. O sarau acontece toda a última terça-feira do mês, no Centro de Referência do Negro, que fica na Av. Ipiranga, nº 311, em Porto Alegre.

A iniciativa da realização do sarau partiu de uma necessidade de militantes e artistas negros em criar um espaço onde pessoas negras pudessem se expressar livremente sobre suas vivências. A ideia começou inspirada em outros saraus que aconteciam no Brasil, como o Bem Black, que passou por Porto Alegre em 2011, durante a feira do livro. Além do incentivo de Vera Lopes, atriz gaúcha, que desenvolvia, na época, atividades culturais tais como “projetos de recitais de poesia e música negra, nos quais prestava homenagem às obras de Solano Trindade, Conceição Evaristo, Oliveira Silveira, Cuti” (FONTOURA et al, 2016, p. 160).

A dinâmica do sarau, envolve uma roda aberta, na qual cada participante inscrito para recitar é chamado através de uma cantiga. Esse formato foi inspirado nas rodas de poesia organizadas por Oliveira Silveira, historiador e poeta negro gaúcho, “ilustre referência da luta negra que, através do Grupo Palmares, já colocava em prática a performance de poesia”, na década de 1970 (FONTOURA et al, 2016, p. 160). Além da roda de poesia também acontece durante o evento o Cine Kafuné, o Sopapinho e a Feira Afro, que serão explicados em detalhes no relato do dia 28 de maio.

Sopapo é o nome de um tipo de tambor originário da diáspora, reconstruído por escravizados das charqueadas de Pelotas, durante o século XIX, feito originalmente com casca de árvore e couro de cavalo. Foi utilizado em meados do século XX pelas escolas de samba de Pelotas e na primeira escola de samba de Porto Alegre, a Praiana. Já na década de 1990, quando o Sopapo estava por se extinguir, houve a sua reinserção na cultura negra gaúcha, através do trabalho do mestre Giba Giba (1940 - 2014), que colaborou para a difusão do instrumento tanto nos carnavais quanto em grupos de música e dança afro do Rio Grande do Sul. Assim foi escolhido o nome do sarau, pois os organizadores queriam uma palavra que representasse a cultura negra gaúcha. “Com uma história própria, [...] e as características específicas de técnica e sonoridade (de grande tamanho e tocado com as duas mãos), o Sopapo é construído com valor da cultura afro-gaúcha, heterogeneidade da cultura negra brasileira” (FONTOURA et al, 2016, p. 173). Trouxemos na imagem a seguir (Figura 7) um exemplo de tambor de sopapo.

Figura 7 - Tambor Sopapo



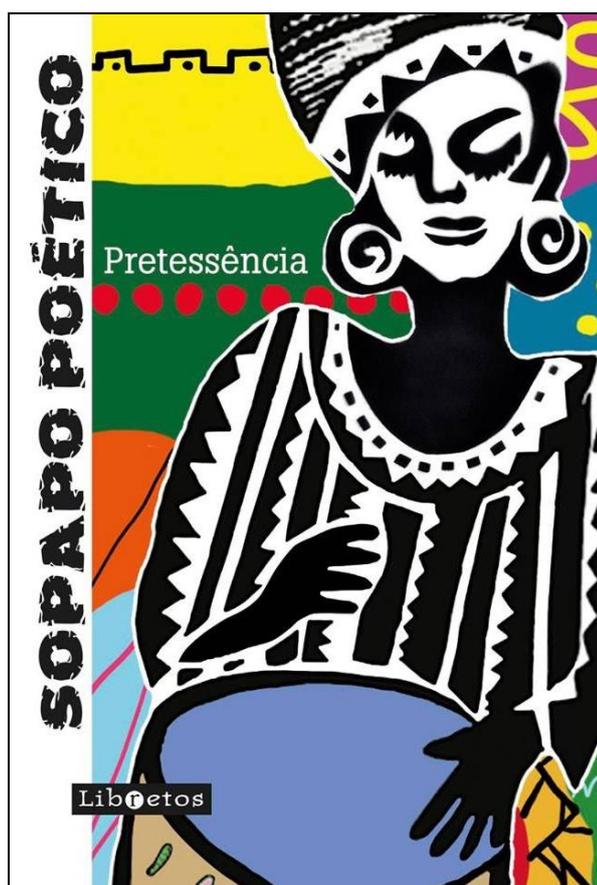
Fonte: *Flickr* Tambores da Aldeia

O sarau conta com o apoio institucional da Associação Negra de Cultura (ANdC), que tem como propósito incentivar e promover a cultura negra

Atualmente, o local onde acontecem os encontros é o Centro de Referência do Negro (CRN²⁹). Porém, o primeiro espaço a acolher o sarau foi a Associação das Entidades Carnavalescas de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul (AECPARS), lugar no qual o sarau se manteve até 2014. Após, a continuidade do projeto ocorreu de forma itinerária, até estabelecer suas atividades, no CRN, a partir de 2016.

O livro *Sopapo Poético: Pretessência* (Figura 8) foi lançado em 2016, e conta com escritos de dezenove poetas, homens e mulheres, que participam do sarau. O projeto independente, foi financiado pelos autores, e publicado pela editora Libretos, além de contar com a colaboração da Associação Negra de Cultura, para a organização do livro.

²⁹ O CRN é um local destinado a receber oficinas e atividades culturais

Figura 8 - Capa do livro *Pretessência*

Fonte: Página do Facebook do Sopapo Poético

Juntamente do lançamento do livro, também aconteceu a divulgação do documentário *Sopapo Poético - Ponto Negro da Poesia*. O curta-metragem é uma produção de José Francisco da Silva, e conta a história do Sopapo Poético através de depoimentos de colaboradores do sarau.

Todos os meses quando acontece o sarau há a presença de convidado homenageado. Para observar a diversidade de convidados presentes, no que refere-se a questão de gênero montamos dois quadros, com os nomes dos homenageados de 2018 e 2019. Na lista a seguir estão contidos todos os convidados e seus respectivos currículos.

Quadro 3 - Homenageados do Sopapo Poético em 2018

Homenageados do <i>Sopapo Poético</i> em 2018		
Mês	Homenageado	Descrição
Março	Maria José Moreira	Escritora
Abril	Bruno Negrão e Cristal Rocha	<i>Slammers</i>
Mai	Eliane Marques	Poeta, ensaísta, editora
Junho	Guto Obafemi	Contramestre de capoeira, coordenador do Ponto de Cultura Africanamente, educador social e cultural
Julho	Michel Yakini	Poeta, escritor e ativista cultural.
Agosto	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva	Professora, relatora do parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
Setembro	Renato Borba	Ativista do movimento negro, músico, sambista e compositor
Outubro	Denizeli Cardoso / Coletivo Corpo Negra	Cantora e atriz / grupo de dança formado por mulheres negras do Curso de Dança da UFRGS.
Novembro	Remanescentes do Grupo Pau Brasil / Rei Batuque	Grupo composto pelos músicos músicos Cy, Nego Luís, Leco do Pandeiro e Alexandre Rodrigues /cantor, compositor, percussionista e educador musical.

Fonte: elaboração própria

Como podemos observar no Quadro 1, em 2018, houve um total de nove eventos. Para esta contagem, consideramos os grupos que têm formação homogênea de gênero foram contabilizados como sendo um homem/mulher, como no caso dos meses de outubro e novembro. Além disso, no mês de abril, onde há um homem e uma mulher, optamos por incluí-los individualmente na soma. Sendo assim, foram um total de 5 mulheres e 5 homens homenageados, pelo sarau neste ano.

Quadro 4 - Homenageados do Sopapo Poético em 2019

Homenageados do <i>Sopapo Poético</i> em 2019		
Mês	Homenageado	Descrição
Março	Kleber da Silva Rocha, Maria Aparecida Marques da Rocha e Lilian Rose Marques da Rocha / José Antônio dos Santos	Autores dos livros: Leli da Silva – Memórias – Importância da História Oral / Liga da Canela Preta – História do Negro no Futebol
Abril	Maria Helena Montier	Cantora, intérprete de Samba
Maió	Renato Be-a-bá	Mestre de capoeira, músico especialista em tambores
Junho	Mestre Chico	Mestre de capoeira, compositor, músico percussionista, artista plástico
Julho	Agnes Mariá	<i>Slammaster</i>
Agosto	Oliveira Silveira	Poeta e escritor
Setembro	Sirley Amaro	Mestra Griô e carnavalesca de Pelotas
Outubro	Maçambique de Osório/RS	Maior manifestação religiosa e cultural organizada pelos negros do quilombo de Morro Alto, no interior do município gaúcho de Osório
Novembro	Rafa Rafuagi	MC do grupo de rap Rafuagi

Fonte: elaboração própria

Em 2019, também ocorreram nove eventos. Para fazer a contagem do número de homenageados homens e mulheres, não consideramos os grupos mistos, como no caso do mês de março e também não consideramos o mês de outubro, no qual a homenagem foi para uma celebração religiosa chamada Maçambique³⁰. Sendo assim, foram três edições do *Sopapo Poético* com mulheres homenageadas e quatro edições com homens homenageados.

Portanto, observamos que a organização do evento preocupa-se em ter tanto homens quanto mulheres entre os homenageados. Além disso, há uma alternância entre eles.

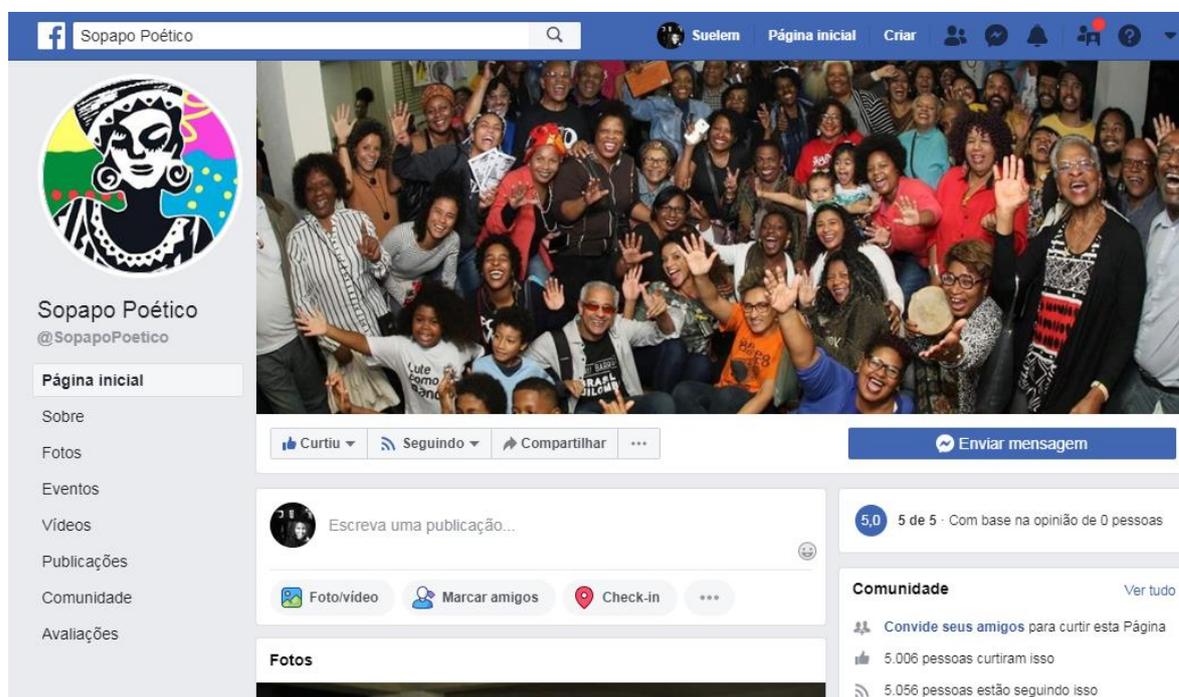
Além do sarau, que ocorre mensalmente, o coletivo Sopapo Poético realiza ou participa de outros eventos. Tanto em 2018 quanto em 2019 o grupo esteve presente na Feira do Livro de Porto Alegre, com apresentações do adultos e também das crianças do Sopapinho. Dentre as diversas outras participações do *Sopapo* destacamos: uma em julho de 2018, no evento *Dia da*

³⁰ O Maçambique é uma manifestação religiosa e cultural, organizada pelos negros do quilombo de Morro Alto, que fica no interior de Osório, no Rio Grande do Sul

Mulher Negra com Sopapo Poético e Negras em Canto; e em março de 2019, em outro evento chamado *A mulher negra na poesia*. Desse modo, observamos que para esse coletivo é importante a discussão sobre as questões que envolvem a mulher negra na sociedade.

Com relação aos espaços virtuais, a página do Sopapo Poético no Facebook conta com mais de 5 mil seguidores. Como podemos ver abaixo, na Figura 1, na foto de capa, encontra-se a *selfie* que é sempre feita após o término de cada evento, pelo fotógrafo Marcos Pereira Feijão. Esta é a principal plataforma de divulgação do sarau e coletivo, pois além do chamamento mensal para o sarau, também são postadas as fotos do sarau do mês e de outros eventos nos quais representantes do *Sopapo Poético* estiveram presentes para apresentar o trabalho do grupo. A ilustração presente na foto de perfil do coletivo é a imagem presente na capa do livro, que aparece na Figura 9.

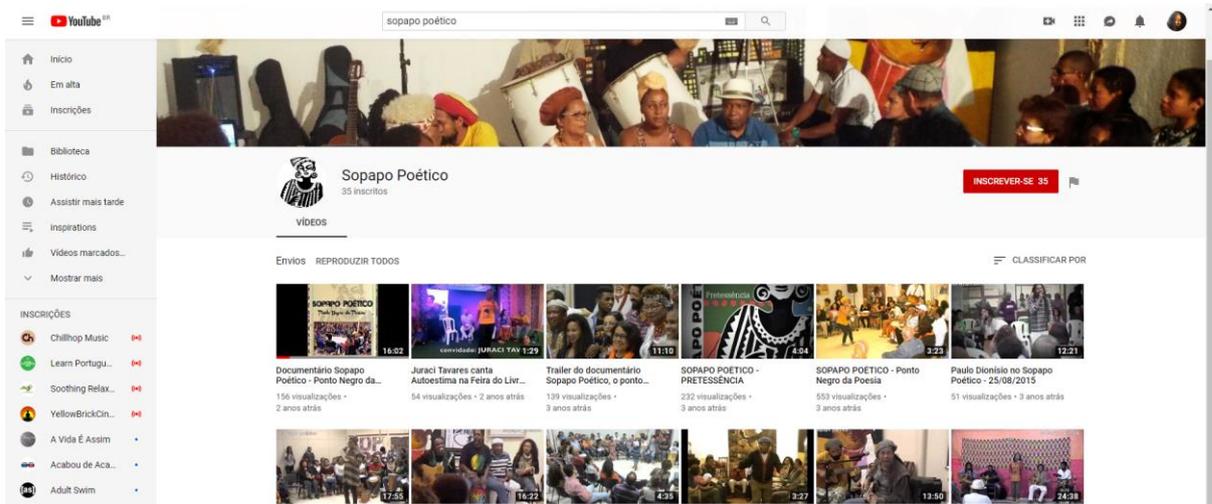
Figura 9 - Primeira Página do Perfil do Sopapo Poético no Facebook



Fonte: Facebook - *print screen* tirado em junho de 2019

O coletivo tem um perfil no YouTube com 13 vídeos, postados entre 2014 e 2016, contendo filmagens de saraus desses anos, nas quais há pessoas recitando poesias. No centro da Figura 10, podemos ver todos os vídeos que foram postados, e na parte superior uma foto de capa, com os integrantes do sarau reunidos perto dos instrumentos musicais. O documentário *Sopapo Poético - Ponto Negro da Poesia* foi o último vídeo divulgado no canal.

Figura 10 - Primeira página do perfil do Sopapo Poético no YouTube



Fonte: YouTube - *print screen* tirado em junho de 2019

O blog do sarau contém postagens dos anos de 2015 e 2016. Esta era a principal plataforma de divulgação, tanto de chamada para o evento quanto de fotografias tiradas durante os eventos. Neste espaço, também foram divulgadas entrevistas realizadas com convidados do mês do sarau. Como podemos observar na Figura 11, na parte superior da página do blog, há a descrição do sarau, no lado esquerdo há uma ilustração do artista plástico e fotógrafo Paulo Correa e uma foto da escritora Lilian Rocha fazendo sua performance em um sarau, à direita uma foto das crianças integrantes do Sopapinho, além de uma ilustração do artista Henrique Branka. Ao centro encontra-se a última matéria postada no blog, uma entrevista com o poeta Duan Kissonde.

Figura 11 - Primeira Página do blog do Sopapo Poético



Fonte: Blogspot - *printscreen* tirado em junho de 2019

5.3.2 Oficina de leitura

Oficina de Leitura em língua inglesa: Autoras negras tem a proposta de difundir e debater o pensamento de autoras negras via textos produzidos originalmente em língua inglesa. A oficina é uma das atividades oferecidas pelo projeto de extensão Enegrecendo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Esse projeto nasceu a partir do ciclo de palestras e atividades relacionadas às questões étnico-raciais, chamado Enegrecendo Setembro. A oficina é coordenada pela professora Renata Severo e tem o apoio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e do Programa Permanente de Ensino de Línguas e Literaturas (PROPEL).

O livro escolhido para leitura foi o *Plantation memories: Episodes of everyday racism*, da psicóloga, professora, escritora e artista afroportuguesa, Grada Kilomba. A obra foi escrita originalmente em inglês em 2008, e agora, em 2019, a editora Orfeu Negro lançou a obra em língua portuguesa.

Quanto ao espaço virtual da Oficina de Leitura, a divulgação da está presente na página do Facebook do programa Enegrecendo, portanto a Oficina de Leitura não tem uma página virtual própria. Mas a página Enegrecendo divulga tanto a abertura de inscrições para a participação, quanto fotos da turma nos fechamentos de ciclo da oficina. Na Figura 12,

observamos uma ilustração de capa feita por Willian Ansolin, bem como a foto de perfil do programa. Em junho de 2019, quando criamos o *printscreen*, a página estava com 580 seguidores.

Figura 12 - Página Inicial do perfil programa Enegrecendo no Facebook



Fonte: Facebook - *print screen* tirado em junho de 2019

Os encontros da oficina ocorrem no IFRS - Campus Porto Alegre, nas noites de terças-feiras, quinzenalmente, na maioria das vezes. As convocações ocorrem via Facebook, principal plataforma utilizada pelo programa, além de e-mails. E garante-se a vaga, com presença no primeiro e/ou segundo dia de oficina. A oficina é gratuita e aberta à qualquer pessoa, independente gênero, raça/etnia ou proficiência de leitura em língua inglesa. No ano de 2018 houve 2 ciclos de encontros, com duração média de duas horas. Em 2019, está programado apenas 1 ciclo com 13 encontros, com duração média de três horas, para que o livro seja lido até o fim do ano.

No primeiro ciclo foram 5 encontros, nos quais participaram sete mulheres. Ocorreu a leitura da introdução, primeiro e segundo capítulos do livro.

Quanto ao método de leitura utilizado pelo grupo, era requisitada a leitura prévia do capítulo a ser discutido, porém não era obrigatória. No momento dos encontros, em cadeiras formando um círculo, algumas das participantes liam em voz alta trechos em inglês, e quase todos esses excertos eram traduzidos e explicados através de relações com a experiência

cotidiana das leitoras. Além disso, se surgiam dúvidas de vocabulário, a coordenadora, que é professora de português e inglês estava ali para ajudar na tradução.

No segundo ciclo foram oito encontros, e participaram um total de dez pessoas, sendo a maioria mulheres negras, que eram oito. Foram discutidos os capítulos três e quatro. A dinâmica de leitura continuou parecida com a do primeiro encontro, porém houve uma modificação em relação à leitura prévia, pois cada pessoa passou a ficar responsável pela leitura de um dos subtópicos (de uma a duas páginas) que fazem parte da composição de cada capítulo, para então apresentar de forma resumida, em português. Sendo cada capítulo composto por cerca de 4 desses subtópicos, e em cada encontro eram apresentados dois deles.

A chamada para o primeiro ciclo de reuniões foi divulgada também na página do programa enegrecendo, como podemos observar na Figura 13. No cartaz para a chamada do evento, foi realizado uma montagem com diversas fotos de autoras negras, tais como bell hooks, Audre Lorde, Zora Neale Hurston, Toni Morrison. Além de conter informações sobre a dinâmica de leitura das oficinas e as informações relativas às inscrições.

Figura 13 - Chamada para o primeiro ciclo de leitura da oficina



Fonte: Facebook - *print screen* tirado em junho de 2019

Na imagem a seguir (Figura 14), consta um aviso, postado na página do Facebook do programa Enegrecendo, para as participantes da oficina, sobre o início do segundo ciclo de reuniões que ocorreu no segundo semestre de 2018. No *post* há um link que direciona para uma

entrevista realizada com a autora do *Plantation Memories*, Grada Kilomba, para o documentário *White Charity*³¹ (2011).

Figura 14 - Aviso para inscritas do segundo ciclo de encontros



Fonte: Fonte: Facebook - *print screen* tirado em junho de 2019

Para o terceiro ciclo, a leitura do livro foi planejada em 13 encontros. O convite para a participação das oficinas continuou a ser realizado via mídia social, na página do programa Enegrecendo. Porém, dessa vez, foi criado um evento para a realização da divulgação, como podemos ver na Figura 15, a seguir.

³¹ Caridade branca, em tradução livre. O documentário, realizado por Carolin Philipp e Timo Kiesel, busca refletir sobre o racismo nas propagandas de organizações de caridade alemãs, bem como apontar a perspectiva colonialista e estruturas de poder nessas campanhas e cartazes.

Figura 15 - Página do evento da Oficina de Leitura no Facebook



Fonte: Facebook - printscreen capturado em junho de 2019

5.4 Relatos de observação de campo - Grupo A

Este item inclui os relatos das observações do Grupo A, relativo às visitas realizadas nos territórios mencionados no item 5.2.1.

Para chegar no conjunto residencial Fernando Ferrari (Figura 16), partindo do centro de Porto Alegre, foi necessário pegar o ônibus D72 (Direção/Via Fernando Ferrari), que demora em torno de 40 minutos, partindo do Mercado público. Apenas uma das colaboradoras, que mora no condomínio Fernando Ferrari quis ser entrevistada em sua casa, que foi Valentina.

Figura 16 - Conjunto residencial Fernando Ferrari



Fonte: Google Maps

Quando entrei em seu apartamento, seu marido estava na sala e fizemos a entrevista ali mesmo. Enquanto ele almoçava, a televisão estava ligada, e nela passava um programa de esportes. Na estante da entrevistada havia fotos de família, principalmente de seus filhos. Além disso, havia duas bonecas negras no sofá.

Para ir até a casa de Priscila, no conjunto habitacional Montepio foi necessário pegar a linha de ônibus 497, Mário Quintana, partindo das proximidades do Campus Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fui acompanhando a entrevistada, que falou de seu cotidiano com seus filhos. Ao chegarmos no destino, descemos do ônibus e atravessamos uma rua para chegarmos ao conjunto habitacional. Enquanto caminhávamos pelas pequenas ruas, ainda sem calçamento, Priscila apontava para as vigas inacabadas (Figura 17), explicando que ali um hospital iria ser construído, mas a obra foi abandonada, e depois disso, ocorreu a ocupação.

Figura 17 - Conjunto Habitacional Montepio



Fonte: Google Maps

Havia diversas antenas de TV a cabo, a respeito disso, a entrevistada disse que no local não havia sinal de TV aberta em antenas comuns, então todos tinham TV por assinatura. Ela disse que tinha o pacote mais barato, e que a prioridade era ter desenhos animados para seus filhos assistirem. Após, chegamos até sua casa, que era feita de madeira e possuía quatro cômodos, contando o banheiro. Sobre sua casa ela disse, que as condições não eram tão boas, principalmente porque quando chove a casa enche de água, mas que está satisfeita, por ter conseguido algo que é seu, não precisando, assim, pagar aluguel. Quando entramos na casa, ficamos no cômodo que era sala e cozinha juntos, na estante havia uma TV de tubo, que Priscila ligou para assistir seu programa favorito, Chaves. E em seguida ela foi aquecer seu almoço. Após ela terminar de comer, começamos a entrevista.

Para chegar até a região da cidade de Esteio, onde as colaboradoras Nicole, Mônica, Vanessa e Viviane foram entrevistadas, partindo do centro de Porto Alegre, foi necessário pegar o trem na estação Mercado. O trajeto demora 30 minutos até a estação Esteio (Figura 18).

Figura 18 - Estação de trem de Esteio



Fonte: Google Mapas

Para chegar ao condomínio Esteio Novo (Figura 19) foi necessário caminhar por volta de 15 minutos. Ambas colaboradoras que residem no local (Vanessa e Viviane), compraram seus apartamentos na planta, através de financiamento pelo programa Minha Casa Minha Vida. O condomínio onde vivem tem piscina e área de lazer com pracinha, porém o espaço do apartamento não é muito grande, tendo dois quartos e sala junto da cozinha.

Figura 19 - Condomínio Esteio Novo



Fonte: Acervo da pesquisa

Em relação aos bens de consumo cultural e midiáticos que encontrei quando estive em suas casas, na casa de Mônica, havia uma *Smart TV*, de em torno de 50 polegadas, ela disse que

costuma assistir muitas séries com sua irmã e seus pais neste espaço, e neste mesmo local também havia fotografias da família. No apartamento de Vanessa, na estante da sala havia uma TV LCD de 32 polegadas, uma pequena caixa de som portátil, além de fotos da família, na formatura de sua única filha. Já na casa de Viviane, na sala, que também era compartilhada com a cozinha havia uma *Smart TV* de 40 polegadas, e também havia algumas fotos na estante.

5.5 Relatos de observação de campo - Grupo B

O relato presente tem por objetivo mostrar como ocorre o sarau Sopapo Poético. Para tanto, apresentamos, a seguir, uma síntese de três encontros que participamos, nos dias 28 de maio³², 25 de junho e 30 de julho. Decidimos fazer o relato, dando enfoque para três aspectos: 1) estrutura do encontro, do início ao fim; 2) ênfase ao funcionamento da roda de poesia; 3) apresentação do convidado homenageado da noite.

O nosso primeiro contato com as organizadoras do Sopapo Poético ocorreu em um encontro da 7ª Semana da África na UFRGS, no qual alguns dos integrantes do coletivo estiveram presentes em uma apresentação. Neste dia, apenas foi manifestado o interesse em entrevistar algumas participantes do coletivo e em realizar a pesquisa de campo no sarau e ficou combinado que iríamos oficializar o pedido no sarau seguinte.

³² Apesar da primeira observação, em ordem temporal, ter sido na Oficina de Leitura, por questões de ordem interna de nosso texto, optamos por descrever primeiramente os encontros do sarau Sopapo Poético.

Figura 20 - Cartazes de divulgação do sarau Sopapo Poético



Fonte: Facebook

O evento estava marcado para às 19h30, no Centro de Referência do Negro (CRN) Nilo Feijó, na Av. Ipiranga, 311, em Porto Alegre. Na Figura 15, há a divulgação dos eventos, mostrando os homenageados dos meses de maio junho e julho, respectivamente, sendo que, o primeiro foi o tamboreiro mestre Renato Bê-a-Bá, o segundo, o mestre de capoeira, músico e artista plástico, Mestre Chico, e por último, a *slammaster*³³, Agnes Mariá.

Para conversarmos com a coordenadora do sarau, comparecemos com antecedência ao local, chegamos ao CRN, às 19h. Logo que entramos no salão percebemos que já era grande a movimentação dos organizadores. As cadeiras encontravam-se dispostas em roda, e já estavam montadas as bancas da Feira Afro, os equipamentos de som e vídeo do Cine Cafuné e uma mesa com diversos tambores inhã³⁴.

³³ Mestre de cerimônias de *slam*. (Nota de rodapé 4). *Poetry slam* é uma competição em que poetas leem ou recitam um trabalho original, que geralmente ocorre em espaços públicos e abertos. Essas performances são julgadas por membros selecionados da plateia.

³⁴ Inhã é um tambor de dois lados, sendo um lado maior, representa o mundo material e o lado menor o mundo espiritual.

Figura 21 - Tambores de Inhã



Fonte: Acervo de pesquisa da dissertação

Conforme observamos na Figura 21, havia tambores de inhã de diversos tamanhos. Acima deles estava exposto o estandarte da escola coordenada pelo mestre Renato. A escola do Be-a-Bá Angola Malta existe desde de os anos 1990, e é vinculada aos movimentos sociais e negros de Porto Alegre.

Ao lado das mesas com os tambores, encontramos a Feira Afro, composta por pequenas bancas de vendedores, que localizavam-se às margens da roda de poesia, onde são comercializados produtos, ocorrendo de forma simultânea ao sarau. Os produtos eram diversos: roupas, brincos, livros, cosméticos naturais e alimentos.

Ao aproximar-se do horário do início do sarau, mais pessoas iam chegando. Alguns dos integrantes do coletivo localizavam-se perto da entrada do salão, para receber e cumprimentar quem acabava de chegar para o evento. O público era diverso, havia jovens, idosos, crianças, mulheres, homens, etc, porém majoritariamente negro. Estavam presentes ícones do movimento negro, como Petronilha Gonçalves e Silva, relatora da lei 10.639/03³⁵ e Negra Jaque, rapper e ativista porto alegreense. Ademais, também estavam presentes pessoas que foram ao Sopapo Poético pela primeira vez, como foi constatado durante a roda de poesias, em que foi feita esta pergunta ao público. Na Figura 22, podemos observar as pessoas chegando dispendo-se junto a roda onde, mais tarde, ocorreriam performances poéticas.

³⁵ Lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história da África e das culturas africana e afro-brasileira no currículo da educação básica.

Figura 22 - Público aguardando o início da roda de poesias



Fonte: Acervo de pesquisa da dissertação

A primeira pessoa com quem conversamos, ao chegar no evento, foi Luciana, que é quem apresenta os convidados e chama os recitadores para a roda de poesias. Ela nos apresentou Cristina, a líder do coletivo Sopapo Poético. Então, subimos para o andar de cima do prédio do CRN. Em seguida, o projeto de pesquisa foi apresentado à Cristina, com as devidas explicações sobre os objetivos do trabalho e sobre o desejo de entrevistar participantes do coletivo. Ela foi muito receptiva, nos acolhendo e comentando que havia outros estudantes que também estavam realizando suas pesquisas no Sopapo e autorizando nossa pesquisa ao final da conversa.

Nesta reunião informal com a Cristina, também ficamos sabendo um pouco mais sobre a organização dos eventos, como, por exemplo, sobre a preocupação em alternar os homenageados entre diversas idades, entre homens e mulheres, além das variedades de temáticas. Ela também comentou sobre prêmio Culturas Populares, edição Selma do Coco³⁶, que o Sopapo Poético ganhou neste ano, e que colaborou para realização dos eventos.

Ao retornar para o salão, depois da conversa com a Cristina, já passava das 19h30. O Cine Kafuné, que é o momento em que videoclipes e documentários são projetados no telão, já estava acontecendo e fazia a trilha sonora para o público que chegou cedo, para pegar os

³⁶ O edital Culturas Populares, financiado pelo Ministério da Cultura/Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Governo Federal, contempla projetos que buscam a afirmação de identidades culturais, da memória, e que preservam seu legado cultural.

melhores lugares. O videoclipe que estava passando, neste momento, era um bullerengue³⁷ da cantora afrocolombiana, Petrona Martínez, chamado *La Vida Vale La Pena*.

Que canta Sigan mis hijos porque la vida es bonita
 Sigan sacando la arena que eso no nos perjudica
 Vamos mis hijos ya la creciente bajó
 Vamo' a sacar la arena pa' ganarnos pal arroz
 Vamos mis hijos ya la creciente bajó
 Vamo' a sacar la arena pa' ganarnos pal arroz
 Ay Petronita, la arena me va a matar
 Ya me duele la cintura que no puedo caminar

A música de Petrona Martínez, fala sobre o trabalho braçal e rural. Na música, a cantora convoca seus pares a trabalhar junto dela, enquanto plantam e colhem. Ela os chama pelos nomes, sempre dizendo que isto não os prejudica e que *la vida vale a pena*. Isso se repete por quase toda a música. No entanto, ao chegar aos versos finais, Petrona revela-se muito cansada, com dores e sem poder caminhar. Trazendo à tona as consequências do trabalho exaustivo e precário.

Figura 23 - Dj Augusto Santos a frente do Cine Cafuné



Fonte: Acervo de pesquisa da dissertação

Na Figura 23, podemos observar atrás do DJ Augusto Santos, responsável pela seleção de videoclipes que são projetados na noite, a imagem do Petrona Martínez cantando. Enquanto

³⁷ Gênero musical e dança, reconhecido por ser a “música tradicional afro” da Colômbia.

o Cine Kafuné acontecia, Luciana passava entre as pessoas, avisando que estava anotando os nomes de quem tivesse interesse em performar na roda de poesia, além de pedir para que todos que estivessem presentes preenchessem seus nomes para que pudesse ser feita a contagem do público presente. Ao final do Cine Kafuné o salão já encontrava-se quase cheio.

A passagem para um segundo momento do sarau se deu às 20h. Ao som de instrumentos de percussão, entraram em torno de cinco dos integrantes do coletivos cantando duas das músicas tradicionalmente cantadas no sarau, chamadas *Tá na Hora*, e *Que poema é esse*³⁸

Tá na hora, meu amigo, antes que cê esqueça
De contar pra todo mundo o que cê tem nessa cabeça
Tá na hora de dizer a verdade
Abrir seu peito e cantar bem alto
Pra toda cidade ouvir
(Bedeu)

Que poema³⁹ é esse? Eu quero saber
É o poema negro⁴⁰ que viemos mostrar pra você (pra você)
Somos “poeta preto”⁴¹, somos bem legal
Temos cabelo duro, somos *black* “*pow*”
(Paulinho Camafeu - Ilê Aiyê)

As palmas do público acompanharam as duas canções. Em seguida, Cristina começou a falar sobre o Sopapo Poético, enfatizando que aquele era um lugar onde era possível resgatar a ancestralidade afro-gaúcha. Na sequência, ao som do tambor, ela iniciou o momento de saudação aos orixás, falando seus nomes: Bará, Ogum, Xangô e Oxum, explicando suas respectivas simbologias. Após, a palavra foi passada à Pâmela, para explicasse as regras da roda de poesia, que são: uma pessoa por vez; poesia negras (escrito por poetas negros); tempo máximo de três minutos para recitar. Antes do início das performances ainda foi pedida uma salva de palmas para Tia Maria do Jongo⁴² e Selma do Coco⁴³

Luciana passou, então, a chamar as pessoas que se inscreveram previamente. Esse chamamento acontecia sempre embalado com uma das canções citadas anteriormente, e também, com as outras duas canções: *Cânticos do Maçambique* e *Jeguedê*; ocorrendo uma alternância entre elas.

³⁸ Originalmente esta música chama-se “Que Bloco é Esse?”.

³⁹ “bloco”, no original

⁴⁰ “mundo negro”, no original

⁴¹ “criolo doido”, no original

⁴² Tia Maria do Jongo fazia composições dessa dança que é acompanhada de cantigas e tambores, originária da cultura africana. Tia Maria também fundou o Império Serrano, uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro.

⁴³ Selma do Coco foi cantora e compositora que fazia “coco de roda”, dança típica das regiões norte e nordeste, também acompanhada de percussão e cantos, que teve origem nos engenhos de açúcar, durante o período colonial.

O Tambor tá Batendo, tá repinicando,
São os teus poetas, oi Senhô,
Que o tambor está chamando. ⁴⁴
(Tamborada)

Suinga nega nesse bangulê
Bate palma aê, bate palma aê
Jinga na dança, afoxé nagô
Vou te prender com meu canjerê
Nesse jeguedê meu samba é pra você
(Delma Gonçalves e Jorge Onifade)

Assim como o perfil do público, os recitadores variaram entre mulheres, homens, jovens, idosos, mas em sua maioria negros. Além disso, como mencionado nas regras, a roda não é restrita para negros, sendo que o único critério relativo à questão de raça é a poesia de autoria negra.

Cada participante da roda tem um jeito de performar sua poesia. Esse foi um momento em que os poetas soltaram a voz, falaram alto, com muita firmeza, olhando para o público, fazendo gestos com as mãos e caminhando pelo círculo. A maioria deles foi com o texto decorado, mas eventualmente alguém levava por escrito. Alguns textos eram de autoria própria.

Há uma grande variação nos estilos de recitar: os jovens poetas *slammers*, com uma fala rápida, e impositiva, que lembra *rap*, com suas palavras rimadas, que são ao mesmo tempo depoimento, história de vida e denúncia social; já os poetas maduros, têm suas raízes no samba e no bolero, e, assim recitam de forma mais ritmada e cadenciada, expressando sua exaltação do povo negro ou abordando temas de amor; entre os adultos de meia idade é frequente que sejam confrontantes em suas performances, assim como os jovens, buscam na memória uma maneira de compreensão de suas identidades, principalmente na lembrança dos Lanceiros Negros e dos escravizados no período do Brasil colonial.

Sou negra, sim
Fui tirada da mãe-África
Do berço da humanidade
Sem direito e sem igualdade
Sem água, comida nem pena nem piedade
Só recebi os castigos da cruel sociedade
Chicoteada e escravizada, num navio negreiro oceano atravessei
Mergulhei no abismo da escravidão
Não havia luz, só senti o peso do grilhão
Chegando em terras colonizadas
Trabalhei, trabalhei, trabalhei
Ardo de sol a pino
Para o alívio das nossas dores
Na Senzala o canto é nosso hino

⁴⁴ No original: O tambor tá batendo / ele tá repinicando / O tambor tá batendo / ele tá repinicando / São seus dançante, sinhô / Que o tambor tá chamando

Muitos dos meus irmãos não sobreviveram
 Mas eu, nós, nós lutamos como guerreiros
 hoje esse fato e narrado e interpretado, é a história dos nossos ancestrais
 De um povo que vem conquistando seu povo, seus direitos e seus ideais
 (Simone Melo)

As temáticas presentes nas poesias tem a ver principalmente com o racismo, apontando para as questões sociais específicas que envolvem o homem negro (no caso de carregar o estereótipo de *bandido*), e as da mulher negra (no caso dos estereótipos de empregada doméstica ou *mulata* que samba). Os assuntos abordados nem sempre estão ligados diretamente a questão da negritude, também falam de amor, sexualidade, questões existenciais.

Ser mulher num mundo projetado, formatado masculinamente
 É triplamente, é triplicar um esforço permanentemente
 Pra então assim poder provar seu valor
 Ser mulher num mundo comandado pelos homens exclusivamente
 É ser submissa para ser decente, é sofrer violência sem nenhum pudor
 Ser negra mulher é tudo isso e muito mais discriminação
 Viver na corda bamba sobre a opressão
 Sempre invisível aos olhos da nação
 Ser negra e mulher mesmo com sua força e determinação
 é delimitado o campo da ação
 Preconceituosos nunca passarão
 Na foto da formatura a única negra
 Na literatura a única negra
 No cargo da chefia, do dono da companhia, a única negra
 Quem está no fundo da sala, a única negra
 Com quase ninguém fala, a única negra
 mas desistir jamais, que ninguém será mais, a única negra
 (Sílvia Duarte / Alexandre Rodrigues)

Na transição do final da roda de poesia para o Sopapinho, passou a caixa de contribuição espontânea para manutenção do espaço. A música cantada durante a entrada do Sopapinho foi Caxinguelê das crianças, com todos batendo palmas e percussão:

Lá na mata tem cachorro do mato, caxinguelê ô!!
 Lá na mata tem cachorro do mato, caxinguelê ô!!
 Chamei minhas crianças para "vir" me defender...
 Chamei minhas crianças para "vir" me defender...
 Sarue lerê Saruê lará na fé das minhas crianças saravá pai oxalá
 (Clementina de Jesus / José Ventur)

A apresentação do Sopapinho foi uma homenagem a Tia Maria do Jongo, em que as crianças cantaram um jongo da artista.

Dentre os convidados homenageados dos eventos que observamos, elegemos o sarau que levou Agnes Mariá ao centro da roda. Ao ser anunciada, a *slammaster* iniciou a sua apresentação agradecendo aos seus pares e a seu orixá. Na sequência falou que estava lançando

o seu fanzine⁴⁵, chamado Nega Diaba Na cidade de Deus. Após agradeceu aos Poetas Vivos, coletivo de *slammers* do qual faz parte, e combina com o público o grito que é uma marca deles, dizendo, “Eu grito “É o terrorismo lírico revidando e resistindo”, e vocês me devolvem com toda a energia “Poetas Vivos”. Faz-se grito de guerra e Agnes começa:

Instinto
 Saio de Casa a meia Luz
 Sinal da Cruz
 Afago a guia no pescoço
 E agradeço a proteção do meu exu
 alupo Bará
 Com fone no ouvido, crioulo no talo sigo
 A moral no meu inferno astral
 Lidando com uma pá de problema pessoal
 E lutando para ser do bem nesse mundo que exige que eu seja do mal
 logo eu fruto de uma noite casual
 Um porre paradoxal, que faz chorar na horizontal
 Por medo de que o atraso menstrual já tenha se desenvolvido
 pra mais um embrio fetal
 Eu sou crise total, pensamento irracional
 Coquetel de Cytotec anticoncepcional
 Com direito a murro na barriga e agulha de tricô intravaginal
 mas tudo bem um milagre celestial,
 fora descomunal, fazendo da minha voz instrumento vital para te acertar
 Desde o início, eu não desisto eu não me deixo levar, eu fui feita num ford daqueles
 ruim de aturar
 (...)
 Enquanto nós nos matamos pelo mínimo que o governo segue subtraindo
 Mais uma reforma sem luta e nós vamos trabalhar só para continuar existindo
 Então usa o instinto
 Não olha para o umbigo
 presta a atenção
 a população preta pobre periférica tá em extinção
 E quando injustiça se torna rotina revolução é obrigação
 irmãos, a minha preocupação não é com quem come salmão
 mas com a mãe que hoje não tem nem uma só refeição
 menor sem livro é menor de fuzil
 Eu sou a Agnes, o g é mudo eu não.
 (Agnes)

A apresentação de Agnes também incluiu a presença de mais dois integrantes do coletivo Poetas Vivos, que junto com ela, participaram de uma das performances da noite. Após a descrição do relato do sarau e coletivo Sopapo poético vamos a descrição da Oficina de Leitura.

No primeiro encontro de 2019 da Oficina de Leitura, no dia 21 de maio, estiveram presentes onze pessoas interessadas em participar, sendo oito mulheres e três homens. Desses,

⁴⁵ Publicação impressa, não oficial, feita a partir de escritos e ilustrações de um ou mais autores.

seis eram pessoas que ainda não haviam participado dos encontros de 2018. A maioria dos participantes, eram negros, com exceção de uma pessoa e da professora.

Na sala de aula destinada ao encontro, havia quadro branco, carteiras escolares e projetor, diferente dos encontros de 2018, que aconteciam em uma sala para projetos de extensão, sem esses instrumentos. Antes do início da reunião, as carteiras foram dispostas em formato de círculo, para facilitar a comunicação entre os participantes. A oficina teve início às 18h, a professora responsável pelo projeto apresentou-se e contou ao grupo como vinha ocorrendo a dinâmica dos encontros do ano anterior. Além disso, também explicou quem era Grada Kilomba, falando sobre a carreira artística e acadêmica da autora.

Em um segundo momento, foi solicitado pela professora que as pessoas presentes se apresentassem e falassem o que as motivou participar da oficina. Cada pessoa contou um pouco de sua vida. A maioria dos participantes possuíam ensino técnico ou superior em andamento ou completo, ou ainda pós-graduação. As apresentações, ao todo, duraram mais de uma hora, pois esse foi um momento em que, além de falar de suas referências e de onde vieram, os participantes também trouxeram muito de seu cotidiano, falando de situações de racismo. Os assuntos que mais apareceram, sendo todos eles permeados pela questão do racismo ou da negritude, foram os seguintes: cotas, cabelo/transição capilar, consumo cultural e midiático e mundo do trabalho. Apareceram reflexões significativas, como nestes dois exemplos: um rapaz negro de pele clara, relatou que até há pouco tempo tinha preconceito com qualquer música que viesse da cultura negra, como samba, pagode, funk, rap. Porém, disse que recentemente resolveu escutar o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, do grupo Racionais MC's, e que se sentiu surpreendido pela complexidade e das letras. O segundo exemplo veio de Milena, que morou na Nigéria, e relatou ter se sentido surpresa ao chegar no país, e algumas pessoas disseram que ela não tinha nada de africana, que sua pele poderia ser escura, mas seus hábitos, e forma de ver o mundo vinham de uma país colonizado por brancos e que, depois de tantas misturas, o vínculo com a África já havia sido apagado.

Nesse diálogo também tratou-se sobre o estigma da malandragem, que recorrentemente é associado aos negros. A professora, que é branca e descendente de italianos e alemães, trouxe um relato sobre o seu cotidiano, lembrando de como seus parentes e conhecidos não carregavam tal estigma. Ela contou que apesar de sempre ter visto e ouvido contar na família e nas famílias de pessoas de mesma origem, sobre “roubos” nas demarcações de terras, em que tentavam sempre alargar o tamanho da cerca, ou sobre outros pequenos hábitos que poderiam se enquadrar na malandragem, eles nunca seriam vistos como “malandros” pela sociedade.

A intenção da professora era de darmos início a leitura da introdução, porém sobrou pouco tempo depois das apresentações e diálogos que ocorreram. Ainda assim, uma das participantes que já acompanhava a oficina, apresentou brevemente as ideias trabalhadas por Grada Kilomba. O projetor foi utilizado, neste momento, para que as pessoas presentes pudessem acompanhar excertos lidos pela colega. Dez ou quinze minutos após, já estava na hora de terminar, eram 20h50, e tivemos que desocupar a sala. Quando já estávamos saindo, combinamos rapidamente que duas pessoas iriam se responsabilizar por ler cada capítulo e apresentá-lo de forma resumida. Os capítulos a serem lidos no encontro seguinte seriam os capítulos dois e três, Alice e Carla ficaram responsáveis pelo primeiro e Selma pelo outro.

Figura 24 - Encontro Oficina de Leitura



Fonte: Acervo da dissertação

No dia 18 de junho, o encontro iniciou com as cadeiras dispostas em círculo. Neste dia Alice começou lendo um trecho do livro em português, fazendo a tradução em tempo real do inglês. As outras participantes acompanharam sua leitura em voz alta, cada uma com sua versão em inglês.

Dentre as partes do texto que Alice destacou estão, a questão levantada por Spivak, que Grada Kilomba comenta sobre se pode um subalterno falar. O outro assunto destacado do livro foi a respeito do colonialismo, em que a autora se pergunta sobre qual seria a melhor maneira de colonizar, que seria então, ensinar o colonizado a falar e a escrever da perspectiva do colonizador. Após isso, Alice falou: “a gente entra na universidade, adota o discurso do colonizador e sai repetindo um discurso que oprime a ti mesmo só que tu não se dá conta” (Alice).

Desse ponto em diante, a palavra foi passada para Carla, que optou por trazer seu resumo já traduzido. Ela leu sua tradução apontando as páginas. Ela deu destaque ao trecho em que a autora menciona que se sentia sempre a margem, tanto na relações sociais, quanto em sua localização geográfica, morando na periferia da cidade. Esse foi um assunto que possibilitou uma discussão em que as pessoas presente falaram de suas vivências relacionadas a esse assunto.

Quando Carla apresentava algumas dúvidas a respeito da tradução, Rafaela, a coordenadora ajudava, explicando tanto a tradução quanto a ideia que a autora queria passar. Por exemplo, houve uma discussão a respeito da ideia de espaços de resistência, em que Rafaela disse que a autora quer falar da margem como um local de repressão e resistência e lembrou do *Slam*, como sendo um exemplo disso e finalizou dizendo que formas de opressão formam condições de resistência.

Após, iniciou-se a apresentação do resumo do capítulo 3, feita por Selma. O trecho que a participante levou e que chamou a atenção do grupo foi a discussão sobre sujeito, em que Grada Kilomba coloca que para que alguém se torne sujeito ela tem que ser atendida e tem que poder agir em três dimensões: política, social e individual. Alice entrou na discussão dizendo que, “nós negros não temos este poder nem político, nem social e nem individual, porque no político tu não tem representação, no social, tu é discriminado e individual o teu eu está sendo destruído o tempo todo, então nós não somos sujeitos de fato.” (Alice). E Selma continuou, dizendo que essas questões não são tratadas como deveriam, como se não fossem questões que dizem respeito a todo mundo.

Ao final da oficina, Alice disse que ter se debruçado sobre o texto da Grada permitiu a ela ver como os traumas do racismo ainda estão presentes em sua vida.

Iniciamos o encontro seguinte no dia dois de julho, comentando que a versão traduzida do *Plantation Memories* havia sido lançada no Brasil, e Rafaela já estava com a sua em mãos. A coordenadora sugeriu que continuaremos a leitura no original, afinal um dos propósitos da oficina era o estudo do inglês, mas que a versão traduzida poderia nos auxiliar em nossas dúvidas. Havia homens e mulheres presentes, em torno de 10 pessoas, sendo 2 homens e 8 mulheres.

A leitura do capítulo quatro foi feita por Edna. E já no título discutimos qual seria a melhor tradução, usando a versão brasileira como apoio. Edna disse que fez a tradução de todo o capítulo. Ela iniciou a leitura e foi pedindo ajuda nas partes em que ficou com dúvida a respeito da tradução. Não apenas Rafaela, que é professora de inglês ajudava, mas as outras participantes também davam suas sugestões.

O que acendeu discussão, durante a leitura, dessa vez, foram os arquétipos atribuídos à mulher negra. Rafaela lembrou do texto de Lélia Gonzalez, mencionando os três principais arquétipos da mulher negra no Brasil apontados pela autora: a mulata, a mãe preta e a doméstica. Alice entrou na discussão explicando cada uma dos estereótipos.

A partir dessa discussão, iniciou-se outra, a respeito das representações midiáticas. Alice disse que as novelas só reafirmam estes lugares, e que há apenas um disfarce em relação ao empoderamento negro na mídia, e dá um exemplo falando de uma personagem mulher negra, de uma novela da Globo, que estava passando na emissora em que ela era traída e sofria humilhações. Em seguida, Bárbara fez um comentário, dizendo que viu uma entrevista de Taís Araújo, na qual a atriz falava que a Helena, interpretada por ela foi um dos piores papéis de sua vida. E Alice menciona na sequência que nunca irá esquecer dessa personagem, pois ela era constantemente humilhada e levou um tapa na cara da personagem interpretada por Lília Cabral. Bruna, completou, dizendo que a atriz declarou que aquele papel, por outro lado, também foi o melhor, pois foi a partir dali que ela começou a mudar a visão sobre ser mulher negra.

Figura 25 - Encontro Oficina de Leitura



Fonte: Acervo da pesquisa

6 MEMÓRIAS E DIMENSÕES DO CONSUMO CULTURAL E MIDIÁTICO

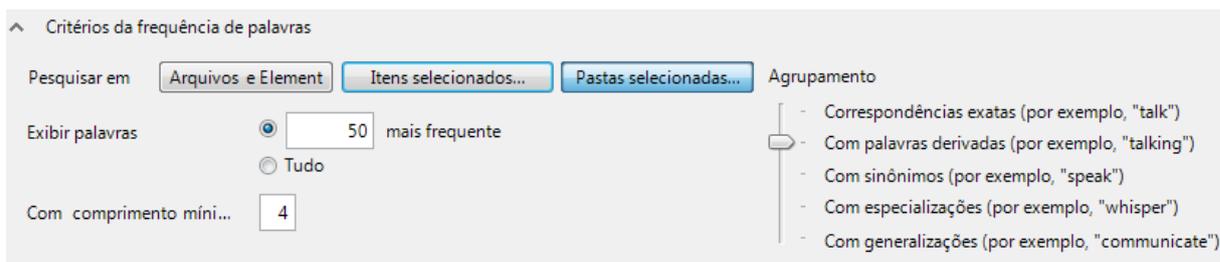
Iniciamos este item expondo cada etapa do processo, para a produção das *nuvens de palavras*, que compõem essa primeira visualização das entrevistas. Esse processo inclui a qualificação dos dados, que é realizada para que o material coletado passe por um refinamento, sem que seja alterado de forma estrutural. Desse modo, vamos primeiro à explicação dos passos dados, junto da utilização do *software* NVivo, para a produção de nossas análises. Depois, apresentaremos algumas das correções que realizamos nas transcrições e nos resultados gerados nas *nuvens de palavras*, para melhor atender aos propósitos da análise descritiva. Sendo assim, temos como objetivo dessa qualificação, apreender as singularidades que emergem das entrevistas realizadas em cada bloco.

Após concluir as entrevistas e fazer as transcrições, começamos o processo de tratamento do material coletado. Para esta análise, não realizamos a codificação em *nós*, que será explorada mais adiante, na análise compreensiva. Por ora apenas excluimos as perguntas (ou falas da entrevistadora) das transcrições, para que a *nuvem de palavras* gerada contivesse exclusivamente as falas das entrevistadas. Por último, organizamos os blocos em *conjuntos*⁴⁶.

Para realizar nossa verificação, utilizamos a consulta por *frequência de palavras*. Através dessa funcionalidade, visualizamos quais palavras foram mais citadas pelas entrevistadas, e, com isso, apontamos núcleos de sentidos e contextos que emergem das principais palavras. Ao selecionarmos a consulta, aparecem os *critérios de frequência de palavras* (Figura 26), que são campos a serem completados para a formação do resultados.

Passamos, então, a uma breve explicação de tais itens: 1) *pesquisar em*, indica os arquivos a serem selecionados; 2) *exibir palavras ___ mais frequente*, é o número de palavras que irá compor o resultado; 3) *com comprimento mínimo*, refere-se ao número de caracteres mínimo das palavras que aparecerão no resultado; 4) *agrupamento*, está relacionado ao grau de precisão das palavras. Através da definição desses critérios podemos, então, refinar os resultados obtidos.

⁴⁶ No NVivo, os conjuntos são uma opção de organização dos itens (arquivos; códigos; casos) do projeto. Nesta opção, podemos reunir o mesmo item, em diferentes conjuntos sem precisar duplicá-lo, como seria necessário no caso da organização em “pastas”. Por exemplo, em nosso projeto, criamos um conjunto chamado “Bloco 1A” com todas os arquivos das transcrições sobre consumo cultural e midiático, do Grupo A, outro chamado “Bloco 2A”, com todas os arquivos das transcrições sobre memória, do mesmo grupo, e, por fim, criamos um conjunto terceiro conjunto, chamado “Blocos 1/2A”, contendo a seleção de todos os arquivos citados anteriormente, mas sem que fosse necessário duplicá-los. O mesmo foi feito em relação ao Grupo B, com a diferença de que foi necessários criarmos mais dois conjuntos, chamados “Bloco 3”, com as entrevistas sobre a relação das entrevistadas do Grupo B com os seus respectivos coletivos, e “Blocos 1/2/3”, unindo todas as entrevistas realizadas com este grupo.

Figura 26 - Critérios da *frequência de palavras* no NVivo

Fonte: NVivo

Em busca de evidências que alcançassem o propósito dessa análise primária, que é fazer uma comparação do que foi respondido nos blocos de entrevistas, em cada um dos grupos de entrevistadas, preenchemos os critérios citados no parágrafo anterior da seguinte maneira: 1) seleção dos arquivos contendo as transcrições, por exemplo, seleção do conjunto de arquivos Bloco 2A⁴⁷; 2) formação da nuvem com as 50 palavras mais citadas; 3) definição do *comprimento mínimo* de quatro caracteres por palavras; 4) ajuste do agrupamento pela opção com *palavras derivadas*. Após, conforme apareciam os resultados, realizamos uma qualificação dos dados, que é o que iremos explorar mais adiante, nesse texto.

Justificamos, então, os critérios escolhidos para estabelecer os *critérios de frequência de palavras* correspondendo, respectivamente, a cada item descrito no parágrafo anterior: 1) a seleção dos arquivos se deu por meio dos focos temáticos (consumo cultural e midiático; memória; relação com o coletivo), já separados nos conjuntos que elaboramos anteriormente; 2) a opção por 50 palavras se deu devido a esse número não ser nem tão pequeno, a ponto de nos trazer unicamente os assuntos mais recorrentes nas falas das entrevistadas, ou seja, ele também nos traz contextos que se alinham a esses assuntos principais, e nem tão grande, de modo a mostrar minuciosidades que optamos por explorar mais adiante, no nono capítulo; 3) a definição por quatro caracteres já elimina de antemão grande parte dos artigos, pronomes, advérbios, preposições e conjunções, que não são o foco de nossa análise, com isso facilita-se a emergência da singularidade contida nos assuntos abordados em cada um dos blocos; 4) a escolha pelo agrupamento com *palavras derivadas*, quando uma palavra resultante da consulta pode ter sido gerada a partir de duas ou mais palavras de mesma raiz, e não por *correspondências exatas*, em que, aparece no resultado mais de uma palavra de mesma raiz. Por exemplo, no caso da opção de agrupamento por *correspondências exatas*, os termos **mulher** e **mulheres** ocorrem separadamente. Diferente disso, optando-se por agrupamento com *palavras derivadas*, no resultado aparece unicamente **mulheres**, de forma a reunir os dois

⁴⁷ Conforme explicado na nota de rodapé 46.

termos (mulher e mulheres) em um só. Desse modo, as palavras de mesma raiz ganham ênfase, o que colabora para percebermos um número maior de temas que às interessam.

Após a consulta, os resultados gerados são apresentados de diversas formas: *resumo*, *nuvem de palavras*, *mapa de árvore* e *análise de cluster*. Dentre essas opções, escolhemos duas, o *resumo*⁴⁸ e a *nuvem de palavras*⁴⁹ para compor nossa análise descritiva. Assim, passamos à descrição da qualificação dos dados, processo em que tratamos o material coletado para que o conteúdo apareça com maior objetividade nos resultados.

Os critérios que aparecem na consulta por *frequência de palavras* são uma parte da qualificação dos dados. Todavia, mesmo depois de defini-los, notamos a necessidade de lapidá-los, para alcançar os parâmetros que estabelecemos para o processamento das nuvens. Quando geramos o resultado da consulta, observamos a existência de alguns advérbios, preposições e/ou conjunções, devido ao número alto de repetições e por serem formados por mais do que três caracteres, como, por exemplo, o aparecimento da preposição **para**. Nesse caso, adicionamos tais termos às *palavras impedidas*⁵⁰.

A opção de adicionar um termo em *palavras impedidas* foi utilizada também, para excluir alguns substantivos que apareceram entre as maiores palavras da nuvem, ou seja, as mais citadas, porém, que não continham uma significação tão relevante perante o nosso parâmetro da singularidade. Entretanto, para não gerar dúvidas em relação a tais substantivos, que apareceram nos resultados de forma preponderante, mas que não consideramos relevantes para o contexto que buscamos, decidimos utilizar uma outra opção antes de excluí-los: criar um *nó* a partir da palavra de nossa escolha, gerada no resultado da consulta, contendo todas as aparições de tal palavra nos arquivos de transcrições consultados. Desse modo, utilizamos esta opção criando um *nó* chamado **palavras impedidas** e *subnós*, derivados desse *nó*, e os nomeamos com as palavras que pretendíamos descartar, a fim de analisá-las de forma mais minuciosa, para compreender seus contextos.

Isso aconteceu, primeiramente, com o termo **pessoas** que apareceu de forma expressiva em alguns resultados. A partir da análise que realizamos no *subnó pessoas* verificamos que ele foi mencionado em diversos contextos genéricos, não dialogando com os temas das entrevistas.

⁴⁸ Em linhas gerais, o *resumo*, é um resultado em forma de tabela, no qual aparecem as palavras em ordem decrescente, da mais citada para a menos citada, mostrando também o número de caracteres e a contagem de aparição das palavras. Que suplementa a análise e auxilia na visualização, para a quantificação das palavras.

⁴⁹ Conforme explicado no item 4.4.

⁵⁰ *Palavras impedidas* é uma funcionalidade que dá a opção de excluir palavras que não interessam aos propósitos da pesquisa. As *palavras impedidas* ficam armazenadas nas propriedades do projeto do *software*, e é possível resgatá-las caso necessário.

Em razão disso, o termo foi retirado. Ainda assim, observamos que havia um contexto específico, em que ele apareceu eventualmente, que interessa à pesquisa, que é a relação da palavra **peessoas** com situações de racismo.

Já, no que refere-se ao termo **casa**, ocorreram duas situações diferentes: 1) na entrevista que aborda consumo cultural e midiático, ele apareceu com uma expressividade média, e por esta menção indicar um possível local onde se consome determinados itens que tematizam este bloco, optamos por manter tal termo; 2) por outro lado, no bloco de entrevistas sobre memória, **casa** apareceu como sendo o termo mais citado, para ambos os grupos, logo, o que verificamos foi que essas menções não favoreceram para que emergisse a singularidade que desejávamos, então, o termo foi retirado deste bloco, na tentativa de evidenciar outros aspectos existentes, e foi criado o *subnó casa*.

Para observarmos resultados mais abrangentes, experimentamos mudar a variante *comprimento mínimo*, nos *critérios de frequência de palavras*, inicialmente composta por quatro caracteres⁵¹, para três. E assim, apareceram os termos **mãe**, **pai** e **avó** entre os cinco mais citados, nos blocos sobre memória. Embora, à primeira vista, tais termos pareçam ter grande relevância eles configuram-se como lugar-comum, não atendendo ao nosso critério, no qual buscamos expressões de singularidades. Portanto, optamos por manter nossa escolha pela composição da nuvem com o mínimo de quatro caracteres em cada palavra. Ainda assim, para ambos os grupos, trouxemos quadros⁵², nas quais aparecem os termos compostos por três caracteres, para realizarmos breves análises sobre eles.

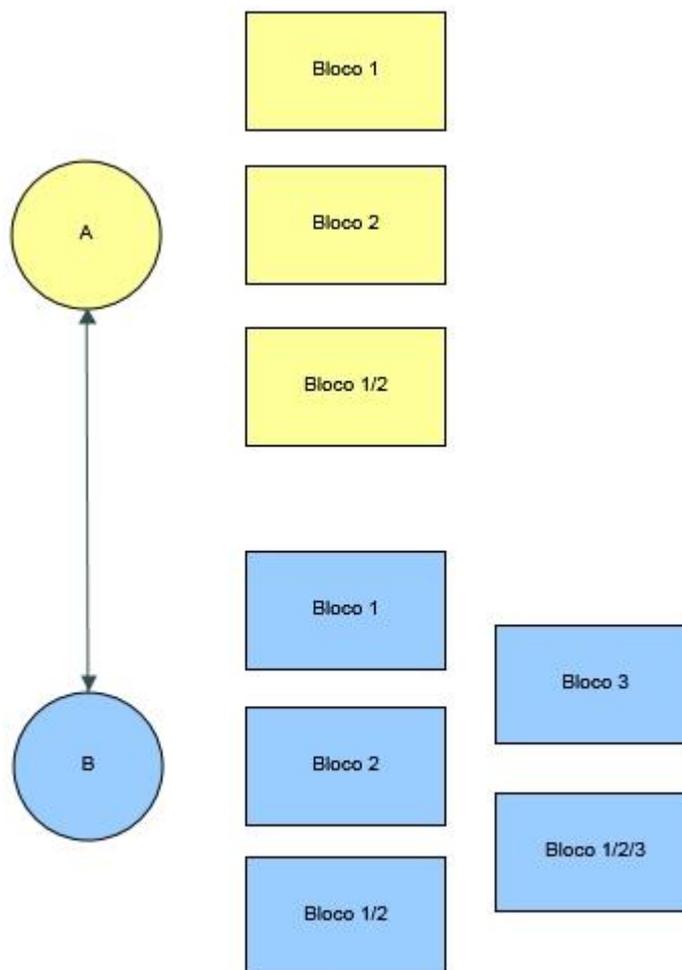
Além disso, a palavra **tv** não apareceu na nuvem devido a nossa escolha por palavras com no mínimo quatro caracteres. Porém, ao identificarmos sua presença nas transcrições, optamos por substituir **tv** por **televisão** em todas as transcrições. Tomamos cuidado para fazer essa substituição apenas nos casos em que o termo **tv** fosse falado no mesmo sentido de **televisão**. Sendo assim, ficaram de fora termos como **TVE**, **TV Cultura** e **Smart TV**.

Passamos então à análise descritiva e comparativa dos conjuntos, advinda da consulta por *frequência de palavras*, no NVivo. Retomando às temáticas das entrevistas: o Bloco 1 trata do consumo cultural e midiático; o Bloco 2 das memórias; o Bloco 3 da relação das participantes com seus respectivos coletivos. Abaixo, na Figura 27, encontra-se um diagrama que demonstra a organização dos conjuntos de blocos, dos quais elaboramos as *nuvens de palavras*, a serem analisados.

⁵¹ Conforme apontado no início deste item, na página 100.

⁵²Quadro 5 e 6.

Figura 27 - Diagrama dos conjuntos de blocos



Fonte: NVivo - Elaboração própria

No esquema acima, cada retângulo representa um conjunto, do qual deriva cada *nuvem de palavras*. Começamos pelas nuvens das entrevistadas do Grupo A, analisando as nuvens Bloco 1 e Bloco 2 separadamente, e na sequência, unimos os dois blocos de entrevistas em um só, para analisar o conjunto Bloco 1/2. Ambas as etapas também foram seguidas com relação ao Grupo B, analisando exclusivamente esses três conjuntos (Bloco 1, Bloco 2 e Bloco 1/2), assim, temos duas tríades de nuvens comuns a todas as entrevistadas. Mais adiante (no item 6.7), realizamos uma análise comparativa das participantes com as não participantes, observando apenas os blocos Bloco 1/2 de ambos os grupos. Por último, analisamos as nuvens Bloco 3 e Bloco 1/2/3.

As nuvens são analisadas por meio de inferências, dessa forma, procuramos núcleos de sentido que se sobressaem em cada nuvem. A análise também leva em conta a grandeza das palavras, fazendo as descrições de forma a contextualizá-las.

Além disso, para colaborar na identificação do consumo cultural e midiático montamos os quadros que encontram-se nos Apêndices C e D, com o panorama geral do consumo cultural e midiático dos grupos A e B, respectivamente.

6.1 Grupo A: Consumo cultural e midiático

A *nuvem de palavras* a seguir refere-se ao conjunto Bloco 1, com as respostas acerca do consumo cultural e midiático das entrevistadas do Grupo A. Sendo assim, o que podemos encontrar são os tópicos nos quais as entrevistadas mais se engajam.

nas codificações das entrevistas. Entre as menores palavras da nuvem, também aparece o termo **branca**, que refere-se a pessoas ou ainda personalidades midiáticas, que apenas duas entrevistadas mencionaram, para se referir ao marcador de raça de pessoas que seguem nas redes sociais.

Outra observação é que apesar de a maioria das entrevistadas utilizarem a internet diariamente esse item não aparece na nuvem. Uma das possíveis explicações para esta falta de ocorrência é que a internet seria mais como uma ambiência, um espaço. Devido a isso as referências das entrevistadas concentraram-se mais nos itens que elas consomem *na* internet, deixando de abordar esse assunto por si só. Diferente do que observamos quando se trata de **filme**, **música**, **livro**, **novela**, que são produtos culturais e midiáticos, e são mencionados recorrentemente, pois explora-se seus gêneros, assuntos, histórias, e assim por diante.

Em relação ao termo **mulher**, ele aparece de forma bastante diversificada nos comentários das entrevistadas. A referência aparece em situações como: livro que dá dicas de como a mulher deve se comportar; programa de TV em que as apresentadoras são mulheres e nele são debatidos assuntos como trabalho, filhos, política, relacionado a mulheres; mudança da abordagem das revistas femininas, que agora incluem mulheres negras na capa; programa sobre conflitos familiares em que mulheres são as principais participantes; crítica à forma como personagens negras aparecem em novelas.

Em uma livre associação, podemos identificar um núcleo de sentidos formado pelas palavras **novela**, **globo** e **televisão**, em que refere-se ao conteúdo e à emissora que as entrevistadas mais procuram assistir na televisão. Um outro item que tem a ver com essa associação são as palavras **taís** e **araújo**, que aparecem bem pequenas na nuvem, que foi o único nome e/ou sobrenome de atriz/ator de novela que apareceu nesta nuvem que aborda o consumo cultural e midiático de modo geral para esse grupo.

O termo **casa** refere-se ao lugar onde assistem **filme**, ou **televisão** ou se escuta **rádio**. Nos termos **filho** e **marido**, podemos encontrar quem faz companhia a elas nos momentos de assistir filmes, novelas, ou ainda de saírem para festas ou bailes. Também encontramos o termo família, que é comentado mais como uma temática que consomem.

Outros três termos que parecem mostrar uma conexão são **música**, **rádio** e **youtube**. Pois muitas entrevistadas relataram que além de escutarem música no rádio também acessam o YouTube para o mesmo fim.

6.2 Grupo A: Memórias

suas memórias. Vejamos, então, quais outras palavras aparecem na nuvem, que ampliam o olhar sobre esses tópicos: no universo da infância expressam-se os termos **brincava, amigas, meninas, meninos, guris**, que são indicativos da convivência delas com pessoas tanto do gênero feminino quanto masculino. Relacionado à escola vemos os termos **professor, colégio, estudar, aula, colegas**. E, por último, **trabalhar, trabalho e trabalhei** relacionados ao mundo do trabalho.

Outro núcleo de sentidos notável é o composto pelas palavras **mulheres e negras**, que convergem com os conceitos de gênero e raça. Embora essas sejam palavras que estão diretamente conectadas com o objeto de pesquisa, na entrevista, não havia tópicos que interpelassem diretamente sobre esses assuntos. Isso decorre de nossa opção por perguntas abertas, para que pudéssemos observar como essas temáticas iriam emergir espontaneamente nas narrativas das entrevistadas, em qualquer um dos tópicos explorados. Isto posto, compreendemos **mulher, mulheres e negra, negras**⁵⁴ como termos recorrentes sobre suas vidas. Eles aparecem ora vinculados ora separados e referem-se principalmente à autoidentificação, à identificação de outros sujeitos ao seu redor e à maneira como outras pessoas às identificaram.

Há uma cadeia de sentidos ligada à **família**, em que, além de aparecer o próprio termo **família**, também são relevantes **irmã, filhos, prima, filha, marido**, o que demonstra a convivência das entrevistadas com membros familiares de diversos graus de parentesco. Entretanto, detectamos também a convivência com mais alguns membros da família, pois, conforme explorado no capítulo anterior, quando mudamos o critério *comprimento mínimo* para três caracteres, aparecem entre os mais citados os termos **mãe, pai e avó**, conforme observamos no Quadro 5.

⁵⁴ Os termos aparecem tanto no singular quanto no plural, em função do tratamento escolhido para a formação da nuvem de palavras, que foi o agrupamento por *palavras derivadas*, ou seja, as menções no singular e no plural juntam-se para formar uma só palavra.

Quadro 5 - *Resumo* da consulta realizada com mínimo de três caracteres - Grupo A

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
mãe	3	257	001	mãe
cabelo	6	145	001	cabelo, cabelos
pai	3	142	001	pai
avó	3	85	000	avó, avós
negras	6	76	000	negra, negras
crianças	8	71	000	criança, crianças
escola	6	68	000	escola
mulheres	8	59	000	mulher, mulheres

Fonte: NVivo

Deste modo, deduz-se que, na convivência familiar, além dos termos já citados, se sobressaem **mãe** e **pai**, sendo a **mãe** o membro que aparece com maior ênfase em suas memórias. Junto a esse dado, três das 11 entrevistadas do grupo não tiveram a presença do pai em sua educação, e apenas uma não teve a presença da mãe, o que também contribui para que a menção ao primeiro membro seja um pouco menos expressiva. Ainda, o termo **avó** aparece de forma significativa, o que demonstra uma presença importante desse membro na vida das entrevistadas, tal recorrência advém, principalmente, da infância, pois passavam bastante tempo com as avós enquanto suas mães estavam trabalhando.

Ainda no roteiro desta entrevista, foram realizadas questões a respeito do consumo cultural e midiático na infância. Nessa seção, notamos que o único termo que se sobressaiu, foi **televisão**. Este é um indicativo do tipo de meio de comunicação pelo qual elas foram formadas, o que pode vir a repercutir (ou não) no consumo atual de cada uma.

6.3 Grupo A: *Continuidades e discontinuidades*

Optamos por criar uma nuvem de palavras a partir da união dos dois conjuntos anteriores, ou seja, com as respostas sobre consumo cultural e midiático e sobre memória. Através dela, é possível observar continuidades e discontinuidades nos termos dos dois itens anteriores (6.1 e 6.2), em que ora se somam e se sobressaem ora perdem ênfase diante de outros termos que foram repetidos com maior frequência. Vejamos, então o resultado formado a partir do conjunto que une os blocos 1 e 2.

Figura 30 - União de consumo cultural e midiático e memórias - Grupo A



Neste caso, **cabelo** ocupa o centro, assim como na nuvem sobre memória. Este mesmo termo aparece tanto no centro da nuvem sobre memórias (Figura 29) quanto no resultado sobre consumo cultural e midiático (Figura 28), no entanto, entre as menores palavras. Desse modo, podemos perceber que **cabelo**, é uma questão importante para este grupo, principalmente em suas memórias. Apontamos isso também como um indício de modificações que as entrevistadas fizeram em seus cabelos ao longo do tempo, devido a sensação de inadequação em relação a expectativa sociais, sendo que o termo **cabelo** aparece nas entrevistas relacionado a termos como **liso, crespo, duro, ruim, bom, solto**.

Mulheres e **negras** são termos que aparecem em ambas as nuvens anteriores (Figura 28 e Figura 29), e continuam a aparecer nesta terceira nuvem (Figura 30) entre os mais citados, e ainda, **negros** em uma escala menor, entre as palavras médias da nuvem. Sendo que **mulher** carrega apenas a categoria de gênero e **negra** carrega gênero e raça. Esses dois termos podem ser tanto um eixo de opressão ou dominação, por exemplo, quando uma delas fala que tinham que limpar a casa, mas seus irmãos não, quanto como uma maneira de se afirmar, por exemplo, quando elas procuram por conteúdos midiáticos que tenham mulheres ou mulheres negras, especificamente.

Ainda, de forma expressiva, aparecem as palavras **crianças** e **escola**, ou seja, novamente termos relacionados à memória que se sobressaem. Também está presente o termo **família** que

aparece entre os termos médios desta nuvem e que também é resultante da soma das duas nuvens anteriores. As palavras **filme** e **música** itens diretamente relacionados ao consumo cultural e midiático, estão presentes na nuvem entre os termos de tamanho médio, e entre os termos menores encontram-se itens como **novela, livro, televisão, rádio, jornal e festa**.

Desse modo, concluímos que as palavras da entrevista sobre memórias tendem a se sobressair mais do que as palavras sobre o consumo cultural e midiático, na união dos dois blocos de entrevista. Embora isso ocorra ainda há diversos termos associados a consumo cultural e midiático presentes na nuvem, mostrando que também são itens relevantes para as entrevistadas.

6.4 Grupo B: Consumo cultural e midiático

A seguir, a descrição das nuvens de palavras das entrevistadas que participam dos coletivos pesquisados. A *nuvem de palavras* abaixo, na Figura 31, é referente às entrevistas nas quais foram explorados os diversos tipos de produtos culturais e midiáticos que as entrevistadas consomem e os sentidos atribuídos a estes.

Entre as menores palavras da nuvem, podemos encontrar os termos **branco** e **branca**, que se referem, principalmente, a mulher **branca** e a ator ou personagem **branco**. Ao tratarmos dessas questões, as entrevistadas comentaram também sobre **histórias** elaboradas por um olhar **branco**, fazendo comparações entre representações de pessoas **negras** e **brancas** em **filmes**, **livros** e **novelas**, de forma a dar tanto um sentido positivo quanto negativo a elas.

Relacionado ao termo **mulher**, encontramos expressões como ‘**mulher** bonita’, ‘livros de **mulheres**’, ‘programas de **mulheres**’, ‘filmes com personagens **mulheres**’. Neste caso, podemos constatar situações em que o termo **mulher** aparece desassociado do identificador de raça. Além do mais, o contrário também acontece, pois há referências que não aparecem na nuvem, mas que encontramos nos *nós*, como a de ‘população **negra**’, que aponta o termo negra⁵⁵ desassociado de um indicador de gênero.

Outro núcleo de sentidos forma-se a partir das palavras **televisão**, **novela**, **canal**, **globo**, **jornal**, com as quais podemos inferir sobre a emissora que assistem ou ainda o tipo de programa que mais assistem. Além disso, **música**, **celular** e **youtube** formam uma possível indicação sobre a formato ou plataforma na qual escutam música.

Os termos **casa** e **cinema** estão relacionados ao local onde as entrevistadas consomem produtos culturais e midiáticos. Associado a isso, observamos os termos **marido** e **filho**, indicando membros da **família**, que as acompanham nessas práticas.

As referências sobre **cultura** concentram-se na emissora de rádio *Cultura FM*, na emissora de televisão *TV Cultura*, no centro cultural *Casa de Cultura Mário Quintana* e em menções à preferência pela **cultura** como temática em programas de televisão. Com a palavra **brasil** ocorre algo parecido, pois falam sobre a emissora *Canal Brasil*, sobre o gosto pelo tema ‘história do **Brasil**’, sobre o Brasil como território geográfico, além de apontarem que gostam de emissoras de tv nacionais e regionais, que valorizam a cultura brasileira.

6.5 Grupo B: Memórias

A entrevista sobre as memórias foi guiada pelas temáticas infância, escola, trabalho, relacionamentos, consumo cultural e midiático (na infância) e beleza. Passamos, então, à análise da *nuvem de palavras* produzida a partir dessas entrevistas, tentando focar nos sentidos gerados que estão associados a essas temáticas, ou ainda, verificando se aparecem outros temas.

⁵⁵ Apenas para não causar dúvidas, quando nos referimos à palavra **negra**, neste caso, empregamos ela na qualidade de marcador social e não como substantivo feminino.

Ligados ao espectro familiar aparecem os termos **irmão**, **irmã**, **família**, **filho namorado** e **marido**. Eles evidenciam a convivência com membros de diversos graus de parentesco. Porém, além desses termos, conforme já indicado no sétimo capítulo, se mudarmos o critério *comprimento mínimo* temos como resultado **mãe** e **pai** entre os termos mais citados. Encontra-se abaixo, no Quadro a demonstração de tal recorrência.

Quadro 6 - *Resumo* da consulta realizada com mínimo de três caracteres - Grupo B

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
mãe	3	366	001	mãe
pai	3	202	001	pai
escola	6	149	000	escola
cabelo	6	126	000	cabelo, cabelos
irmão	5	107	000	irmão, irmãos
crianças	8	89	000	criança, crianças
mulheres	8	89	000	mulher, mulheres
negras	6	88	000	negra, negras

Mãe e **pai**, neste caso, aparecem como os termos mais citados, sendo que **mãe** teve quase o dobro de menções. Isso se explica devido a separações ou falecimentos, sendo que quatro das 11 entrevistadas não tiveram a presença do **pai** na infância ou adolescência e uma delas não teve a presença da **mãe**, desde a infância. Ademais, há uma forte ligação do entendimento que elas têm sobre si próprias como **negras** com a educação que receberam, da **mãe** e/ou do **pai**. Outras referências indicam conflitos familiares, opiniões que elas têm sobre os pais, valores passados dos pais para elas, a história dos pais, entre outros.

Há termos que se relacionam, tais como **crianças**, **brincava**, **menina**, **menino**, **amigos** e **amiga**, que indicam grupos de amigos com quem as entrevistadas brincavam, durante a infância. Ainda referente a **meninos** e **meninas**, aparecem os papéis de gênero relacionados à vida doméstica, pois foram recorrentes os relatos em que as tarefas domésticas eram designadas a elas, sem a participação de seus irmãos (**menino**), motivo de indignação por parte delas, e, consequentemente, conflitos familiares.

Já as palavras **mulheres** e **negras** aparecem ora juntas ora separadas. Em relação ao termo **mulheres** ocorre a identificação de outras **mulheres** em suas histórias, sejam elas **mulheres** negras ou **mulheres** brancas. Além disso, aparecem referências a **mulheres** que elas admiram, que acham bonitas, ou ainda que foram ou são seus desafetos.

A palavra **negras** aparece nos seguintes contextos: identificação de si mesmas; identificação de outras mulheres; outras pessoas que às identificam. Também mencionam

bonecas **negras** que tiveram durante a infância. Além de movimentos sociais que participaram ou participam, tais como Associação Negra de Cultura, Candidaturas Negras, Razão Negra, A Única Negra. Por último, observamos algumas menções sobre o estigma de mulher **negra** que carregam. Podemos verificar, desse modo, que são diversas as circunstâncias em que **negra** ou **negras** aparecem nas entrevistas, mostrando no grupo das participantes há uma forte identificação com esses termos.

Formando um núcleo de sentidos relacionado ao consumo cultural e midiático, entre as dez maiores palavras, encontramos unicamente **livros**, que se refere não somente à leitura de **livros** como também às suas profissões, pois três das 11 entrevistadas já escreveram e publicaram livros de poesia. Constam, ainda, referências sobre a relação com os livros durante a infância e/ou juventude, um desses recortes são suas lembranças de ir ou serem levadas à feira do livro, quando eram pequenas.

Neste mesmo escopo, entre as palavras intermediárias da nuvem, encontramos **música**. Esta palavra aparece em diversos contextos, tais como músicas: que ouviam em suas casas em discos de vinil; que foram compostas pelas entrevistadas; que tocaram em **festas** ou bailes dançantes; que foram trilha sonora de novelas ou filmes. Entre as menores palavras, referentes a produtos culturais ou midiáticos observamos **feira**, que é referenciada nos casos de feiras de família ou feiras que iam na adolescência; e **televisão** que está ligado, principalmente, ao que elas assistiam durante a infância, mas também é um item mencionado para ser criticado.

Bonita aparece entre as palavras médias da nuvem. Este termo está ligado ao tópico beleza, no qual as entrevistadas falaram sobre se verem como pessoas **bonitas** ou não, durante a infância. Além disso, também apontaram outras mulheres, que acham bonitas, sendo que a maioria respondeu com exemplos de mulheres negras presentes na mídia.

6.6 Grupo B: Continuidades e discontinuidades

Na nuvem de palavras a seguir (Figura 33) unimos os blocos de entrevistas sobre consumo cultural e midiático e sobre memórias do Grupo B, para fazer uma discussão dos termos que são enfatizados ou que são suprimidos.

termos que aparecem somente na nuvem sobre memórias (Figura 32), além de termos que aparecem em ambas. Desse modo, podemos notar que, para o Grupo B, não há uma tendência única em relação às temáticas, pois elas aparecem distribuídas em tamanhos similares. Porém os termos **filme** e **livro**, junto de **mulheres** e **negras** são os maiores termos, sendo assim consumo cultural e midiático tende a se sobressair mais do que palavras sobre memória.

6.7 Comparação: Grupo A vs Grupo B

Neste item, retornamos com a nuvem do conjunto Bloco 1/2 de ambos os grupos, para compará-los. Realizamos, desse modo, uma comparação entre as duas nuvens de palavras resultantes. Com isso, não procuramos dar conta de todos os termos que aparecem nas nuvens, mas sim, visualizar possíveis diferenças ou correlações entre os termos, para assim, identificar o que emerge das nuvens num sentido estrutural.

Figura 34 - Grupo A vs Grupo B



Ao concluirmos as análises das duas nuvens que reúnem todas as entrevistadas em comum de cada grupo, verificamos que na primeira nuvem se sobressai a memória, e na segunda o consumo cultural midiático. Isso é o que podemos observar (Figura 34). No entanto, por mais que se sobressaia o consumo cultural e midiático para o Grupo B em termos de grandeza, em relação à contagem dos termos deste assunto, a nuvem de do Grupo A contemplar o maior número: sendo oito (**filme**, **música**, **novela**, **livro**, **televisão**, **rádio**, **jornal**, **festa**); e cinco (**filme**, **livros**, **música**, **televisão**, **festa**) para o Grupo B.

Os termos **mulheres**, **negras** e **negros/negro** encontram-se entre as palavras centrais para ambos os grupos. Desse modo, verificamos como as questões de gênero e raça estão presentes em suas vidas e podem se expressar por suas memórias e/ou pelo consumo midiático, para ambos os grupos. Porém, a diferença pode estar na palavra mais citada, pois, para o Grupo A, o **cabelo** é o fator que mais se sobressai, e que está ligado às diversas modificações realizadas durante suas vidas. Desse modo, identificamos o **cabelo** como um possível aspecto identitário, ligado a gênero e raça, emergindo como um fator mobilizador.

Já, para o grupo Grupo B, o maior termo é **filme**, sendo que em suas entrevistas, foi reiterada a preferência por filmes que tenham produção e atuação de pessoas negras, além de histórias que remetam à negritude. Ou seja, neste grupo, observamos uma demanda identitária, ligada a gênero e raça, que se expressa principalmente pelo consumo cultural e midiático. Além disso, algo a ser notado é que as palavras **cabelo** e **filme**, em termos de grandeza, aparecem de forma inversa nas duas nuvens, sendo assim, consideramos que o resultado principal de um grupo pode aparecer também para o outro grupo, porém de forma menos expressiva.

Relativo a questão da educação e da profissão, percebemos que **escola** emerge nos dois grupos, sendo um pouco maior para Grupo B. **Colégio**, aparece somente para o Grupo A, e **faculdade** somente na nuvem do Grupo B, reiterando, mais uma vez, a questão da escolaridade mais avançada desse último grupo. E, **trabalhar** aparece nas duas nuvens em tamanho similar, entre as palavras menores.

Posto isso, colocamos a questão dos valores que elas constituíram ao longo de suas vidas, analisando por grupos. O valor da educação é muito forte para o Grupo B, a maioria delas teve grande incentivo e apoio dos pais para estudar, já para o Grupo A esse valor é mediano. Em relação ao valor do trabalho, ambos os grupos valorizam, porém, as entrevistadas do Grupo A começaram a trabalhar muito mais cedo do que as outras. Vemos aqui um forte indício de divisor de classe social, pois as famílias das integrantes do Grupo B tiveram condições, por vezes, de pagar escola particular, ou ainda, elas tiveram oportunidade de estudar em escolas públicas de qualidade, que se localizavam próximas a região central da cidade, condições proporcionaram essa tendência a continuidade nos estudos. Por outro lado, no grupo A há entrevistadas que passaram a sua infância na periferia de Porto Alegre ou em cidades do interior do Rio Grande do Sul (Alegrete, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul), onde é mais restrito o acesso à universidades.

Ademais, observamos a dinâmica de outros termos que consideramos relevantes, tais como, a presença de **rádio**, unicamente na nuvem do Grupo A, e o termo **novela** e **televisão** que são maiores na mesma nuvem em comparação a outra. Em vista disso, podemos concluir

Na nuvem gerada a partir da conversa sobre a relação que das entrevistadas com a Oficina de Leitura e o Sopapo Poético emergiu a palavra **negras** como sendo a mais citada. Desse modo, relacionada a ela, podemos encontrar as expressões: ‘a única **negra**’, ‘Associação **Negra** de Cultura’, ‘cultura **negra**’, ‘consciência **negra**’, ‘identidade **negra**’, ‘literatura **negra**’, ‘mãe **negra**’, ‘militância **negra**’, ‘mulher **negra**’, ‘população **negra**’, ‘professora **negra**’, ‘raça **negra**’, ‘Razão **Negra**’, ‘ser⁵⁷ **negra**’, ‘escritora **negra**’, ‘intelectual **negra**’, ‘pessoa **negra**’, ‘poesia **negra**’. Logo, podemos reconhecer que há em suas falas a presença de um vocabulário que demonstra o engajamento das entrevistadas. E, para reforçar ainda mais este viés, o segundo termo mais frequente na nuvem é **negro**, que, nas entrevistas, aparece associado às enunciações: ‘movimento **negro**’, ‘corpo **negro**’, ‘homem **negro**’, ‘povo **negro**’, ‘ser⁵⁸ **negro**’, ‘o **negro**’, ‘um **negro**’.

A principal ligação que emerge relacionada à **mulher** é ‘**mulher negra**’. Sendo assim, observamos que essa é uma das principais questões que é abordada nos dois coletivos, aparecendo como uma pauta consolidada em seus encontros. Além do mais, aparecem, o termo aparece frequentemente das seguintes formas: ‘escritoras **mulheres**’ (apontando não só suas preferências de leitura, como também comentando suas profissões), ‘**mulher** branca’ (que remete a situações que passaram ou a uma posição social que identificam), ‘Maria **Mulher**’ (referência à um dos coletivos que participaram).

Em relação ao termo **grupo**, um dos maiores termos, suas menções serviram como âncora para que elas discursassem sobre grupos que participam, falando sobre o que acontece nos encontros, o que mais gostam e sobre como é a sua participação. Além disso, mencionam outros grupos que participam ou participaram, como, por exemplo, ‘A Única Negra’, ‘Razão Negra’ e ‘Maria Mulher’. Podemos perceber, com isso, que entre elas é recorrente a participação em outros grupos, sejam eles políticos ou culturais (ou ambos).

A importância do **livro** se faz em diversos âmbitos. Esta palavra encontra-se entre os maiores termos da nuvem, e suas falas concentram-se primeiramente nas leituras que fizeram, relacionadas à literatura negra. Bem como na questão de algumas de serem autoras de livros de “poesia”, como já foi apontado anteriormente (no item 6.7). No caso da Oficina de Leitura, referem-se principalmente ao **livro** da Grada Kilomba, que lêem em **inglês**. Desse modo, notamos que o **livro** é um dos principais elementos pelo qual elas têm acesso à discussão da

⁵⁷ A aparição do verbo *ser* com o substantivo *negra* ocorreu não apenas no infinitivo, mas também de forma conjugada: ‘minha professora era negra’, ‘tu é negra’, ‘tua cor é negra’.

⁵⁸ Idem Nota 57.

questão negra, além de serem elas mesmas produtoras, mostrando sua agência diante de tal problemática.

Do núcleo de sentidos que forma-se em relação ao Sopapo Poético, emerge entre as maiores palavras da nuvem **sopapo**, remetendo ao próprio coletivo. Depois, as palavras **poesia**, **música**, **sarau**, **poeta** e **poema**, dando a ver alguns dos elementos que compõem o evento.

Professora, **professor**, **escola**, **aula** e **letras** são palavras relacionadas ao envolvimento das integrantes do Grupo B com a educação. Mesmo esta não sendo uma entrevista que não trata diretamente da memória, ainda assim, essas questões aparecem, pois o assunto do sarau também cruza com suas profissões, ou ainda, ou pelo seu próprio histórico relacionado à educação.

Ao mencionarem os termos **branco** e **branca**, elas criticam frequentemente a posição de ‘ódio ao **branco**’, referindo-se ao que discordam, de outros participantes do mesmo grupo, ou a opiniões que observam eventualmente no movimento negro. **Branco** também aparece quando elas citam relacionamentos que tiveram com pessoas brancas. Outra posição presente é uma crítica a brancos que se declaram ‘**brancos** de alma negra’, pois, para elas, por mais que um branco goste ou pratique a cultura negra, jamais se sentirá como um negro se sente ou jamais passará por situações de racismo que um negro passa.

As palavras **racismo** e **racista**, que aparecem entre as palavras médias e pequenas da nuvem, foram mencionadas quando as entrevistadas falaram sobre os encontros da Oficina de Leitura. Desse modo alguns dos comentários concentram-se em trechos abordados no livro *Plantation Memories*, que aborda o ‘trauma do **racismo**’ e o ‘**racismo** como neurose’, além disso, as entrevistadas falaram sobre a questão de ‘viver em uma sociedade **racista**’, da ‘luta contra o **racismo**’, das diferentes ‘percepções do **racismo**’, de suas ‘experiências com o **racismo**’, e da ‘estrutura **racista**’. De modo a demonstrar conhecimento acadêmico sobre o racismo.

Lugar e **fala** são palavras que ora aparecem juntas ora separadas. Quando aparecem juntas referem-se ao ‘**lugar** de **fala**’, essa é uma questão relevante para elas, pois é um posicionamento que demonstra seu engajamento, e é um termo reivindicado nos movimentos sociais. Quando aparecem separados **lugar**, em geral, refere-se ao espaço dos coletivos, e **fala** refere-se também a questão racial, ao discutirem **falas** de autores negros.

6.9 Grupo B: Continuidades e discontinuidades

além de se repetir em todas elas. Esse, portanto, é um tema constante, na vida das entrevistadas, seja em seu consumo cultural e midiático, seja em suas memórias, além de ser um tema, obviamente, tratado nos coletivos em que o Grupo B está presente.

7 GÊNERO E RAÇA COMO MARCADORES DA IDENTIDADE

Neste capítulo exploramos a construção das identidades das entrevistadas, a partir de suas falas. Desse modo, vamos às categorias que criamos por meio de um movimento duplo, que inclui: 1) a análise primária, da qual emergiram as temáticas mais relevantes para as entrevistadas 2) a leitura das entrevistas.

Notamos que a relação com o cabelo foi uma questão importante, presente nas expressões de ambos os grupos. Portanto, sendo este um elemento de construção de identidade, que envolve os marcadores de gênero e raça sobrepostos, ou seja, de interseccionalidade. A partir dessa constatação, criamos a primeira categoria, chamada *cabelo e transformação*, partindo das falas das entrevistadas que envolvem o alisamento, a transição capilar⁵⁹ e suas referências midiáticas.

Depois, observamos opiniões que as entrevistadas demonstraram a respeito de *personagens e personalidades* midiáticas, criando a segunda categoria. Esses também foram elementos nos quais encontramos uma estreita relação entre raça e gênero, de modo a dar a ver a interseccionalidade. Dessa forma, fizemos essa análise a partir da indicação de identificação, elogios e críticas nas falas das entrevistadas.

7.1 Cabelo e transformação

Conforme já apontado, no capítulo anterior, o cabelo é um aspecto importante para a formação da identidade, sendo um elemento pelo qual o sujeito se expressa no mundo. Além disso, o assunto *cabelo*, é carregado de sentidos, não apenas estéticos, mas também políticos. Para Jurandir Costa “A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo” (COSTA, 1983, p. 6). Sendo assim, se por um lado a modificação do cabelo, pode ser considerada uma simples vontade do sujeito de transformarem sua aparência, por outro

⁵⁹ O termo “transição capilar” se popularizou, através das mídias sociais, como uma forma de designar o abandono de tratamentos químicos que modificam as características naturais do cabelo, sendo esse processo mais comum nos casos de pessoas que deixam de fazer alisamento para usar o cabelo cacheado ou crespo. Enquanto se espera o período necessário para que o cabelo natural cresça é comum o uso de tranças, coques ou ainda, cremes que dão o formato de cachos, para suavizar as diferenças de aspecto presentes entre a raiz crespa, que está crescendo, e a parte alisada, com química. Em geral, as mulheres que fazem a transição deixam a raiz do cabelo crescer, para depois, fazer o corte da parte alisada, que também é conhecido como *big chop* (em tradução livre para o português significa “grande corte”), porém algumas preferem fazê-lo sem deixar o cabelo natural crescer, desse modo, ficando carecas.

do Grupo B utilizando tranças, bem como, três colaboradoras do Grupo A e nenhuma no Grupo B, com cabelo alisado. Seguimos, então para os comentários a respeito de suas falas.

7.1.1 Grupo A: alisamento, transição e referências midiáticas

Tratando-se do alisamento que aparece em suas memórias, ou seja, que as entrevistadas realizaram durante a infância ou juventude, a maioria delas recorreu ao Henê⁶¹ e ao pente-quente para tal fim. Também foi mencionado, principalmente entre as entrevistadas que moravam em Porto Alegre, durante a juventude, o alisamento com o produto químico “pasta fria”, no salão de beleza Marujo⁶².

- A minha avó me levava no tal de Marujo. Salão de alisamento de cabelo. A minha avó passava a pasta fria no cabelo. E depois, eu comecei a usar Henê. Mas com pasta fria, às vezes, as mulheres deixavam queimar o meu couro cabeludo, saía de lá com umas feridas na cabeça [risos], para ficar bonito. (Priscila)

- Logo no comecinho só tinha um lugar que alisava cabelos negros, que era nos Marujos. Nessa época, eu só usava uma trança. Aí começou uma pasta azul para alisar o cabelo. Uma pasta azul, parecia uma soda. Aí em seguida veio o Henê e eu passei a usar Henê. (Neusa)

Em relação ao uso de tranças, um traço que é comum entre as entrevistadas, é que a feitura desse penteado está relacionada quase sempre às mulheres da família e não a um salão de beleza, como no caso do alisamento. Eram as mães, avós, tias, primas que faziam tranças nelas.

- Eu tenho primas, tenho tias, umas colocavam nas outras e a gente aprendeu. É de família. A gente ficava no pátio, sentava, trançava... uma arrumava o cabelo, outra arrumava a unha, outra fazia maquiagem, outra fazia sobancelha, que a minha irmã gostava muito de fazer sobancelha, fazia pé e mão. A minha prima lá em cachoeira, faz trança rasteirinha. Cada uma tem um donzinho. (Cíntia)

- Sempre de trança, não andava com os cabelos em pé. Puxava e arrumava botava a trancinha, uma dentro da outra... Eu me lembro quando eu tinha uns 8 anos, com umas tranças na frente e atrás outras. Não me lembro de estar com o cabelo solto e espalhado. Ela [a mãe] sentava uma hora do dia e vinha todo muito pentear o cabelo. (Isabel)

O cabelo trançado “é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África” (GOMES, 2002, p. 44), mas contemporaneamente, nesta sociedade, carrega também outros sentidos. O uso de tranças é frequentemente presente na vida de mulheres negras

⁶¹ Cosmético capilar utilizado para alisamento e coloração.

⁶² O salão de beleza Marujo, nos anos 1980, foi uma referência de alisamento de cabelos afro em Porto Alegre. O salão ainda encontra-se em funcionamento, localizado em Rua Marcílio Dias 1547 e na Av Assis Brasil 2096.

relacionando-se à um modo de estar *bem arrumada* ou *bem penteada*, uma vez que o cabelo crespo solto, por muito tempo, carregou um sentido de desleixo. Por isso, tanto o uso de tranças quanto de alisamento foram táticas utilizadas pelas entrevistadas para lidarem com o aspecto negativo atribuídos a seus cabelos naturais. Vejamos, então, essas questões para outras entrevistadas, associando também, suas apropriações e percepções em relação a referências midiáticas vinculadas ao cabelo.

Priscila, que atualmente usa tranças, relata que está fazendo um movimento de valorização de sua negritude. Quando não está de tranças prefere alisar ou usar *mega hair*, porém incentiva sua filha de 12 anos a deixar o cabelo crespo. Em seu relato é possível notar que ela encontra-se em um momento transitório a respeito do que pensa sobre seu cabelo:

- Botei mega também. Eu sempre gostei de usar mega. Eu sempre gostei, eu usei mega liso, ondulado e crespo.

- Tu olha na televisão as mulheres bonitas, cabelão, liso, essas coisas.

- O meu cabelo mesmo eu não gosto, agora que eu estou aprendendo a gostar. A minha filha usa o dela. Agora aprendi a valorizar mais. Pra ti ver, às vezes, a gente mesmo tem preconceito com a gente mesmo. Eu não gostava dele crespo, eu gostava de cabelo liso. [...] Agora que eu fui valorizar a minha cor, a raça negra.

Podemos perceber, assim, que ao mesmo tempo em que há uma identificação com o cabelo liso, que aparece na televisão, há também a valorização dos cabelos crespos. Vemos assim, que possivelmente o interesse de Priscila estava mais em usar o cabelo comprido e solto do que propriamente liso. Foi isso que também identificamos no caso de Mônica, que teve o cabelo alisado ainda na infância, mas hoje usa o crespo, depois fazer transição capilar, ao ver sua prima passando pelo mesmo processo:

- o meu [cabelo] a mãe não deixava solto, quando era crespo, mas eu queria cabelo solto[...] depois, não importava se seria liso, isso não era uma questão: “ter um cabelo liso”. Só que para eu ter o cabelo solto tinha que ser o que? Liso. Aí eu quis alisar, fazer definitiva.

- Eu achava que eu era a [cantora] Mía. E eu me lembro de botar coisas [toalhas, lenços] no meu cabelo para ficar comprido. Eu queria que o meu cabelo fosse comprido e solto. Eu queria franja.

Nicole, que tem o cabelo cacheado e comprido, nunca quis fazer alisamento, pois seus pais e colegas sempre disseram que ela tinha um cacho bonito. Além disso, mesmo com o cabelo cacheado, ela passou por um processo de transição capilar, pois em sua infância e adolescência não gostava de cabelo com *volume*, e por isso enchia o cabelo de creme para deixar ele o mais *baixo* possível. Ela só resolveu deixar o cabelo volumoso quando viu uma menina negra com

um cabelo comprido e com um volume natural, assim como o seu, passando na rua, em seu bairro. Depois disso, segundo a entrevistada:

- Aí depois foi evoluindo, fui na internet e comecei a ver mais as blogueiras. [...] Eu via mais atrizes do que blogueiras no início, pois via na novela. Acho que uma vez eu vi a Taís Araújo, na televisão, com o cabelo bem *black*, numa propaganda. Daí eu lembro que ela estava com o cabelo bem volumoso. E aí eu fui gostando aos poucos do meu cabelo mais volumoso.

Em relação às suas referências midiáticas da infância, relacionadas a cabelos cacheados, ela comentou apenas uma lembrança de um videoclipe que assistiu:

- Eu assistia a MTV, eu gostava muito dos clipes e eu era muito apaixonada pelo Akon e tinha uma menina num clipe dele que eu me achava parecida com ela, e eu sempre falava que eu ia casar com aquele homem. [...] ela tinha cabelo cacheado. Nessa época foi só essa menina que me marcou.

Dessa forma, na infância, ela já identificava-se como mulher negra, mas era raro encontrar referências midiáticas que à inspirassem. Notamos, portanto, que foi através de referências midiáticas, como novelas e publicidade e por influência de outras pessoas, que surgiu um ambiente propício para que a entrevistada tomasse a decisão de mudar a forma como lidava com seu cabelo. Mostrando, desse modo, como o processo de construção de identidade está ligado ao outro, à diferença (HALL, 2000). Além disso, até hoje faz uso das mídias sociais como YouTube e Instagram para pesquisar sobre esse assunto. Nesse sentido, há uma presença constante de elementos que positivam sua vivência, proporcionando um conforto em relação a sua aparência.

Essas entrevistadas têm um vivência similar em relação a seus cabelos, e também vêm modificando o modo como se percebem no mundo, no que se refere a valorização de sua negritude. Através da leitura dessas experiências, às identificamos como formadoras de uma comunidade interpretativa, em que, a ambiência cultural e midiática na qual elas encontram-se expostas, além de outras vivências, fazem a mediação de suas apropriações sobre o modo como se identificam. Desse modo, evidenciam-se os aspectos materiais e discursivos (JENSEN, 1995; JACKS, 2011) presentes na formação de suas identidades.

Observamos também, as experiências de depreciação em relação ao cabelo que as entrevistadas tiveram. Durante a infância, Joice usou cabelo crespo e solto, incentivada por sua mãe, porém sua avó, repetidas vezes, criticava seu cabelo e seus primos faziam piadas ofensivas, chamando ela de *leão*. A entrevistada relata como tudo isso a afetou:

- eu fui internalizando todos os apelidos possíveis que alguém me desse... porque na época era “cabelo duro”. A minha avó sentava comigo e na hora de me pentear dizia

que eu tinha cabelo duro. Eu queria passar o pente quente, eu queria ter o cabelo liso. Era bem complicado e eu fiquei com alguns traumas, que talvez internamente seja por isso que hoje em dia eu não me sinto muito confortável em fazer transição capilar.

O cabelo liso aqui pode ser compreendido como uma forma de evitar estar em contato com a depreciação sofrida outrora, a respeito do seu cabelo. Nesse sentido, concordamos com Jurandir Costa, ao colocar, de um ponto de vista psicanalítico, que “O corpo ou a imagem corporal [...] é um dos componentes fundamentais na construção da identidade do indivíduo” (COSTA, 1983, p. 6) e, para que o sujeito construa positivamente a sua identidade, “é necessário que o corpo seja *predominantemente* vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. (COSTA, 1983, p. 6, grifo da autor)⁶³.

Uma referência midiática depreciativa, relacionada ao cabelo, é a marca de esponja de aço *Bombril*. Neusa lembra que na escola seus cabelos eram chamados de *Bombril*, como um tipo de insulto:

- Quando eu tinha 12 anos de idade, eu estava estudando. E eu gostava que a minha mãe fazia trança no cabelo. Aí uma das minhas tranças despreendeu e eu não vi. Aí o meu cabelo veio embora, ele é cheio. [...] Aí o meu cabelo ficou grandão de um lado e de outro não. E eu não senti, só senti depois. Aí o guri olhou assim para o meu cabelo, e disse: “olha ali pessoal, o cabelo da Neusa é cabelo *Bombril*”. Todo mundo começou a rir e a professora olhou e achou meio engraçado, mas aí ela: “que isso, todo mundo quieto, vamos copiar o tema”. Aí todo mundo ria e ria e apontava para mim: “cabelo de *Bombril*”. Mas aí eu disse para ele assim: “cabelo de *Bombril* tu vai ver na hora da saída”.

Dessa forma, compreendemos que essa associação comparativa entre a forma e textura de cabelos crespos à esponja de aço *Bombril*, faz parte de um conjunto de discursos que buscam dar um sentido negativo à aspectos estéticos afrodescendentes. Assim, não é incomum que os cabelos de pessoas negras sejam vistos como *ruim*, *duro*, *difícil* e que recebam xingamentos vinculados à marca da esponja de aço. Nesse sentido, concordamos com Nilma Lino Gomes, que coloca que “a rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família” (GOMES, 2002, p. 47).

Verificamos, então, que o cabelo, para as mulheres negras, é um dos elementos centrais em que gênero e raça se interseccionam, pois este é um aspecto que envolve um tensionamento em relação aos padrões beleza, nos quais as entrevistadas buscam encaixar-se. Relacionado ao

⁶³ Jurandir Costa é o autor do prefácio do livro *Tornar-se negro* de Neusa Santos Souza. Ao comentar a obra o autor menciona os traços de violências racistas relacionadas aos corpos negros, sendo que a primeira foi citada no excerto que abarca essa nota no texto, e o segundo traço seria: “estabelecer, por meio do preconceito de cor, uma relação persecutória entre sujeito negro e seu corpo. As inevitáveis situações de sofrimento que o corpo impõe ao sujeito tem que ser “esquecidas”, imputadas ao acaso ou a agente externo ao corpo. Só assim, o sujeito pode continuar a amar e cuidar daquilo que é, por excelência, condição de sua sobrevivência” (COSTA, 1983, p.6)

aspecto de gênero e raça interseccionados, notamos há uma tentativa de enquadramento aos padrões estéticos do feminino e da branquitude que são impostos socialmente, principalmente quando notamos os desejos das entrevistadas em ter os cabelos longos e soltos⁶⁴. Para este tipo de situação, concordamos com Crenshaw (2002) que observa gênero e raça como eixos da subordinação, porém não consideramos que as entrevistadas aceitem essas condições de forma passiva, principalmente no momento atual, em que há uma forte vertente de valorização dos cabelos crespos.

7.1.2 Grupo B: alisamento, transição e referências midiáticas

Laura alisava o cabelo, mas por volta de 10 anos atrás, começou a passar por um processo de entender-se como negra. Com isso, optou por passar também por uma transição capilar. Neste período, buscou referências no mundo da literatura (com a leitura do livro *Americanah* de Chimamanda Ngozi) e da psicanálise, (com a leitura do livro *Tornar-se Negra* de Neusa Santos Souza). Além de procurar vídeos na internet, que via tanto em português quanto em inglês, pois, na época, existiam poucas referências brasileiras. A entrevistada conta como foi esse processo:

- E aí desde que eu me entendi como negra e assumi o meu cabelo, e isso tem um processo já de alguns anos, que eu me tornei negra, como diz a Neusa Souza Santos... eu me sentia qualquer coisa menos negra, eu achava essa palavra muito forte, eu achava inaceitável.

- Eu assistia muito a Negra Rosa, na época da minha transição capilar. É porque isso tem uns 11 anos... Ela falava dos cabelos naturais, ela fala sobre os cuidados com o cabelo dela. E na época não tinham muitas *youtubers* negras, então eu via muito as gringas falando sobre cuidado com os cabelos, e eu comecei aprendendo muito com as gringas. Eu conhecia a Deva Curl [marca de cosméticos para cabelo], que as gringas usavam. Elas explicavam como podia lavar sem agredir o cabelo, aí eu fui correndo atrás e pesquisando sobre isso.

Durante a infância, entre as referências indiretas, que faziam com que elas projetassem um cabelo considerado bonito, aparecia a Xuxa. Ambos os grupos (A e B) a mencionaram, mas a única entrevistada que enfatizou Xuxa e paquitas, como referência de cabelo na infância, foi Laura, que atualmente usa cabelo natural ou tranças.

- Eu queria ser paqueta [...], ficava andando com a toalha na cabeça, querendo ter cabelo longo louro. Eu botava a toalha na cabeça [...], para fingir que tinha cabelo comprido e liso. E isso eu lembro porque a toalha na cabeça fez parte da minha vida

⁶⁴ Uma vez que o cabelo cacheado, e principalmente crespo, que têm um formato de molas, demoram para ter uma aparência *longa*, em relação aos cabelo liso, que é reto.

por muitos anos. A minha mãe falava que eu ficava sentada no encosto do sofá, como se estivesse descendo da nave [da Xuxa] com a toalha na cabeça. (Laura)

Denise, com seu cabelo *black*, cacheado e solto, menciona que na sua infância, ia para a escola apenas com *rabo de cavalo*, ou seja, com o cabelo preso. Ela não gostava muito disso, considerava que era “um cabelo sem personalidade”, em suas próprias palavras. Além disso, considerava bonita, apenas meninas que usavam cabelo solto e liso.

- E ficava com um carão. Enquanto as meninas jogavam o cabelo para o lado e ficava bonito, jogava para o outro e tava lindo [...] tinha uma menina loira do cabelo comprido e que todo mundo era apaixonado por ela.

No início da adolescência, Denise passou a alisar o cabelo, pois, assim como Mônica e Priscila tinha preferência pelo cabelo comprido e solto. Para a entrevistadas esses fatores traziam espontaneidade. E assim como Denise, Lorena também usou o cabelo liso por muito tempo.

- Eu usei cabelo liso por muito tempo, porque eu achava bonito, na verdade não é o cabelo liso era o cabelo comprido e solto. [...] Eu gosto muito dessa coisa do natural, então ele traz essa coisa da liberdade, de espontaneidade, que eu acho legal. (Denise)

- quando eu era pequena era trancinha, por muito tempo eu usei trancinha. Aí depois... quarta, quinta série, daí o pessoal alisava o cabelo com pente quente, fazia rabo de cavalo, fazia maria chiquinha. Depois, mais adiante, aí veio o Henê. (Lorena)

Ambas as entrevistadas passaram por um processo semelhante, no qual suas transições capilares tem a ver com sua participação nos coletivos, sendo que, Denise, quando entrou na Oficina de Leitura já encontrava-se no início de seu processo. E, Lorena, depois de em torno de um ano de participação do Sopapo Poético, iniciou o seu processo, conforme podemos observar em suas falas.

- Foi um processo que iniciou talvez um pouco antes de eu começar a participar das oficinas. É aí que está aquela questão do cabelo ser tão significativo. (Denise)

- E durante o período em que eu participei da oficina que eu fui me identificar como uma pessoa negra. Era uma coisa que eu não tinha identificado ainda, que eu não tinha me descoberto como negra. (Denise)

- Quando eu cheguei no Sopapo eu ainda utilizava o meu cabelo... Era alisado. Ele passou por ‘n’ processos. Desde o pente quente até chegar ao *babyliss* ‘da vida’, à escova progressiva, ‘papapa’. E daqui a pouco, eu estava dizendo poesias que já não batiam mais com o que eu estava escrevendo, com o que eu estava fisicamente me colocando. Então foi durante o Sopapo que eu comecei a minha transição capilar. Fazem 5 anos, acho. Então o Sopapo me proporcionou verificar quem é essa mulher negra se colocando, como essa mulher negra, empoderada, ainda está usando esse cabelo...(Lorena)

Somado a isso, no caso de Lorena, a sua família sempre foi sócia do clube Floresta Aurora⁶⁵, e seus irmãos mais velhos integravam o coletivo Razão Negra. Ou seja, ela sempre compreendeu a si mesma como mulher negra, mas, mesmo assim, por muito tempo, sentiu-se mais confortável com o cabelo alisado.

Entre as entrevistadas desse grupo, ficou evidente que havia uma maior variedade de referências culturais e midiáticas, ligadas à gênero e raça, neste mesmo período da vida das entrevistas. Abaixo, podemos perceber como era presente essa questão para elas.

- Em 1970 se tu chegava numa reunião com o cabelo liso todo mundo já te olhava de cara feia, né? Como assim, né? Então o negócio era ser Angela Davis. [...] Para quem era militante, a grande ídola era a Angela Davis. Foi, pelo menos para mim e para outras mulheres da época. (Clarice)

- Do tempo que eu viajava [aeromoça] tinha coisas, assim, do avião. Para eles eu nunca fui brasileira, eles sempre achavam que eu era Americana. Primeiro porque naquela época eu já usava cabelo afro, e porque era os tempos da Angela Davis... (Milena)

- Eu tenho uma boneca... eu ainda tenho ela né, a Preta. Foi a primeira boneca negra que eu ganhei. [...] Mas as minhas Barbies tinham sempre cabelos escuros. A minha mãe sempre tentou comprar com cabelo escuro. Eu ganhei uma Polly negra do meu pai, amiga da Polly, na verdade, não era a Polly. (Carla)

- Quando eu era pequena tinha uma banda chamada Reflexu's, que a minha mãe tinha um disco. Ela fazia trança em mim, no meu cabelo. E a mulher da banda era negra, a banda toda era negra, ela tinha trança também e eu ficava olhando a foto dela (Elisângela)

- na minha era época a Camila Pitanga que eu adorava. Essa coisa da cultura... a própria Elsa, eu conheci com a minha família. Bob Marley, essas coisas da cultura... (Alice)

As falas das entrevistadas ilustram algumas das referências culturais e midiáticas desde a infância e juventude. Angela Davis foi uma referência política e estética para Clarice e Milena, e ambas participaram de coletivos do movimento negro (Razão Negra e Palmares, respectivamente), por volta dos anos 1970⁶⁶. No caso de Carla, seus pais, sempre fizeram questão de comprar bonecas que tivessem cabelo ou pele mais escuros. Alice declarou que, pelo

⁶⁵ É um clube voltado para negros, que foi fundado em 1872, em Porto Alegre. Sempre esteve ligado à “*causa negra*”, à “*liberdade*” e à “*luta pelos direitos do povo negro*”. O Clube Floresta Aurora também tem um envolvimento com o carnaval da cidade, foi “considerado um clube de “elite”, e por isso “se esforçava para organizar o “melhores” bailes, de carnaval, de debutantes, temáticos e outros”. (JESUS, 2005, p. 52, grifos da autora). Segundo Nara Jesus (2005), os integrantes do clube não chegavam a constituir uma elite, pois boa parte deles não fazia parte da classe média, eles eram principalmente funcionários públicos que aspiravam este *status*.

⁶⁶ Este foi um momento de estopim político relacionado ao movimento negro dos Estados Unidos. Angela Davis, que é professora e filósofa, junto do Partido Comunista dos Estados Unidos e do Partido dos Panteras Negras, nos anos 1970, tornou-se reconhecida mundialmente por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial. O Partido dos Panteras Negras foi uma organização socialista revolucionária, fundada em 1966, nos Estados Unidos, com células no Reino Unido e Argélia, que, por meio da luta armada, teve o intuito de combater a violência policial incidida sobre os negros.

fato de sempre ver artistas negros na televisão ou em revistas, nunca teve vontade de alisar o cabelo, pois essas eram as suas principais referências de beleza, mesmo sua artista preferida sendo a Madonna.

Observamos assim, que havia um repertório interpretativo (JENSEN, 1995) que era continuamente reiterado nas vivências das entrevistadas. O que proporcionou desde cedo sua identificação como mulher negra, e conseqüentemente propiciou a formação de uma comunidade interpretativa entre elas também.

A interseccionalidade entre os marcadores de raça e gênero pode ser compreendida tanto por um ponto de vista da opressão (CRENSHAW, 2002) quanto por um ponto de vista da afirmação de identidade (BRAH, 2006). Por um lado, o desejo (e a prática) de modificar o cabelo para liso e comprido, fortemente presente na infância e juventude das entrevistadas, que as aproximam das construções dominantes de feminilidade e de branquidade (ou seja, gênero e raça). Neste caso, quanto mais crespo e curto for o cabelo, mais esse sujeito está distante de atingir tal padrão, sendo que para mulheres brancas, que têm predominantemente o cabelo liso ou ondulado, esta questão não está colocada de uma forma tão expressiva. Sendo assim, através do alisamento, há uma tentativa de afirmação da feminilidade que foi construída no mundo ocidental, em que não haveria uma negação direta da raça, mas, ainda assim, o efeito produzido incorre num embranquecimento⁶⁷

Por outro lado, há um movimento de transição capilar, que tensiona os sentidos de feminilidade e de branquidade, e colabora em suas autoidentificações como mulheres negras. Ao assumirem seus cabelos crespos suas identidades são transformadas, sendo que elas tanto influenciam quanto são influenciadas à construção de padrões estéticos. Isso tudo é visto, nesta pesquisa, como resultado de um conjunto de forças macrossociais, como podemos observar nas falas em estruturas como família, escola e mídia, mas também microssociais, ligadas a agência do próprio sujeito.

⁶⁷ Embranquecimento pode ser entendido como o resultado de uma série de estratégias que estão ligadas ao incorporamento de aspectos biológicos e/ou sociais que foram historicamente construídos como sendo pertencentes aos brancos. Para Costa (2009), há duas formas complementares de embranquecimento: com o clareamento “biológico” da pele, exibido fenotipicamente, que contribui para amenizar o preconceito e aumentar as possibilidades de ascensão social e econômica que, por sua vez, possibilita o embranquecimento social.” (COSTA, 2009, P. 103). Já Souza, afirma que “O sujeito negro, possuído pelo ideal do embranquecimento, é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo” (COSTA, 1983, p. 7). Além disso, “essa capacidade requer implicitamente a concordância das pessoas de cor em renegar sua ancestralidade africana ou indígena.” (GUIMARÃES, 1995, p. 39).

7.2 Personagens e personalidades

Este eixo de análise formou-se a partir das perspectivas das entrevistadas a respeito de artistas ou papéis interpretados, nas quais notamos uma recorrência de opiniões dirigidas para esse nicho. Dessa forma, queremos compreender as opiniões, através de uma análise qualitativa, sejam elas identificações, desidentificações, elogios ou críticas. Mas antes trouxemos duas *nuvens de palavras*, para contextualizarmos a forma como aparecem essas personalidades para as entrevistadas no seu consumo cultural e midiático atual e em suas memórias (na infância e juventude).

Figura 38 - Personalidades mais citadas⁶⁸



Na Figura 38, estão as personalidades (atores, cantores, artistas, escritores, jornalistas) que as entrevistadas mais gostam na atualidade. Entre os nomes mais citados podemos encontrar

⁶⁸ Criamos esta *nuvem de palavras* a partir de um arquivo em que colocamos unicamente os nomes de artistas ou personalidades mencionados por cada colaboradora, de ambos os grupos (A e B). Para formar a nuvem, aumentamos o número de termos de 50 para 100, devido a aparição de nome e sobrenome (dos artistas) separados, o que faz com que apareça um pouco mais de 50 e não 100 nomes.

7.2.1 Grupo A: Identificação, elogios e críticas

Ao falar da série *How to get away with murder*⁷⁰, Joice chama a atenção para a personagem principal: Annalise, uma advogada e professora universitária. No seguinte trecho, a entrevistada menciona os motivos pelos quais gosta de assistir a série, incluindo elogios à protagonista:

- eu assisto pelo fato de ser uma protagonista negra e pelo fato de a personagem ser muito forte e muito verossímil. Porque ela tem falhas tanto de caráter quanto de atitude, mas ela ascende profissionalmente, socialmente, pela dedicação dela. Têm momentos que ela se aceita como ela é. Mas tem a questão do cabelo dela, que ela usa peruca [cabelo liso], eu acho isso muito interessante.

Nesse sentido percebemos que ela se identifica com a personagem, pois na série são destacados diversos âmbitos de sua vida: profissional, emocional, familiar, etc. Ou seja, a personagem tensiona o lugar naturalizado da mulher negra na sociedade, sem deixar de mostrar problemáticas que são comuns à mulheres negras, como a questão do cabelo. Além disso, essa identificação interseccional não ocorre apenas pelos aspectos de gênero e raça, em função de a personagem principal ser uma mulher negra, verificamos, que é presente o aspecto social de classe, pois a entrevistada, que atualmente cursa o doutorado, segue os mesmos passos da personagem, em relação a posição profissional no mundo acadêmico.

Verificamos outra identificação relacionada ao desejo de ascensão social quando a entrevistada Cíntia, que veio do interior do estado do Rio Grande do Sul e é empregada doméstica, faz um elogio à personagem Maria da Paz, interpretada por Juliana Paes, na novela *A dona do pedaço*⁷¹.

- A novela está mostrando bastante coisa. Eu to gostando da Juliana Paes, a história dela, que ela era de fora, está tendo a confeitaria dela, começou devagarzinho. Essas histórias que eu gosto de assistir. A pessoa veio lá de baixo, vai subindo. Os romances que eu gosto muito, que acontece com os casais.

A entrevistada identifica-se com a personagem principalmente em função de sua história de vida, através da intersecção entre gênero e classe. No entanto, o que seria um diferencial em relação a personagem, que é ser uma mulher pobre, que saiu do interior para a capital e ascende socialmente para uma classe média alta (figura na qual a entrevistada, que

⁷⁰ Série de televisão, veiculada pela ABC, desde Setembro de 2014. No Brasil, ela está disponível no *streaming* Netflix. O título foi traduzido no Brasil para *Como defender um assassino*.

⁷¹ Telenovela brasileira, veiculada de 20 de maio a 22 de novembro de 2019, na Rede Globo, dirigida por Walcyr Carrasco.

ainda encontra-se em uma classe social baixa, se projeta), não corresponde à realidade do país. No Brasil, a média salarial de uma empregada doméstica ainda é menor que a de um salário mínimo⁷², sendo que dificilmente a situação de ascensão social meteórica colocada na telenovela ocorreria.

Saindo da questão dos personagens identificados como favoritos, a partir do consumo cultural e midiático, observamos as falas de algumas entrevistadas fazendo elogios, às personalidades negras:

- Tem a Zezé Mota... eu gosto de ver os negros atuando [...] então quando o negro pega destaque na novela eu gosto de ver muito [...] eu gosto de ver a Taís Araújo, Isabel Fillardis... eu acho que tem uma novela que ela estava na Record, que eu não sei o nome da novela direito, mas eu acho bonito. Que não é uma doméstica, não é uma escrava, ela faz o papel principal. (Priscila)

- [...] e a postura dela também, uma pessoa elegantíssima, amo a elegância da Maju. E da Taís também, ela é uma negra bem assumida, e uma coisa legal é que ela [Taís Araújo], no meio de comunicação com gente de tudo quanto é cor e ela casou com um negão [Lázaro Ramos] que nem ela e ganhou mais pontos meu. (Valentina)

- A Maju eu gosto. Eu acho uma boa jornalista, acho ela simpática, ela é bem verdadeira. Ela faz o papel dela bem. Bem profissional, com seriedade. A Glória Maria também. (Vanessa)

- [...] gosto de assistir a Maju, porque a imagem dela... sabe... entusiasmada com o que ela está fazendo, e a oportunidade que ela tem, porque geralmente eles deixam o pessoal da nossa etnia fora. (Isabel)

Estes exemplos de falas ilustram a forma com que as entrevistadas se referiram às personalidades que foram mais citadas, como Taís Araújo e Maju. As opiniões positivas, a respeito das personalidades midiáticas, às vezes, vêm acompanhadas de um senso crítico, pois elas enfatizam que o protagonismo das mulheres negras nos programas é raro.

Percebemos, novamente, que pertencem a uma comunidade interpretativa, visto que a opinião das entrevistadas se estabelece a partir de sua formação identitária, ao identificarem-se como mulheres negras, e assim conectarem sua aparência estética (e provavelmente suas vivências) às das celebridades. Uma observação a ser pontuada, é que essas falas tratam de personalidades da TV aberta, ou seja, as referências dessas entrevistadas vêm de um meio de comunicação tradicional e não das novas tecnologias. Isso pode ocorrer em função da faixa-etária, mais afeita aos meios tradicionais (que vai dos 40 aos 80 anos).

⁷² Ao desagregar os rendimentos habitualmente recebidos por classes de salário mínimo, os resultados mostram que quase um terço dos trabalhadores domésticos recebe menos de um salário mínimo e para aqueles sem carteira de trabalho assinada essa parcela chega a 40,4%. (IBGE, 2006)

Tratando-se agora das críticas e reclamações, salientamos que o fato de as entrevistadas fazerem esse tipo de apontamento não necessariamente quer dizer que elas não se identificam com as personalidades. Vejamos, a seguir, a opinião de Vanessa:

- Eu não gosto muito daquela guria, aquela que está na novela. Ela é morena também, a Sheron Menezes

Vanessa é uma das entrevistadas que também nasceu e morou até a vida adulta no interior do Rio Grande do Sul. Ao falar de Sheron Menezes, fez uma comparação com a atriz Taís Araújo, dizendo que preferia esta última, pois achava que ela era “mais ‘na dela’, mais humilde”. Provavelmente a entrevistada, que é evangélica, carrega valores mais conservadores, e uma possível pista disso, é que Sheron Menezes, na época da entrevista, interpretava uma amante (a personagem chamava-se Gisele, ela era secretária, e sua sensualidade era seguidamente explorada nas cenas), na novela *Bom Sucesso*⁷³. Ainda assim, a entrevistada acha importante valorizar as atrizes negras, e também gosta de ver a Maju e Glória Maria na TV. Gênero e raça, neste caso, aparecem dissociados, pois, se por um lado, a entrevistada identifica-se com mulheres negras, lembrando de Sheron Menezes, por outro há um indício de desaprovação no modo como atriz se porta, como mulher, a diferenciando de Taís Araújo.⁷⁴

Também observamos um outro tipo de reclamação relacionado às personalidades midiáticas, vindo da entrevistada Joice:

- Volta e meia, se aparecer a Taís Araújo na novela, ou a Sheron Menezes as pessoas vão começar a me chamar pelo nome do personagem. E aí eu fico extremamente irritada.

- A minha avó falava essas coisas assim[...] E eu lembro, por exemplo, quando aparecia o Netinho na televisão: “tu vai casar com o Netinho”. Eu tinha um horror, tipo: “não!”. O Netinho me lembra uma coisa muito ruim [...] porque, na visão da família da minha mãe, ser negro era uma coisa meio pejorativa.

Para Joice, há um incômodo quando é chamada pelo nome das atrizes, pois, o que, à primeira vista, pode parecer um elogio, por outro lado, está associado a duas questões que

⁷³ Telenovela brasileira, dirigida por Marcus Figueiredo e exibida pela Rede Globo de 29 de julho de 2019 a 24 de janeiro de 2020.

⁷⁴ Uma outra colocação de uma entrevistada, que não trouxemos no corpo do texto pois não é uma reclamação, é a fala de Viviane, que também é evangélica e mostra uma tendência conservadora, ao mencionar seu livro favorito: “É o livro da Cristiane Cardoso, *A mulher V*. Ele ensina a mulher a ser virtuosa, a ser uma mulher moderna na moda antiga.” Neste exemplo não é presente uma identificação de raça, porém mostra os valores que a entrevistada carrega em relação a gênero. Ela identifica-se com valores normativos de feminino, principalmente, porque este livro busca ensinar comportamentos que façam a mulher ser valorizada pelo homem. Por outro lado, durante a entrevista, Viviane identifica-se como negra e declara preferência homens negros para relacionamentos amorosos.

repercutem na cultura: ser a “única negra”⁷⁵ em determinados espaços (como é comum nas telenovelas) e o pensamento de que todos os negros são iguais, fazendo com que a individualidade do sujeito não seja valorizada. O que pode incorrer em uma atribuição dos valores, que as personagens interpretadas por essas atrizes carregam, sendo direcionada à entrevistada, toda a vez que ela é chamada por seus nomes.

Além disso, no último trecho, a entrevistada refere-se à sua infância, em que sua avó, repetidas vezes, dizia a ela que, caso fizesse algo errado iria casar com um homem negro, e o cantor Netinho era apontado como o maior exemplo de como seria esse suposto marido. Nesse sentido, observamos uma intersecção entre raça, gênero. Em relação ao primeiro marcador, associamos isso a um rastro do racismo, em que a união entre pessoas negras e suas características estéticas são constantemente desvalorizadas (PACHECO, 2013). Depois, observamos desde a infância a imposição de um casamento, sendo essa uma realidade de um marcador de subordinação das mulheres. Esses dois fatores se cruzam aqui como forma de opressão, eles não impediram que a entrevistada se reconhecesse como mulher negra em sua infância, porém dificultaram a construção de uma percepção positiva de si mesma no período da vida referido.

Ainda observamos as críticas que estão associadas a personagens, porém que são direcionadas às telenovelas:

- Eu acho que a novela, ela contribui para um estereótipo, para as pessoas reforçarem o estereótipo da mulher negra, como alguém sensual ou como alguém barraqueira. (Joice)

- o negro geralmente atua só como empregado ou como na escravidão [...] Eu acho que ainda tem muito preconceito, a nossa raça ainda é muito discriminada. (Priscila)

Essas opiniões são comuns, principalmente, em relação às novelas e séries que fazem parte da programação da TV aberta. Verificamos aqui um outro indício de um viés interpretativo similar, que colabora para que as entrevistadas formem uma comunidade interpretativa. Mesmo elas tendo diferentes escolaridades (Joice cursa doutorado e Priscila não concluiu o ensino fundamental), seus repertórios interpretativos (JENSEN, 1995) estão marcados por determinados códigos, como suas vivências como mulher negra, que as fazem reparar essa questão nas telenovelas, principalmente quando trata-se de personagens que têm um valor subalternizado na sociedade.

⁷⁵ A ‘única negra’ é um termo comumente utilizado nas comunidades (virtuais e não virtuais) de mulheres negras engajadas, ou que têm interesse nas questões raciais. O termo, de modo geral, busca sinalizar situações de vivências que as mulheres negras tiveram em espaços que são comumente ocupados por pessoas brancas e de classe social mais alta.

Em relação ao interesse em conteúdos relacionados à negritude, percebemos que todas as colaboradoras do Grupo A estão a procura ou ainda, declararam estarem interessadas, em bens culturais ou midiáticos que remetem à negritude ou questão racial. Ao olharmos de uma forma detalhada, essa valorização se dá de forma diferente, dependendo de fatores como escolaridade, classe social, idade. Por exemplo, Joice, Nicole e Mônica, que já cursam o ensino superior têm interesse em consumir produtos midiáticos, como filmes e séries que tenham atrizes e atores negros. Diferentemente, Priscila, que não terminou o ensino fundamental, Vanessa, que terminou o ensino médio e Valentina que acessou o ensino superior depois dos 60 anos, fazem esse movimento valorizando a questão da negritude através do que veicula nas novelas, revistas e filmes, sem procurar conteúdos específicos, assim como as primeiras entrevistadas mencionadas.

7.2.2 Grupo B: Identificação, elogios e críticas

Tratando-se de identificação, trouxemos um exemplo que ocorreu na vida de Lorena, de um evento marcante relacionado a personagem Xica da Silva, interpretada por Zezé Mota, no filme que carrega o mesmo nome da protagonista.

- Acho que terceira série, que tinha um grupo que a gente morava meio perto. [Quando voltavam da escola] então uns entraram nas suas casas e os outros iam continuando, daí naquela época estava passando o filme Xica da Silva. Tinha aquela música “Xica da, Xica da... a negra”. Aí teve uma vez, que meio que fizeram um cortejo até a minha casa, cantando essa música. Daí eu cheguei em casa, chorei, coisa e tal.

Novamente, verificamos as associações depreciativas, em relação a conteúdos midiáticos. Por, provavelmente, Lorena ser uma das poucas (ou a única) meninas negras em sua escola ocorreu de seus colegas vincularem ela à personagem negra que estava em circulação midiática. Implicando, assim, na questão comentada no item anterior, em que pessoas próximas associam a rara personagem negra que veem protagonizando uma obra, à mulher negra que convivem. E ainda, como no caso da entrevistada, isso foi feito de forma difamatória.

Desde criança, Lorena compreendia-se como mulher negra, e seus pais sempre passaram uma visão positiva de negritude a ela. Além disso, ela sempre foi incentivada a ler, tendo inclusive uma biblioteca em casa neste período da vida, o que a influenciou a tornar-se poeta.

Já adulta, a entrevistada encontrou o vídeo com o poema *Gritaram-me Negra*⁷⁶, que relacionou diretamente ao fato vivido anteriormente:

- a primeira vez que eu vi o vídeo Gritaram-me negra, aquilo me marcou muito forte por aquela questão. [...] ele é um dos que está no meu repertório, porque é uma coisa que aconteceu comigo.

Embora a autoidentificação de Lorena como mulher negra, viesse desde a infância, sua percepção a respeito de si mesma modificou-se conforme suas vivências, seja em relação a seus cabelo ou ainda na situação que relatamos. Podemos verificar, então, fortalecimento da identificação da entrevistada na intersecção entre raça e gênero, através consumo cultural midiático, que, neste caso, colabora para a apropriação de valores positivos da imagem da mulher negra.

Observamos também a identificação que Edna sente em relação ao filme *Fences*⁷⁷. A obra que se passa anos 1950, têm um elenco formado por pessoas negras, sendo as personagens principais o jogador de baseball, Troy (Denzel Washington), e sua esposa Rose, (Viola Davis). A entrevistada critica a personagem Rose, em relação à sua passividade como mãe de família, mas também fala de aspectos com os quais identificou-se:

- [...] para ela tudo estava bom, ela fazia tudo, ela fazia comida para ele... aí ele tinha um irmão, que tinha uma placa na cabeça por causa da guerra, enfim... ela cuidava do cunhado, cuidava da casa, cuidava das roupas dele, cuidava do filho [...]

- Eu diria que só naquela parte, que como ela disse, ela abriu mão de tudo, e ela esperava... não digo uma recompensa, mas uma volta daquilo e ela não teve e quando ela desabafou, aquela parte ali sim, porque até então ela estava quietinha: “tudo bem, eu faço, eu passo, eu cozinho, eu limpo, eu faço a comida especial para o teu irmão...”. [...] A liberdade dela de fazer alguma coisa... bem naquela parte que ela explodiu, ali sim. Realmente ela teve um pouco da mulher contemporânea de agora.

Esses trechos ilustram a forma como é associado às mulheres negras o ‘dever de cuidar’, em vista do processo histórico brasileiro em que se encontram as escravas, as mucamas e as amas-de-leite (GONZALEZ, 1984), que, atualmente, tornaram-se as babás e as empregadas domésticas (GONZALEZ, 1984; NASCIMENTO, 2019). Vemos aqui um fator de gênero e raça no que chama a atenção da entrevistada sobre a personagem, sendo que ela não se identifica com essa situação, do ‘lugar de cuidado’. Edna aprova apenas quando a personagem se impõe. Verificamos, assim a sua identificação com valores associados ao feminismo, pois não apoia as

⁷⁶ O poema *Gritaram-me negra* é de autoria da poeta peruana Victoria Santa Cruz. O vídeo encontra-se no link: <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>. No Anexo A, o poema está transcrito em português.

⁷⁷ No Brasil foi traduzido para *Um limite entre nós*.

práticas da personagem, em relação a dedicar toda a sua vida aos filhos e família sem pensar em si mesma, além de elogiar o confronto da personagem com o marido.

A crítica às personagens de novelas, entre elas, foram realizadas principalmente pela entrevistada Alice. Ela, que já viveu diversos relacionamentos pontua principalmente como o aspecto da traição se repete em papéis interpretados por mulheres negras.

- Essa novela de agora, que é *A Dona do Pedaço*, na primeira leitura eu já vi, tem uma família negra, que é a do Marcos Palmeira, aí a primeira coisa que ele faz... trai a mulher negra. Aí o namorado da filha dele que é branco, trai a mulher negra. Então, o que elas estão fazendo ali? As duas foram traídas com mulheres brancas.

- E a das sete, ainda tá dando, *Verão Noventa*, aí também, a menina negra, ela tá linda na novela... que ela faz uma bailarina de lambada. Aí ela namora com um cara branco, o cara branco trai ela.

- Essa mini série, *Carcereiros*, o Rodrigo Lombardi é casado com uma mulher negra, aí trai ela com uma branca. A mulher já sofre porque é casada com ele, a mulher já sofre porque o cara é agente penitenciário, já vive com medo que ele vá tomar um tiro, alguma coisa, e agora ele está traindo ela com uma mulher branca (Alice)

A entrevistada identifica que, repetidas vezes, os relacionamentos amorosos envolvendo mulheres negras carregam o elemento da traição. Essa questão relaciona-se principalmente com a pauta da solidão da mulher negra (SOUZA, 2008; PACHECO, 2013), que é frequentemente abordada nos espaços de discussão sobre o feminismo negro. O que é apontado, de modo geral, nesse debate, é que mulheres negras são preteridas em relação à mulheres brancas, pois são vistas exclusivamente como objeto de desejo sexual, ou ainda que não são *assumidas* pelos homens negros⁷⁸. Beatriz Nascimento (2019) coloca a questão da dificuldade que mulheres negras têm de estabelecer vínculos afetivos conforme aumentam seu grau de estudos, pois dessa forma passam a ocupar espaços elitizados, nos quais não são reconhecidas como sujeitos. Com a frase: “Que tenhamos escolhido a condição amorosa e não a sexual para nos referir ao estado de ser mulher e preta no meu país” (NASCIMENTO, 2019, p. 265), a autora denuncia a redução que a mulher negra sofre em relação a ser somente desejada em relação a sua sexualidade, que frequentemente também é associada a uma dada “animalidade” (GONZALEZ, 1984). Desse modo, há uma necessidade de estabelecer relações que às reconheçam de forma inteira.

⁷⁸ Esse tipo de abordagem, ainda valoriza um estrutura monogâmica, patriarcal, branca e heteronormativa, que segue a *cartilha de família nuclear* estabelecida pelo mundo ocidental e capitalista. Autoras com Beatriz Nascimento, que trouxemos no corpo do texto, no artigo *A mulher negra e o amor* (2019), originalmente publicado em 1990, aborda a questão da solidão da mulher negra, quando ainda nem existia tal expressão, de forma a apontar a trajetória que faz com que essa condição se estabeleça, compreendendo a necessidade de a mulher negra ter vínculos afetivos, que reconheçam sua humanidade. Portanto sem incorrer na forma como o debate vem sendo feito atualmente, no qual é depositada a culpa da solidão da mulher negra homem negro, por relacionar-se com mulheres brancas, implicando ao final, numa submissão às estruturas mencionadas no início deste parágrafo.

Laura, também traz uma crítica, mas em relação aos filmes que abordam histórias relacionadas ao racismo. Ela fala que nem sempre quer ver personagens negros fazendo papéis de luta contra o sistema, ou um opressor:

- o que eu to acostumada a ver é um personagem negro que é muito foda, muito fora de série que luta contra o sistema e que é o cara, ou então uma pessoa que é escrava e está sofrendo e então foge, ou dá uma de *Django Livre* que mata todo mundo. Tá cara isso está reforçando algumas coisas [...]

Percebemos que a entrevistada se identifica com personagens negros, porém sente a necessidade de representações midiáticas que não falem somente sobre racismo. Na busca por esse tipo de conteúdo ela deparou-se com *Nollywood*⁷⁹. Relacionado a isso, observamos os elogios que as entrevistadas direcionaram ao filme *Pantera Negra*⁸⁰:

- E é um filme que eu curto, porque tipo... por um instante você simplesmente é possível você ter um elenco negro, ter atores negros, ter uma direção não e não ter que colocar o racismo como algo que ... marcar ele no seu filme. (Laura)

- Assisti o pantera Negra, foi muito legal, porque ele mostra um outro lado, não só de sofrimento, mas tem toda uma riqueza, um lugar com uma tecnologia super avançada, traz um outro lado de África. (Clarice)

- eu saí do cinema em um estado de prazer... foi um dia que foi como se eu pudesse vislumbrar uma nova sociedade. É a beleza da Cultura Negra, a África, é um filme que se passa na África com um elenco todo negro e não se fala em racismo ali. (Alice)

Na obra *Olhares Negros*, de bell hooks, a autora aborda que é necessário ir para além de uma crítica ao *status quo*: “É também uma questão de transformar as imagens, criar, alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e mau” (HOOKS, 2019, p. 37). E é essa possibilidade que observamos quando as entrevistadas desejam conteúdos que vão para além de abordar o racismo, pois quando não são dados papéis de posições subalternizadas aos negros, os colocam apenas como críticos ao racismo. Neste caso, a demanda é para que se crie novas histórias não contendo apenas as coisas ruins pelas quais os negros passaram.

As entrevistadas fazem tanto uma interpretação crítica, na qual questionam as representações de mulheres negras, nas telenovelas, quanto elogios a forma como artistas e personagens negras vêm aparecendo na mídia. Ou seja, de certa forma essa demanda chega aos

⁷⁹ Indústria nigeriana de cinema.

⁸⁰ Esse é um filme de super-herói estadunidense, que conta a história do reino de *Wakanda*, em que há tribos africanas guerreiras, e que foi dirigido e protagonizado por pessoas negras.

meios de produção, que vem modificando a abordagem em relação a aparição de profissionais negros. Embora isso não queira dizer que há uma transformação ampla e abrangente, pois, como podemos observar, as entrevistadas, lembraram de um ou dois nomes de forma mais expressiva.

Podemos perceber que suas críticas se direcionam a forma sensualizada com que a mulher negra é representada. Esse é um fator que conecta raça e gênero num sentido interseccional, na medida em que traz à tona um resquício do pensamento científico de raças (SCHWARCZ, 1995; MUNANGA, 2004), que conferiu racionalidade aos brancos e animalidade aos negros. Incorrendo, dessa forma, na atribuição do valor da sexualização, da sensualização, da força bruta aos corpos negros, opostos aos brancos, que carregariam a intelectualidade. Ainda, observamos que a questão de gênero, se faz presente também pelo fator da sexualização, porém, mulheres brancas seriam valorizadas como sujeitos, conforme o que foi mencionado acima.

Verificamos que as entrevistadas elogiam e identificam-se com as personagens e personalidades quando sentem que se sobressai em suas aparições mais do que sua forma física, ou ainda, quando têm a oportunidade de aparecer em diferentes profissões, seja em suas personagens, ou quando protagonizam os telejornais. Em outras palavras, quando são elevadas ao status de sujeito, ao interagirem em papéis que desviam dos arquétipos da mulher negra, como os apontados por Lélia Gonzalez (1984), da *mulata* ou *doméstica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender como as categorias de gênero e raça se relacionam ao consumo cultural e midiático, impactando, assim, na construção das identidades de mulheres negras, participantes e não participantes de coletivos negros de Porto Alegre. Com isso, não pretendemos dar conta de todo esse fenômeno, mas sim explorar a interseccionalidade como categoria analítica para a vivência de mulheres negras implicando seu consumo cultural e midiático.

Dentro dos objetivos específicos, através dos uso das *nuvens de palavras* mapeamos as principais fontes de consumo cultural e midiático presentes no cotidiano de mulheres negras, em que, para o Grupo A, aparecem **filme, música, novela, livro, televisão, rádio, jornal e festa** e para o Grupo B são **filme, livros, música, televisão e festa**. Consideramos, assim, que o Grupo A está mais ligado aos meios de comunicação tradicionais do que o outro. Em relação às principais temáticas dos conteúdos que consomem principalmente no que diz respeito a raça e ao gênero, para ambos os grupos apareceram os termos **negro** e **negra** como qualificadores de seu tipo de conteúdo favorito. Em relação às suas práticas cotidianas relacionadas a esse consumo inicialmente encontramos dificuldades em apontá-las, mas observamos, por exemplo o uso do consumo cultural e midiático relacionado aos cuidados de seus cabelos, principalmente para o Grupo A.

No que se refere ao nosso último objetivo específico, que foi identificar aspectos nessas práticas que são específicos da interseccionalidade de raça e gênero e que contribuem na formação de sua identidade, encontramos o aspecto da relação das entrevistadas com cabelo. Compreendemos esse como um aspecto emblemático para pensar a intersecção entre raça e gênero, pois essa é uma questão que está nas estruturas do que legitima a correspondência da mulher ao feminino (no caso de um cabelo comprido), sendo que para os homens a questão do cabelo possivelmente apareça de forma diferente e mais branda. Além de suas opiniões a respeito de personagens e personalidades midiáticos, nas quais produzem identificações que permeiam a formação de suas identidades.

Nas análises, procuramos contrastar os grupos A e B, não deixando que um único grupo fosse referência, ou ainda, que ele fosse dado como o ideal. Com isso, verificamos que mesmo o grupo que não adere de forma ativa aos coletivos, ele apropria-se dos discursos culturais e midiáticos, relativos às problemáticas contemporâneas envolvendo as sobreposições dos marcadores raça e gênero, ou ainda, classe, especialmente tratando-se da questão do cabelo.

Isso foi verificável para os dois grupos. O cabelo é a representação de onde as entrevistadas interseccionam gênero e raça, ou seja, ele é o elemento central dessa intersecção. Segundo Nilma Lino Gomes, “O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo.” (GOMES, 2019, documento eletrônico).

O cabelo aqui importa sobretudo por ser um elemento que compõe a construção de identidade, pois está ligado a compreensão de como as entrevistadas se veem e são vistas pelo outro. A identidade é uma construção social que se dá ao longo da história (HALL, 2000; WOODWARD, 2000), que em nosso país, está associada, principalmente a aspectos físicos como cor de pele e cabelo (GOMES, 2019). Mas não apenas essas características são levadas em conta para na autoidentificação racial dos sujeitos, classe, renda, educação, etc também colaboram para essa definição (GOMES, 2019). A questão do cabelo para os negros, sobretudo para as mulheres negras, está ligada ao processo de racialização histórico do Brasil (SCHWARCZ, 1995; MUNANGA, 2004). E uma das formas com que isso acontece, é a posituação do cabelo liso sendo dado como *bom* em relação ao crespo, sendo chamados de *ruim*⁸¹. Nesse sentido, percebemos nas falas das entrevistadas o alisamento intensamente presente durante a infância e juventude, e observamos aqui aspectos de subordinação e opressão (CRENSHAW, 2002) a partir das categorias de gênero e raça. No entanto, menções à transição capilar, durante a vida adulta, mostram um processo de transformação identitário, ligado à agência dos sujeitos, onde também se encontram modificações a partir das categorias de gênero e raça, porém mostrando a legitimação da identidade negra. “Mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo.” (GOMES, 2019, documento eletrônico). Nos termos da interseccionalidade de raça e gênero, compreendemos esse movimento, em relação ao cabelo, como um “descentramento do sujeito normativo” (BRAH; PHOENIX, 2004, p. 78).

Não queremos passar a ideia de que o uso do cabelo alisado por mulheres negras seja unicamente uma forma de submissão a um padrão estético de beleza, pois, assim como as mulheres brancas, elas podem exercer sua liberdade de usarem os cabelos da forma que querem. O que está em jogo aqui é como a repetição do uso de um padrão estético está relacionada a

⁸¹ Como observamos, por exemplo, na seguinte fala da entrevistada Joice: “na época a minha avó falava que ela tinha o cabelo bom e que eu tinha o cabelo ruim. E aí eu internalizei aquilo, tipo, eu tinha cabelo ruim.”

uma estrutura racista, que positiva aspectos sociais, culturais, históricos e biológicos, relacionados aos brancos e deslegitima essas mesmas características quando vinda dos negros. E, a mulher negra, adequar-se aos padrões de gênero e raça dominantes, tende a sentir-se requisitada a passar por esse tipo de procedimento (alisamento). “Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária” (GOMES, 2019, documento eletrônico). Desse modo, o uso do cabelo alisado por mulheres negras, pode, sim, estar expressando a sua autonomia e liberdade de fazer o que quiser do seu corpo, porém, estando nesta sociedade, este uso não está desassociado das construções históricas relativas à raça e gênero.

Percebemos também que é importante, nesse processo de apropriação e construção de suas identidades, a formação dos repertórios interpretativos, que às tornam parte de comunidades interpretativas (JENSEN, 1995). Tanto entrevistadas do Grupo A quanto do Grupo B valorizam ou procuram conteúdos culturais e midiáticos ligados à negritude ou à questão do racismo, ou ainda, feminismo. Além disso, comumente elas identificam-se com personagens e personalidades que são mulheres negras, especialmente as que ocupam espaços de poder na sociedade, como, por exemplo, a advogada e professora universitária Annelise (personagem) ou a jornalista Maju. Nesse sentido concordamos com Carneiro ao colocar que “presenciamos gradativamente a presença de mulheres negras em espaços outros que não somente os de subserviência, consideramos que mudanças radicais ainda precisam ser efetivadas” (CARNEIRO, 2003, p. 125). Desse modo, compreendemos no consumo cultural e midiático uma forma de construção desse repertório que faz com que elas, em conjunto, encontrem-se nesse processo de modificação das percepções sobre seu cabelo, sobre seu corpo, sobre si mesmas.

Verificamos também que há uma interpretação crítica por parte delas, sinalizando novamente uma comunidade interpretativa, em que questionam as representações de personagens e personalidades negras e brancas nos produtos culturais e midiáticos. Isso ocorre principalmente quando referem-se a papéis sociais subalternizados, como em relação à empregada doméstica ou pessoas escravizadas (em personagens).

Tratando-se dos aspectos metodológicos, acreditamos que nosso ganho foi ter organizado dois perfis de entrevistadas, levando em conta não apenas as participantes de coletivos (que foi a proposta inicial, com a pesquisa exploratória sendo realizada exclusivamente com este grupo), mas também as não participantes. Com isso, tivemos a oportunidade de verificarmos como as transformações contemporâneas relativas a raça e gênero estão presentes na experiência de quem não está necessariamente discutindo essas questões,

mas que sofre o maior impacto negativo na hierarquia social (QUADROS, 2004; LIMA, et al, 2013; SILVA, 2013). Por outro lado, ainda em termos metodológicos, compreendemos que houve uma lacuna referente ao percurso etnográfico, à medida que observamos um número insuficiente de elementos externos às entrevistadas, como fotografias e outros tipos de documentos.

Compreendemos, assim, esse resultado como representativo para os estudos de recepção e consumo cultural e midiático, pois identifica nos sujeitos pesquisados, e não na produção midiática, o elemento interseccional, relacionado ao consumo cultural e midiático. Enfatizamos também, que diante de nossa proposta empírica, de entrevistar 22 mulheres negras vindas, com trajetórias distintas, nossas constatações ainda são iniciais, de modo que vemos futuramente a necessidade refinamento desse estudo para maiores contribuições para o campo da comunicação.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Claudia; TRINDADE, Luiz Valério. Análise de ausência de diversidade étnica nos telejornais brasileiros. **Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política**, v. 11, n. 22, p. 90-108, 2011.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALONSO, Luis. Sujeto y discurso: el lugar de la entrevista abierta en las técnicas de la sociología cualitativa. DELGADO J.; GUTIÉRREZ J. **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1995.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo. Brasiliense, 2017.
- AMORÓS, Celia; DE MIGUEL, Ana. **Teoría feminista. Del feminismo liberal a la posmodernidad**. v. 2. Madrid: Minerva Ediciones, 2005.
- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 458 - 463, 1995
- BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda, 2012
- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain't IA woman? Revisiting intersectionality. **Journal of international women's studies**, v. 5, n. 3, p. 75-86, 2004.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 8ª. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CÁCERES, Jesús Galindo. Guía General de Entrevista. In: CÁCERES, Jesús Galindo. **Sabor a ti**. Metodología cualitativa en investigación social. Xalapa. Universidad de Veracruz, 1997. pp. 191-216.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- CANCLINI, Néstor García. Los estudios sobre comunicación y consumo: el trabajo interdisciplinario en tiempos neoconservadores. **Diálogos de la Comunicación**, n. 32, 1992.
- CARBY, Hazel V. Mujeres blancas escuchad! El feminismo negro y los limites da hermandad feminina. In: JABARDO, Mercedes (ed.), **Feminismos negros**. Una antología, Traficantes de Sueños. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. p. 209 - 244
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. v. 17, n. 49, p. 117 - 132, dec. 2003

CARVALHO, Noel dos Santos. Introdução. DE, Jeferson. **Dogma feijoadá**: o cinema negro brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2005. p. 17 - 101,

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, p. 139 - 167 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, ano 10, 2002, p. 171 - 188

COSTA, Jurandir. Da cor ao corpo a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal 1983. p. 1 - 16

DAVIS, Angela. **Women, Race and Class**. New York: Random House, 1981.

DE, Jeferson. **Dogma feijoadá**: o cinema negro brasileiro. São Paulo: Ed. Imprensa Oficial, 2005.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 25 - 47

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Néstor García Canclini: notas sobre um autor latino-americano. **Comunicação & Sociedade**, v. 27, p. 103-121, 1997.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. **Revista venezolana de estudios de la mujer**, v. 14, n. 33, p. 37-54, 2009.

FISH, Stanley Eugene. **Is there a text in this class?: The authority of interpretive communities**. Harvard University Press, 1980.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

FONTOURA, Pâmela Amaro; SALOM, Julio Souto; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Sopapo Poético: Sarau de poesia negra en el extremo sur de Brasil. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 49, p. 153-181, 2016.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 25 - 46

GOMES, Joaquim Barbosa. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. **Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 15-58, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Revista brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, 2002.

GOMES, Nilma Lino et al. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal**, v. 10639, n. 03, p. 39-62, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223 - 244

GONZÁLEZ, Lélia. Por un feminismo afrolatinoamericano. **Seminário Isis Internacional – Mujeres por un Desarrollo Alternativo – MUDAR**, Santiago, vol. IX, p. 133-141, jun. 1988.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 1-9, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 315 - 332

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 97-128, 2015.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman Black Women and Feminism**. Boston: South End Press. 1981

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos trabalhadores domésticos nas seis regiões metropolitanas investigadas pela Pesquisa mensal de emprego: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre**. Rio de Janeiro: IBGE. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

JABARDO, Mercedes (ed.), **Feminismos negros**. Una antología, Traficantes de Sueños. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. Hacker, 2005.

JACKS, Nilda. Klaus Jensen e os estudos culturais. In: GOMES, Itania Maria Mota; JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira (Org.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA. 2011.

JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela. Consumo Midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: Regiane Ribeiro. (Org.). **Jovens, consumo e convergência midiática**. 1ed. Curitiba: Editora UFPR, 2017, v. 1, p. 19-29.

JENSEN, Klaus B.; MULES, Warwick. **The social semiotics of mass communication**. London: SAGE. 1997.

JESUS, Nara Regina Dubois de. **Clubes sociais negros em Porto Alegre-RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite, Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 489, 1995.

LIMA, Márcia Regina; RIOS, Flavia; FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In: **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**, 2013. p.53 - 80

LOPES, Maria Immacolata. **Pesquisa em comunicação**. 7ed. São Paulo: Edições Loyola. 2003

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MANN, Susan Archer; HUFFMAN, Douglas J. The decentering of second wave feminism and the rise of the third wave. **Science & society**, v. 69, n. 1: Special issue, p. 56-91, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações-comunicação**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATOS, Marlise. Movimento e Teoria Feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 16, n. 2, p.333-357, 2008.

MAZER, Dulce. Rap de gaúcha: performance e resistência de MCs nas cenas rap da região metropolitana de Porto-Alegre. **Contemporanea-Revista de Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 1, p. 133-153, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v16i1.25976> Acesso em: 20 abr. 2019.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições. 2018

MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de occidente. Academia Feminista y discurso colonial. NAVAZ L.; HERNÁNDEZ A. (ed). **Descolonizando el Feminismo**: Teorías y Prácticas desde los Márgenes, p. 112-161, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**[S.l: s.n.], 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 265 - 268

OLIVEIRA, João Manuel de. Os feminismos habitam espaços hifenizados – A Localização e interseccionalidade dos saberes feministas. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira , n. 22, p. 25-39, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602010000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 abr. 2019.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Edufba, 2013.

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

PÖTTER, Karin; MIRON, Luciana. Expansão de empreendimentos do programa minha casa minha vida sobre áreas verdes da região metropolitana de porto alegre – rs. In: **Cadernos Zygmunt Bauman**. n. 18, v. 8, p. 96 - 112, 2019.

QUADROS, Waldir. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 95-117, 2004.

RADWAY, Janice. Interpretive communities and variable literacies: The functions of romance reading. **Daedalus**, v.113, n.3, p. 49-73, 1984.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.) **Pensamento Feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 371 - 387

REIS, Ana Regina dos. **Do segundo sexo à segunda onda: discursos feministas sobre a maternidade**. 2008. Dissertação (mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda. 2001

ROSA, Maria; ARNOLDI, Marlene. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

RUBIN, Gayle. **O tráfico sexual de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SALAINI, Cristian Jobi; CARVALHO, Ana Paula Comin de. Memória, mídia e imaginário social: o caso Porongos.. **Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 155-173, dez. 2008. ISSN 2175-8034. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2008v10n2p155/15995>. Acesso em: 03 fev. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-8034.2008v10n2p155>.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

SCHRAMM, Luanda. Comunidades interpretativas e estudos de recepção: Das utilidades e inconveniências de um conceito.In JACKS, Nilda; SOUZA, Maria Carmem Jacob de. **Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SCHRØDER, Kim Christian. Audience semiotics, interpretive communities and the ‘ethnographic turn’ in media research. **Media, culture & society**, v. 16, n. 2, p. 337-347, 1994.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 10, p. 49-63, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Teorias Raciais. SCHWARCZ. In: Lilia Moritz; DOS SANTOS GOMES, Flávio (Ed.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. Editora Companhia das Letras, 2018. Documento eletrônico.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49 - 80

SEVERO, Juan. Habitação e políticas públicas: o bairro rubem berta como reprodução dos processos espaciais de porto alegre, rs, Brasil. In. **Boletim Gaúcho de Porto Alegre**. n.31. p. 146 - 164. out. 2006

SIERRA, Francisco. Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social. In CÁCERES, J. **Técnicas de Investigación en sociedad, cultura y comunicación**. México: Pearson Educación, 1998

SILVA, Elaine. **Memória, Identidade e Audiovisual: a contribuição dos Videoblogs na ressignificação do cabelo crespo**. 2017. Dissertação (mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

SILVA, Tatiana Dias. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES, Mariana; [et al.] . **Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**, 2013. p. 109 - 131

SOUZA, Claudete. **A Solidão da Mulher Negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro em São Paulo**. 2008, 185 f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In BARROS, A. e DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Vozes, p. 73-102, 2000. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. O que ainda há de recepção na recepção? notas sobre um campo carregado de futuro In. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 29, 2018.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do projeto de pesquisa de mestrado: Interseccionalidade de raça e gênero e a construção da identidade: consumo cultural e midiático de mulheres negras como mediação.

Nome da pesquisadora responsável: Suelem Lopes de Freitas

Orientadora: Profa Dra Nilda Jacks

Instituição a que pertence a pesquisadora responsável: UFRGS

Contato: (51) 981412627 / **E-mail:** s.freitas555@gmail.com

- Esta pesquisa visa investigar como o consumo cultural e midiático de mulheres negras está implicado na construção de suas identidades. Para isso, serão entrevistadas participantes (e não participantes) de projetos que promovam o contato com questões - sociais, políticas e culturais - relacionadas a negritude e/ou racismo. Com as entrevistas, busca-se compreender a relação das participantes com esses projetos; as suas principais fontes e práticas de consumo cultural e midiático; as suas histórias de vida.
- Você está convidada a participar como colaboradora da pesquisa, a partir de entrevistas. Você deverá responder às perguntas de maneira individual e com base na sua opinião, sendo que a sua identidade será mantida em sigilo.
- A entrevista será gravada em áudio. Esses registros serão guardados durante um (01) ano. Para isto, peço a sua autorização prévia mediante a assinatura deste documento. Tudo o que for dito e registrado será utilizado apenas para fins acadêmicos
- A sua participação é voluntária, e você poderá desistir da pesquisa a hora que quiser sem nenhum prejuízo para você.
- Nenhum procedimento utilizado oferece risco à sua saúde e dignidade.
- Não há nenhum benefício direto e imediato a você, ou seja, não haverá pagamento. Apenas espera-se converter os resultados dessa pesquisa em ações benéficas para toda a população. Além disso, ao responder o questionário, você terá a oportunidade de refletir sobre questões pessoais, e sobre questões relacionadas a mulheres negras na sociedade, assim como receber um retorno com os resultados da pesquisa, se assim desejar.
- Não haverá nenhum gasto financeiro para você. Todos os custos da pesquisa ficam por conta do pesquisador.
- As respostas serão codificadas, portanto não terão seu nome registrado. O código será de conhecimento único da pesquisadora responsável e orientadora. E, fará parte de uma base de dados codificada alfa-numericamente.
- Caso você tenha alguma dúvida pode falar pessoalmente com as pesquisadoras ou ligar para o telefone que consta neste Termo.

- Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Assinado esse termo, você está autorizando a utilização de informações presentes, em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada sua identidade e a dos membros de sua família.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo acima descrito, como sujeito colaborador.

Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Suelem Lopes de Freitas sobre a pesquisa e seus procedimentos. Recebi uma cópia do termo.

Local e data

Assinatura do sujeito

Suelem Lopes de Freitas – pesquisadora responsável

APÊNDICE B - Roteiros

ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bloco 1

Esta entrevista é parte de um conjunto de três entrevistas que vou realizar com você, sendo que hoje iremos conversar sobre o seu consumo cultural e midiático.

1. Sobre sua relação com a mídia, marque os meios e a frequência que você costuma consumir (consumo midiático)

Meio/Frequência	diariamente	algumas vezes (por semana)	Raramente	nunca
TV Aberta				
TV Por Assinatura				
Rádio				
Ler Revistas				
Ler Jornais				
Navegar na internet				
Ouvir música				
Fotografar				
Ler livros				
Ir ao Cinema				
Ir ao teatro				
Ir a centros culturais				
Ir ao museu				
Ir a estádios/campo de futebol				
Ir a <i>lan house</i>				
Ir ao CTG – Centro de Tradições Gaúchas				
Ir a festas/ bailes				
Ir a bares/ restaurantes/ cafés				
Ir a igreja/ celebrações/ festas religiosas				

Jogar <i>games</i>				
Cozinhar				

2 [SE QUE COSTUMA ASSISTIR TV ABERTA]

Quais emissoras você costuma assistir?

O que assiste na tv aberta? (novela, jornal, filme, programas de auditório)

Qual é o seu programa favorito? Por que?

[Se assiste novela/filme], quais atores você mais gosta? Por que?

Fale sobre uma novela que marcou você e diga por que, quais personagens gostou?

Quais tipos de histórias você mais gosta que aparecem nas novelas?

Você se sente representada nas novelas?

[Se jornais/programas] qual jornalista ou apresentador você mais gosta? Por que?

Com quem você assiste tv?

3 [SE QUE COSTUMA ASSISTIR TV POR ASSINATURA]

Quais emissoras você costuma assistir?

O que assiste na tv por assinatura?

Qual é o seu programa favorito? Por que?

4 [SE QUE COSTUMA ESCUTAR RÁDIO]

Qual emissora você costuma ouvir?

O que escuta no rádio?

Qual é o seu programa favorito? Por que?

5 [SE QUE COSTUMA LER REVISTAS]

Quais revista você lê?

Onde/quando costuma ler?

6 [SE QUE COSTUMA JORNAIS]

Quais jornais você lê?

Onde/quando costuma ler?

7 [SE QUE COSTUMA NAVEGAR NA INTERNET]

Em qual aparelho/dispositivo costuma acessar?

O que costuma acessar na internet? [vídeos, filmes, séries, podcast, notícias, documentários, pesquisa, esportes]

Que tipo de [vídeos, filmes, séries, podcast, notícias, documentários] você costuma acessar?

Em quais sites?

Você possui perfil em redes sociais? Quais? [FB, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube]

Em quais dispositivos você costuma acessar as redes sociais?

O que você faz nas redes sociais?

8 [SE COSTUMA OUVIR MÚSICAS]

Qual o formato/meio mais consumido para ouvir música?

Qual(is) o(s) estilo(s) de música que você gosta?

10 [SE COSTUMA LER LIVROS]

Quais gêneros de livro você mais procura?

Quais temáticas mais a interessam?

Qual o seu livro favorito?

Quais escritor (a) você mais gosta?

Você participa de algum clube de leitura?

Qual(is) o(s) suporte(s) principal(is) de leitura?

11 [SE COSTUMA IR AO CINEMA]

Quais gêneros/tipos de filme você costuma ver no cinema?

Quais temáticas você mais gosta?

Você costuma assistir filmes de outras formas que não seja no cinema (internet, dvd, streaming)

Que tipo de filme você assiste na (internet, dvd, streaming)?

Você tem alguma atriz ou ator de filmes favorito?

Você costuma assistir filme acompanhada tanto no cinema quanto em casa?

12 [SE COSTUMA IR AO TEATRO]

O que você costuma assistir no teatro?

Quais temáticas você mais gosta?

Você costuma ir acompanhada?

13 [SE COSTUMA IR A CENTROS CULTURAIS OU MUSEUS]

Fale sobre alguma exposição que você gostou.

14 [SE COSTUMA IR A FESTAS/BAILES]

Que tipo de festas você costuma frequentar?

Você costuma ir acompanhada?

16[SE COSTUMA COZINHAR]

Que tipo de comida você costuma cozinhar?

ROTEIRO ENTREVISTA ABERTA

Bloco 2

Na entrevista de hoje conversaremos sobre as suas memórias, desde a infância até a vida adulta.

1 - Infância

Como foi sua infância? O que gostava de fazer?

Com quem morava?

Tem irmão? Ajudou a cuidar dos irmãos?

Como era a divisão de tarefas como limpar e cozinhar na sua casa?

Quais eram as suas brincadeiras favoritas?

Você se achava uma criança bonita? Alguém te dizia isso? E nessa época, tinha alguma mulher que você achava bonita?

2 -SUPERTEMAS

Família: Você planejou ter filhos? Como é a divisão da criação dos filhos com o pai?

Escola: Fale sobre as escolas que estudou. Como era sua rotina na escola?

Trabalho: Fale sobre os trabalhos remunerados que já teve.

Relacionamentos: Fale sobre as pessoas com quem você se relacionou.

3 - Consumo (infância/adolescência)

O que você lembra sobre assistir televisão?

O que você lembra sobre escutar rádio?

O que você lembra sobre as leituras (jornal/revista/livros)?

Tinha alguma famosa que você achava bonita, que queria muito conhecer ou queria ser como ela na infância/adolescência?

4 - Beleza

O que é uma mulher bonita para você?

Onde você costuma ver mulheres bonitas?

Que tipo de cabelo você acha bonita?

Que tipo de rosto é bonito para você?

ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(Oficinas de Leitura em Língua Inglesa: Autoras Negras)

Bloco 3

Esta entrevista é parte de um conjunto de três entrevistas que vou realizar com você, sendo que hoje iremos conversar sobre a sua relação com a Oficina de leitura em língua inglesa: autoras negras.

1 - Motivação

Como ficou sabendo da oficina de leitura de autoras negras?

O que motivou você a participar da oficina?

Você já participou de outros projetos como esse?

2 – Grupo participante da oficina

O que você acha do grupo que participa da oficina?

Você se identifica com esse grupo? (Como?)

No que você acha que se diferencia/distancia do grupo?

3 - Grada Kilomba

Você conhecia a Grada Kilomba?

Você já havia lido o livro (Plantation Memories) antes? Qual foi o seu primeiro contato com a escritora? Como foi essa experiências?

4 – Leitura

Você conhece outras autoras de livros acadêmicos? (Quais)

Você conhece outras autoras de livros literários? (Quais)

Que outras autoras você conheceu no grupo de leitura?

Você teve dificuldades em relação a leitura do livro (por ser em outro idioma)?

5 – Pessoal/Cotidiano

Você conversa com outras pessoas sobre o conteúdo da oficina? (Com quem)

Você considera que essa oficina contribuiu em algum sentido para a sua vida?"

De que forma você se identifica hoje? Em decorrência da oficina alguma coisa mudou?

A partir da experiência descrita por Grada Kilomba, na Alemanha, faça um comentário da sua experiência no Brasil. “Na primeira vez que visitei a biblioteca de Psicologia da Free University de Berlim, logo na entrada, fui chamada de repente por uma funcionária, que disse em voz alta: “Você não é daqui, é? A biblioteca é apenas para os estudantes universitários!” Perplexa, parei. Entre as várias dúzias de pessoas brancas circulando "dentro" daquele enorme cômodo, eu era

a única que foi parada e verificada na entrada. Como ela poderia saber se eu era "de lá" ou "de outro lugar

ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

(Sopapo Poético)

Bloco 3

Esta entrevista é parte de um conjunto de três entrevistas que vou realizar com você, sendo que hoje iremos conversar sobre a sua relação com o Sarau Sopapo Poético.

1 - Motivação

Como ficou sabendo do Sopapo Poético?

Como foi sua trajetória no sarau?

O que motivou você a participar do sarau?

Você já participou de outros grupo projetos como esse?

2 - Performance

Há alguma preparação para a performance, como se dá a escolha e ou escrita dos poemas

Como você se sente ao declamar as poesias durante o sarau? Ao performar

Como você se sente ao ver outras pessoas negras recitando

3 – Grupo participante do sarau

Como é a sua convivência com o grupo que participa do sarau? (Sopapinho piquenique)

Conheceu pessoas que ficaram suas amigas

Você se identifica com esse grupo? (Como?)

No que você acha que se diferencia/distancia do grupo?

4 – Leitura

Que outras autoras você conheceu no sarau? Que outros artistas conheceu

Que autores negros são suas principais referências hoje?

Você teve dificuldades em relação a leitura do livro (por ser em outro idioma)?

5 – Pessoal/Cotidiano

Você conversa com outras pessoas sobre o conteúdo da oficina? (Com quem)

De que forma você se identifica hoje? Em decorrência da oficina alguma coisa mudou?

Você considera que esse sarau contribuiu em algum sentido para a sua vida?" (De que forma)

APÊNDICE C - Grupo A: Consumo cultural e midiático

Consumo de TV						
Nome	Canais mais assistidos TV aberta	Gêneros mais assistidos TV aberta	Canais mais assistidos TV fechada	Gêneros mais assistidos TV fechada	Programas Favoritos TV (nome programa)	Personalidades favoritas da TV (atores, apresentadores, jornalistas)
Cíntia	Globo; SBT	Novelas; Programas de auditório	Telecine; Discovery Home & Health; TLC	Filmes; Reality Shows; programas de culinária	Eliana; A Dona do Pedaço; Mister Brau; 90 Dias Para Casar, Masterchef, Bake Off; Fábrica de Casamentos	Juliana Paes; Tais Araújo; Lázaro Ramos
Isabel	SBT; Band; RBS; TVE	Notícias; Programa de auditório; Novela; Jogos de Futebol;	SporTV; GNT; HBO; OFF; National Geographic; TLC	Esporte; Filme; Programas de culinária, Documentários	Roda a Roda; Café Filosófico; Globo Repórter; Irmãos Coragem; Masterchef; Saia Justa	Fernanda Montenegro, Antônio Fagundes; Zezé Mota; Milton Gonçalves; Sheron Menezes; Maju
Joice	Globo	Notícias; Novela;	ABC; HBO	Séries	Isso a Globo Não Mostra (Fantástico); How To Get Away With Murder	Maju
Mônica	Globo;	Jogo de Futebol	Multishow	Comédia	Lady Night; Tô de Graça	Tais Araújo; Iza; Glória Maria
Nicole	*	*	Warner; Mega Pix; Fox; Sony; Telecine; HBO; History Channel; Animal Planet; Cartoon Network; Sport TV	Filmes; séries, documentários, jogos e desenho	The Voice UK; X Factor	Tais Araújo; Lázaro Ramos; Maju; Bruna Marquezine; Isabelle Drummond; Caio Castro; Isis Valverde; Maisa
Neusa	Globo; Pampa (Rede TV); SBT	*	*	Novela; Programa de auditório	Programa do Jô; Novela das 9; Fofocalizando; Jornal Hoje; Casos de Família; PopStar	Suzana Vieira; Glória Menezes; Tarcisio Meira; Francisco Cuoco; Toni Ramo; Antônio Fagundes; Tais Araújo; Deborah Secco; Adriana Esteves; Paulo Paquim
Priscila	SBT; Globo	Novela; Programas humorísticos	Telecine	Filmes	Chaves; Malhação; Novela das 6; Novela das 9; Filmes	Lima Duarte; Tarcisio Meira; Tony Ramos; Zezé Mota, Tais Araújo; Isabel Fillardis
Viviane	Record	Novela; Notícias; Programas de entretenimento	*	*	Os Dez Mandamentos	Paulo Henrique Amorim
Vanessa	Record; Globo; Band; SBT	Notícias; Programa de auditório; Programa de Gastronomia; Novela	*	*	Masterchef; Dancing Brasil; Domingo Espetacular; Anonymus Gourmet	Antônio Fagundes; Grazi Massafera; Juliana Paes; Tais Araújo; Lázaro Ramos; Domingos Montagner; Maju; Glória Maria
Vitória	Globo	Novela	*	*	*	Juliana Paes; Caio Castro; Suzana Vieira; Tony Ramos; Fernanda Montenegro; The Rock
Valentina	Record; Globo	Telejornal Esportivo; Notícias;	Globo News	Notícias	Dancing Brasil; Power Couple Brasil; Jornal Nacional; Conversa com Bial	Paulo Henrique Amorim; Pedro Bial; Tais Araújo; Maju

Consumo de Rádio e Impressos					
Nome	Emissoras de Rádio	Gênero que mais escuta no rádio	Programa favorito no rádio	Jornais Impressos que lê	Revistas
Cíntia	92	Música	*	*	*
Isabel	Guaíba, Pampa, cultura FM; Band News; Rádio da Universidade; Liberdade; Continental; Atlântida; Caiçara	Música; Notícias; Anúncios	*	Folha de São Paulo; Correio; Zero Hora	Veja, Isto É, Manchete; Superinteressante
Joice	Atlântida; Guaíba	Podcast	Pretinho Básico; Coisa de Preto; O Lado Negro da Força	*	Superinteressante
Mônica	Atlântida; mix; Antena 1; Itapema	Música	*	*	*
Nicole	Itapema; Mix; Antena 1 ; Atlântida	Música	No Break	Zero Hora	*
Neusa	*	*	*	Diário; Jornal do Mercado	Revistas de novela; Sudoku, Palavras Cruzadas
Priscila	92	Pagode; Samba; Sertanejo	*	*	*
Viviane	Antena 1; Rede Aleluia	Música; Palestras	Palavra do bispo	Folha Universal; Correio do Povo	*
Vanessa	Continental; Rede Aleluia	Música; Palestras	*	Folha Universal	*
Vitória	104; Atlântida	Música; Podcast	Pretinho Básico	*	*
Valentina	Gaúcha; Caiçara	Notícias;	Voz do Brasil; Brito	Diário Gaúcho; Zero Hora	Cláudia; Nova

Consumo de Internet				
Nome	Dispositivo que navega na internet	O que consome na internet	Temáticas que mais acessa	Sites que mais acessa
Cíntia	Celular	Mídias Sociais; Pesquisa	Culinária	Google; Tudo Gostoso
Isabel	Celular	Mídias Sociais	*	*
Joice	Computador; Celular; Smart TV	Mídias Sociais; Pesquisa; Filmes; Séries	Negritudes; Conteúdo científico; Culinária; Política	Google; Globo.com; Poa24horas; BBC; CNN; Esquerda Diário; Jornalistas Livres; The Intercept
Mônica	Celular; Computador; Smart TV	Mídias Sociais; Notícias; Pesquisa; Filmes; Séries	Política; Famosos; Comida; Cabelo	Hugo Gloss; Youtube; Netflix; Carta Capital; O Globo; Folha de São Paulo; Zero Hora; Sul 21; Mídia Ninja; Google Acadêmico; Estadão
Nicole	Celular; Computador; Smart TV	Música; Mídias Sociais; Pesquisa; Filmes; Séries	Comida; Cabelo; Coreografia	Netflix; Youtube; Google Acadêmico;
Neusa	Computador	Pesquisa	Artesanato, negritude	Google
Priscila	Celular	Mídias Sociais; Vídeos	Humor	Youtube
Viviane	Celular; Smart TV	Mídias Sociais; Vídeos; Pesquisa; Filmes; Séries	Cabelo; Maquiagem;	Youtube; Google
Vanessa	Celular	Mídias Sociais; Vídeos; Música	Receitas Culinárias;	Youtube
Vitória	Celular	Mídias Sociais; Vídeos; Pesquisa; Música; Filmes; Séries	Cabelo; Comida	Youtube; Google
Valentina	Computador e celular	Mídias Sociais; Pesquisa Acadêmica; Música	Artesanato, Idosos; Reciclagem	Google

Consumo de Mídias Sociais				
Nome	Mídias sociais que acessa	O que acessa nas mídias sociais	Personalidades que segue nas mídias sociais	O que assiste no Youtube
Cíntia	Instagram; Facebook; WhatsApp	Feed de notícias, comenta, curte, Contato com amigos, posta fotos, posta mensagens	*	*
Isabel	WhatsApp	Contato com família e amigos	Juremir Machado	*
Joice	Instagram; Facebook; WhatsApp; Twitter; LinkedIn, Academia.edu	Feed de notícias; Posta fotos; Stories	AD Júnior, Tia Má; Taís Araújo; Pedro cardoso	Receitas culinárias; Felipe Neto; Last Week Tonight; The Tonight Show
Mônica	Instagram; Facebook; WhatsApp	Vídeos; Feed de notícias; Segue portais de notícias	Taís Araújo; Iza	Música; videoclipe; programas de tv; Greg News;
Nicole	Instagram; Facebook; WhatsApp	Stories;	Beyoncé; Nátaly Neri; Michael B. Jordan; Taís Araújo; Nina Gabriella; Jennifer Lawrence; Millie Bobby Brown Eleven; Will Smith; Rihanna; Emma Watson; Viola Davis; Donald Glover; Steffany Borges	Música; videoclipe; programas de tv; Greg News; Multishow; videoaula; Porta dos Fundos; Daniel Saboya; Steffany Borges
Neusa	*	*	*	*
Priscila	Facebook; WhatsApp	Vídeos; Feed de notícias; Posta Fotos	*	Chaves; Chapolin
Viviane	Facebook; WhatsApp; Telegram	Vídeos; Feed de notícias; Posta Fotos	*	*
Vanessa	Facebook; WhatsApp;	Vídeos; Feed de notícias; Posta Fotos; Compartilha mensagens	*	Receitas de bolo; música gospel; palestras
Vitória	Facebook; WhatsApp; Instagram	Vídeos; Contato amigos; Feed de notícias; Posta fotos; compartilha mensagens	The Rock; Jason Statham	Receitas de hidratação para cabelo; Música
Valentina	Facebook; WhatsApp; Instagram	Vídeos; Trocar mensagens	*	Artesanato; Videoaula; Entrevistas

Consumo Filmes, Séries, Teatro						
Nome	Formato ou Plataforma de Filme e Série	Gêneros de Filme e Série Preferidos	Temáticas de Filme e Série Preferidas	Filmes e Séries Que Marcaram	Atrizes e Atores Preferidos de Filmes e Séries	Peças de Teatro Que Marcaram
Cíntia	TV Fechada	*	*	*	*	*
Isabel	Cinema	Comédia; Drama; Épico	Romance; Policial; Ação	O Poderoso Chefão; O Ébrio; Cleopatra; A Dama da Lotação; Eles Não Usam Black-tie; O Quatrilho; Central do Brasil; Cidade de Deus; Olga; 2 filhos de Francisco; Minha Mãe É Uma Peça; Xica da Silva	Omar Shariff; Jeff Chandler; Jack Nicholson; Morgan Freeman; Cantiflas; Julia Roberts; Elizabeth Taylor; Mazzaropi; Oscarito; Sônia Braga; Fernanda Montenegro; Fernando Gabeira	*
Joice	TV Fechada; Netflix	Comédia Romântica; Suspense	Romance	Garota Exemplar; How To Get Away With Murder; Simplesmente Acontece; Um Dia; O Quarto De Jack; Orgulho e Preconceito; Closer; A Cor Púrpura. Bonequinha de Luxo; Estrelas Além do Tempo	Viola Davis; Denzel Washigton	Stund up comedy
Mônica	Netflix; Cinema; Youtube	Drama; Ficção Científica; Suspense; Terror; Comédia; Animação	Guerra; Romance; Mistério	How To Get Away With Murder; Breaking Bad; Um Maluco No Pedaco; Conto da Aia; Django	Will Smith; Viola Davis; Robert Downey Jr.	*
Nicole	Netflix; Cinema;	Terror; Ficção; Aventura; Comédia; Ação	Super heróis; Negritude	Um Maluco no Pedaco; O Menino Que Descobriu o Vento; Na natureza Selvagem; Gray's Anatomy; Stranger Things; Sense Eight; How to get Away With Murder; Atlanta; Corra; Moonlight	Donald Glover	*
Neusa	TV aberta; Cinema	Ação; Drama	Drama; Ação	Que Horas Ela Volta; 24 Horas	Sylvester Stallone	Guri de Uruguaiana
Priscila	TV fechada	Ação; Aventura; Comédia	Fantasia	Harry Potter; Pantera Cor de Rosa	Daniel Radcliffe; Stevie Martin	*
Viviane	Netflix; Cinema	Aventura; Comédia; Drama; Suspense	Cristã	Enemigo Íntimo; Até o Fundo; Os Dez Mandamentos; Titanic; Nasce Uma Estrela	*	*
Vanessa	*	*	*	*	*	*
Vitória	TV aberta; Netflix	Comédia; Ação; Aventura; Drama	Romance; Carros; Policial	À Procura da Felicidade; Norbit - Uma Comédia de Peso; O Máscara; Loucademia de Polícia	Jim Carrey, Will Smith; Angelina Jolie; Vin Diesel; The Rock; Sylvester Stallone; Jason Statham	*
Valentina	Netflix; Cinema	Drama	Família	Tudo Sobre Minha Mãe; O Tradutor; Que Horas Ela Volta; Uma Linda Mulher; Uma Babá Quase Perfeita	Julia Roberts; Robim Willims	Tangos e Tragédias; Luana Soft

Consumo de Música e Arte					
Nome	Plataforma que ouve música	Gêneros Musicais Preferidos	Artistas Musicais Preferidos	Tipo de festa ou baile que frequenta	Exposição artística que marcou
Cíntia	Rádio; MP3	Pagode; Sertanejo	Turma do Pagode; Thiagunho; Pérciles; Mumuzinho	Shows; rodas de pagode	*
Isabel	Rádio	Gaúcha; MPB; Clássica; Bossa Nova; Samba; jazz; blues	Ângela Maria; Cauby Peixoto; Renato Russo; Maria Bethânia; caetano Veloso; Alcione; Clara Nunes	Vai a bares ver jogos de futebol	Queer museu
Joice	Spotify; Youtube	Heavy Metal; Rock; Rap; Hip Hop; Samaba; MPB	Djonga, Vitão, Baco Exu do Blues, Rincon Sapiência, Racionais, O Mundo Bitá; Avenged Sevenfold; Metallica; Marilyn Manson; My Chemical Romance; The Killers; Red Hot Chili Peppers; Zeca Pagodinho; Liniker; Backstreet Boys; Fundo de Quintal; Maria Bethânia; Beyoncé; Nina Simone; Whitney Houston; Toni Braxton; Jennifer Lopez; Dona Ivone Lara; Beth Carvalho; Etta James	*	Love Resistance; Exposição Leonardo DaVinci (Suécia)
Mônica	Youtube; Rádio	MPB; Indie; pop; funk; rock; música clássica; sertanejo; rap	Xavier Rudd; Caetano Veloso; Ana Carolina; Seu Jorge; Djavan; Criolo; Rita Lee; Beyoncé; Rihanna; Drake; Ariana Grande; Lana Del Rey; Florence.	Margot; Indie; Funk	Reunião diversos fotografos CCMQ
Nicole	Spotify; Youtube; Rádio	Pop; Rap; Pop Rock; Funk; Indie; Pagode; Samba; Jazz; Folk; R&B	Magic Dragons; Arctic Monkeys; Beyonce; Red Hot Chili Peppers; Drake; Kendrick Lamar; Sam Smith; Post Malone; Nina Simone; Janis Joplin; Rihanna;	Funk; Pop; Indie	Tic-Tac: nas cordas do tempo
Neusa	Rádio	Marchinas de carnaval; MPB; Rock; Samba	Ronnie Von; Erasmo Carlos; Vanusa; Vanderleia; Baby Cosuelo	Show Fafá de Belém	*
Priscila	Rádio; MP3	Samba; Pagode	Art Popular; Só Pra Contrariar; Raça Negra; Sorriso Maroto; Alcione; Fundo de quintal	*	*
Viviane	Rádio	Pop; Gaúcha; Sertanejo; Gospel; Instrumental	Adele; Gaúcho da Fronteira; J. Neto; Michael Jackson; Roberto Carlos; Erasmo Carlos; Amado Batista	*	*
Vanessa	Rádio; Youtube	Disco; Gospel; MPB; Sertanejo; Romântica	Zezé Di Camargo e Luciano; Roberto Carlos	*	*
Vitória	Rádio; Youtube	Gaúcha; Pagode; Sertanejo; Disco; Pop	Alexandre Pires; Raça Negra; Baitaca; Bruno e Marrone; Luan Santana; Marília Mendonça; Simone e Simaria; Thiaguinho; Revelação; Roberto Carlos; Wanderleia; Alcione	Semana Farroupilha; Casa 7; 5 Estrelas; Garotinho	Museu Militar
Valentina	Rádio; Youtube; CD; Spotify	Samba; Pagode; MPB; Romântica	Lulu Santos; Djavan; Michael Jackson; Tim Maia; Wanderléia; Benito Di Paula; Alcione; Jorge Aragão; Xande de Pilares; Pixote	Semana Farroupilha	Vivemos na melhor cidade da América do Sul - Fundação Iberê Camargo - Porto Alegre

Consumo de Livros					
Nome	Gêneros de livros que mais lê	Temáticas que mais procura nos livros	Livros Favoritos	Escritores favoritos	Principais suportes de leitura
Cíntia	*	*	*	*	*
Isabel	Técnicos	Filosofia; Literatura científica;	*	Jean-paul Sartre; Platão	Papel
Joice	Técnicos; Romance; Comédia	Literatura estrangeira; Negritude; Drama	Orgulho e Preconceito; O Apanhador no Campo de Centeio; O império do Efêmero; Muito Barulho por nada; A Cor Púrpura	Lipovetsky	Papel e Computador
Mônica	Romance; Crônica; Poesia	Mistério;	As Parceiras; A Hora da Estrela; Boca de Ouro;	*	Papel
Nicole	Ficção; Séries; Literatura brasileira;	Aventura; Fantasia	Harry Potter; Jogos Vorazes; Ensaio Sobre a Cegueira	*	Papel; pdf
Neusa	*	*	*	*	*
Priscila	Romance	Literatura espírita	*	Zibia Gaspareto	Papel
Viviane	Parábola	Religião/Cristianismo; Autoajuda	A Mulher Vê; Bíblia	*	Papel; pdf
Vanessa	Parábola	Religião/Cristianismo	Bíblia	*	Papel
Vitória	*	*	*	*	*
Valentina	Técnicos; Romance	Serviço social; Economia; Política	*	Vicente de Paula Faleiros; Paulo Coelho; Cecília Meireles; Érico Veríssimo	Papel e pdf

APÊNDICE D - Grupo B: Consumo Cultural e midiático

Consumo de TV						
Nome	Canais mais assistidos TV aberta	Gêneros mais assistidos TV aberta	Canais mais assistidos TV fechada	Gêneros mais assistidos TV fechada	Programas Favoritos TV (nome programa)	Personalidades favoritas da TV (atores, apresentadores, jornalistas)
Alice	Globo; SBT; TVE	Jogos de futebol; Faustão; Fantástico; novela	GNT; Telecine; TNT; Megapix; Canal Brasil; Multishow	Variedades; Filmes; Videoclipe	Esquadrão da Moda; Saia Justa; Fazendo a Festa; Meu filho Come Mal; Cozinheiros em Ação; Pedro Pelo Mundo; Rainha da Cocada; Programas sobre negritude	Lázaro Ramos; Camila Pitanga; Érica Januza; Zezé Mota; Gaby Amarantos; Didi Wagner; Fernanda Montenegro
Carla	Globo; Band; TVE; Ulbra TV	Notícias; Documentário, Programa de Auditório; Novelas; Jogos; Filme	Natural Geographic; History Channel; Sony; Fox; Universal; HBO; Discovery; Home Health	Documentário; Série; Filme	*	Maju; Lázaro Ramos; Taís Araújo; Cris Viana
Denise	Globo; SBT; TV Cultura	Novela	Sony; Warner; Fox; TLC; Discovery home and Health; Vestido de Noiva; Irmãos a Obra	Filme; Programa de Gastronomia	*Clone; *Presença de Anita; Vale A Pena Ver de Novo; Castelo Ratimbum; The Voice; Masterchef; Show de Culinária	Taís Araújo; Lázaro Ramos
Edna	Record; Band; Globo	Filme; Minissérie; Notícia	History Channel; Fox; Warner; HBO; Multishow	Esporte; Filme; Documentários; Shows; Entrevistas; Variedades	Domingo Espetacular; Programas de Viagem; Filmes Clássicos; Videoclipe	Carol Anchieta; Maju; Manuel Soares; Fernanda Carvalho; Lázaro Ramos; Taís Araújo
Laura	Record; Band; Globo	Notícias	TLC; Food Network; National Geographic; MTV; Fox; Comedy Central; HBO	Programa de Gastronomia; Documentário; Reality Show; Filmes; Séries; Stand up Comedy	Catfish; 90 Day Fiancé	*
Milena	Globo; Pampa (Rede TV); Record; TV Cultura; SBT	Notícias; Entretenimento; Novela	ESPN; Fox; band Sports	Esporte; Filme	Encontro com Fátima Bernardes; Fofocalizando; Verão 90; *A Viagem;	Maju; Fátima Bernardes; Taís Araújo
Clarice	TVE, TV Cultura	Documentários	Universal, Fox, CNN	Filmes, documentários, notícias	*	*
Dalva	Globo; TVE	Novela; Programas de cultura; Programas de música	GNT; Futura; Canal Brasil; Globo News	Filmes, Documentários; Notícias; Entrevistas;	Quem Quer Ser Um Milionário; Mister Brau; Superbonita; Programas sobre Negritude	Taís Araújo; Lázaro Ramos
Elisa	*	*	MTV	Reality Show	De Férias com o Ex	*
Lorena	TVE; RBS (Globo); Band	Programas de cultura; Entretenimento; Notícias; Minisséries	Multishow, GNT e Globo News	Variedades	Sob Pressão; Altas Horas; Programas de Viagem; Programas de Cozinha; Saia Justa; Superbonita; Canal Bis; Despedida	Taís Araújo; Lázaro Ramos; Serginho Groisman
Sandra	RBS (Globo)	Notícias; Novela	*	*	Bom Dia Rio Grande	Antônio Fagundes; Taís Araújo; Lázaro Ramos

Consumo de Rádio e Impressos					
Nome	Emissoras de Rádio	Gênero que mais escuta no rádio	Programa favorito no rádio	Jornais Impressos que lê	Revistas
Alice	Itapema; FM Cultura	Música; Notícias	Cultura na Mesa; Longboard; Rádio Eletrola; Mais Brasil	Jornal da UFRGS	Maire Clair; Glamour
Carla	Jovem pam; Eldorado	Música	*	Diário Gaúcho; Zero Hora; Correio do Povo	*
Denise	Guaíba; Gaúcha	Notícias	Direto Ao Ponto com Nando Gross; Programa do Juremir Machado	*	Raça (online)
Edna	Antena 1; Continental	Música	*	Jornal da UFRGS	*
Laura	FM Cultura; Rádio Negritude (online)	Música	Black Samba	Diário Gaúcho; Zero Hora	*
Milena	Antena 1; Continental	Música	*	Diário gaúcho	*
Clarice	*	*	*	*	*
Dalva	FM Cultura; Gaúcha; Itapema; Rádio Unisinos	Notícias; Música	*	Metro; Correio do Povo (online); O Sul (online)	Mente e Cérebro; Revistas de Viagem
Elisa	Band (online)	Notícias	Podcasts (Lado Negro da Força; Pretas na Rede; Motivation For Black People)	*	Superinteressante; Nova Escola
Lorena	*	*	*	Correio do Povo; Zero hora	Época
Sandra	FM Cultura; Gaúcha; Continental	Notícias; Música	Voz do Brasil	Zero Hora (online)	*

Consumo de Internet				
Nome	Dispositivo que navega na internet	O que consome na internet	Temáticas que mais acessa	Sites que mais acessa
Alice	Computador; Celular	Email; Mídias Sociais; Blog; Pesquisa	Literatura; Política; Negritude; Cinema brasileiro;	Google; Wikipédia; Flor do Lácio; YouTube; Sul 21; Carta Capital; El País; Nexo
Carla	Computador; Celular	Mídias Sociais; Notícias; Séries; Música;	Negritude; Biotecnologia;	Geledés
Denise	Computador; Celular	Email; Mídias Sociais; Filmes; Séries; podcast	Gastronomia; Viagem; Espiritualidade; Idiomas; Maternidade; DIY	El País; Medium; YouTube
Edna	Computador; Celular; Smart TV	Email; Notícias; Mídias Sociais; Notícias; Previsão do Tempo; Informações sobre Atividades Culturais	Negritude; Cultura; Comida; Personalidades; Música; Cultura	Prefeituras de Guaíba e porto Alegre; Portal MSN; YouTube
Laura	Computador; Celular; Smart TV; Kindle; Tablet	Notícias; Escuta Rádio; Podcast	Negritude; Política; Entretenimento; Comida	Jornalistas livres; Mídia Ninja; Youube
Milena	Computador; Celular; Smart TV	Mídias Sociais; Notícias; Séries; Filmes;	*	Google Notícias
Clarice	Computador; Celular	Email; Notícias; Revista; Mídias Sociais	Empreendedorismo; Feminismo Negro; Religião de Matriz Africana; Florais	Raça; Geledés; Netflix; YouTube
Dalva	Computador; Celular	Filmes; Documentários; Música; Videoclipes; Mídias Sociais; Escuta Rádio	Música; Negritude	YouTube; Netflix
Elisa	Computador; Celular	Filmes; Séries; Notícias; Pesquisa; Música; Mídias Sociais;	Política; Esporte;	A mãe preta; Netflix; YouTube
Lorena	Celular; Smart TV	Notícias; Música; Pesquisa; Email; Artigos Científicos	Africaneidade; Mulher; Música; Entretenimento; Dança; Arte; História; Ciência	YouTube; Google; Bing; Correio do Povo; O Sul;
Sandra	Celular; Smart TV	Notícias; Emails; Mídias Sociais; Música	Política; Questões raciais; Receitas Culinárias	Opera Mundi; Diário Centro Mundo; Intercept Brasil; El País; Zero Hora; Geledés; Tudo Gostoso

Consumo de Mídias Sociais				
Nome	Mídias sociais que acessa	O que acessa nas mídias sociais	Personalidades que segue nas mídias sociais	O que assiste no Youtube (tipos de vídeos e nomes de canais)
Alice	Facabook; Instagram; WhatsApp	Publica trabalho autoral; Compartilha artigos sobre negritude; Divulga dos seus livros; Divulga eventos	Márcia Denser; Regina Dalcastagnè; Ronald Augusto; Juremir Machado; Alex Rátts; Karla Akotirene; Stephanie Ribeiro	Videoclipe; Música; Filmes;
Carla	Facebook; WhatsApp	Feed de notícias	Taís Araújo; Lázaro Ramos; Nicki Minaj; Rihanna; Ciara; Janelle Mone; Miss Eliot; Lewis Hamilton	Videoclipe
Denise	Facebook; Instagram; WhatsApp	Feed de notícias; Posta fotos	Alma Preta; Pretitudes; Mahershala Ali	Vlog; Dani Noce; Jout Jout; Cadê a Chave; Espaço Caminho da Luz; Dulce Delight; Acidez Feminina; Hel Mother; Dicas sobre idiomas
Edna	Facebook; WhatsApp; Twitter	Feed de notícias	Djamila Ribeiro; Conceição Evaristo	Entrevistas; Videoclipe; Receitas; Videoaulas; Trailers
Laura	Facebook; WhatsApp; Twitter; Instagram	Feed de notícias; Posta fotos; Contato	*	Videoaula; SBT ao Vivo; Vice News; Trevor Noah; Tasty; Novela mexicana; Programas nigerianos; Reviews de filmes e séries; Reviews de livros; Gaby de Pretas; PC Siqueira; AD Junior; Ana paula Xongani; Divas da Depressão; reportagens antigas; Negra Rosa; Nátaly Neri
Milena	Facebook; WhatsApp	Feed de notícias	*	*
Clarice	Facebook; WhatsApp	Feed de notícias; Contato	*	Empreendedorismo; Feminismo Negro; Religião de Matriz Africana; Florais
Dalva	Facebook; WhatsApp	Feed de notícias; compartilhamento de conteúdo; Contato	*	Videoaulas; Musica
Elisa	Facebook; WhatsApp	Feed de notícias; Contato	*	Videoaulas; Greg News; Música
Lorena	Facebook; WhatsApp; Instagram	Publica trabalho autoral; Compartilha artigos sobre negritude mulher, saúde; Posta fotos de viagens; Divulga dos seus livros; Divulga eventos	Conceição Evaristo; Elisa Lucinda; Sérgio Vaz; Cristiane Sobral	Música; TV Preta; Show
Sandra	Facebook; WhatsApp	Compartilhamento de conteúdo; Eventos;	Cidinha da Silva;	Greg News; Porta dos Fundos; Conversa Afiada

Consumo de Música e Arte					
Nome	Plataforma que ouve música	Gêneros Musicais Preferidos	Artistas Musicais Preferidos	Tipo de festa ou baile que frequenta	Exposição artística que marcou
Alice	Rádio; Youtube; CD	MPB; Indie Rock; Pop; Rock; Surf Music;	Madona; George Michael; Ben Harper; Jack Johnson; Tom; Billie Holiday; Karol Conka; Gaby Amarantos; Beyoncé; Tulipa Ruiz; Karina Buhr; Xênia França; Anelis Assumpção	*	Exposição sobre visão Afrobrasileira-indígena no Museu Joaquim Felizardo
Carla	Rádio; Youtube; Spotify; MP3	R&B; Pop; Pop Rock; Alternativa; MPB; K-pop	Elis Regina; Nicki Minaj; Beyoncé; Ciara; Legião Urbana; Renato Russo; Marron Five; Link Park; Jão; Rihanna; B.o.B.	*	Bienal - O Triângulo Atlântico
Denise	Rádio; Spotify	Disco; Pop; Rock	Michael Jackson; Phil Collins; Sade; Coldplay	Semana da África; Shows de Percussão; Festivais	Acervo em Movimento no MARGS
Edna	Rádio; MP3; Youtube	Black Music; Samba; Pop Rock; MPB; Instrumental; Clássica	Zeca pagodinho; Beth Carvalho; Djavan; Art popular; Molejo; Jorge Ben Jor; Iza; Caetano Veloso; Maria Gadu	Shows de Samba; Jantar baile	*
Laura	Spotify	Hip hop; Rap; Soul; R&B; Afrobeat; Anos 80; Anos 90; Samba	Bia Ferreira; Lauren Hill; Liniker; Michael Jackson; Fundo de Quintal; Raça Negra; Alcione; Sauti Sol; Bruno Mars; Brian McKnight;	Shows (Lauren Hill e Emicida)	Castelo Rá-Tim-Bum: A Exposição no CCBB
Milena	TV	*	*	*	*
Clarice	Deezer; Spotify, Rádio	MPB; Samba; Latinoamericana; Caribenha	Xande de pilares; Toninho Geraes; Alcione; Vanessa da Mata; Maria Bethânia; Arlindo Cruz; Mercedes Sosa	*	Museu Afro Brasil - São Paulo; Exposição Liga da Canela Preta, Museu Júlio de Castilhos - Porto Alegre
Dalva	Vinil; Youtube; Rádio	Samba Rock; Samba	Alcione; Whitney Houston; Leci Brandão; Emílio e Santiago; Djavan; Luiz Melodia	*	Queer Museu
Elisa	Youtube	Pagode anos 90; Rock alternativo; Pop; R&B; Skank; Jota Quest	Coldplay; Bruno Mars; Beyoncé; Michael Jackson; Art Popular;	Ipiranguinha - Swing anos 90	*
Lorena	Youtube; Rádio; MP3; Ipad; Spotify; CD; Rádio	Jazz; Samba; MPB; Forró; Rock; Clássica; Word Music; Música Francesa; Música Africana; Música Marroquina	Chico Buarque; Milton Nascimento; Caetano Veloso; Ana Carolina; Cássia Eller; Legião Urbana; Fundo de Quintal; Alcione; Wagner; Mozart; Chopin; Beethoven; Ravel; Gonzaguinha; Nirvana; Pink Floyd	*	Museu do Van Gogh; Casa da Anne Frank; Museu do Holocausto; Exposição À Nordeste
Sandra	Rádio; Youtube;	Rock; MPB; Gaúcha; Samba; Bolero; Rap; Clássica; Ópera	Milton Nascimento; Aretha Franklin; Nina Simone; Paralamas do Sucesso; Legião Urbana; Afroentes; Elvis Presley; Bob Marley; Michael Jackson; Gilberto Gil; Caetano Veloso	*	*

Consumo Filmes, Séries, Teatro						
Nome	Formato ou Plataforma de Filme e Série	Gêneros de Filme e Série Preferidos	Temáticas de Filme e Série Preferidas	Filmes e Séries Que Marcaram	Atrizes e Atores Preferidos de Filmes e Séries	Peças de Teatro Que Marcaram
Alice	Tv fechada; Cinema; Youtube	Cinema de autor; Comédia romântica	Cinema Nacional; Comédia Romântica; Cinema Arte; Comédia; Negritude	Antônia; Corra; Minha Mãe é Uma Peça; Pantera Negra; Quilombo; Hair; Cor Purpura; As Férias da minha Vida; Tudo por Amor; Guarda Costas; Muita Calma Nessa Hora; Divã; Embalos de Sábado a Noite; Dreamgirls; Dor e Glória; Asas do Desejo	Juliette Binoche; Queen Latifah; Julia Roberts; Meryl Streep; Vansan Cassel; Robert De Niro; Al Pacino; John Travolta; Brad Pitt; George Clooney; Clive Owen; Jude Law; Eddie Murphy; Jamie Foxx; Morgan Freeman; Samuel L Jackson; Angela Bassett; Halle Berry; Fernanda Montenegro; Sônia Braga; José Wilker; Lázaro Ramos; Wagner Moura; Penélope Cruz; Javier Bardem	O Topo da Montanha; Pretagô
Carla	TV fechada; Cinema	Suspense; Ação; Ficção Científica; Comédia; Documentários; Aventura; Anime; Animação	Negritude; Filmes Baseados em Fatos Reais; Super Heróis; Fantasia;	Pantera negra; Histórias Cruzadas; Corra; Nós; Sempre ao Seu Lado; Irmão Urso; Lili e Stitch; Toy Story; Cara Gente Branca; Ela Quer tudo; Sherlock Holmes; Green; CSI	*	Romeu e Julieta Ao Som de Marisa Monte
Denise	Netflix; Cinema; TV fechada*	Documentário; Ficção; Comédia Romântica	Negritude; Cotidiano; Comédia	Grey's Anatomy; Friends; Gilmore Girls; How To Get Away With Murder; Cara Gente Branca; Luke Cage; Selma; Um Maluco no Pedaco; Noiva em Fuga; Uma Linda Mulher; Easy; Pantera Negra; Diário de Uma Paixão; Como se Fosse a Primeira Vez; O Sorriso de Mona Lisa; Friends; The big Bang Theory ****Eu a Patroa e as Crianças; Todo Mundo Odeia Cris; Chaves; Chapolim	Mahershala Ali; Viola Davis; Will Smith; Leonardo Di Caprio; Julia Roberts; Tom Hanks	*
Edna	Netflix; DVD	Ficção; Comédia; Drama; Suspense; Musical	Negritude; Policial; Romance; Família; Filmes Baseados em Fatos Reais; Filmes de Livros	Pantera Negra; Um Limite Entre Nós; O Mordomo da Casa Branca; Diabo veste Prada; Poderoso Chefão; O Menino Que Descobriu o Vento; How To Get Away With Murder; Um Maluco No Pedaco	Queen Latifah; Will Smith; Viola Davis; Whoopi Goldman; Morgan Freeman	*
Laura	Netflix; Cinema; Popcorn Time; TV fechada	Comédia; Ação; Fantasia; Suspense; Filmes estrangeiros; Documentário	Cinema Francês; Cinema Italiano; Nollywood; Guerra; Negritude; Comédia	Cinquentonas; 13ª Emenda; Pantera Negra; How to Get Away With Murder; The Good Place; What If; Being Mary Jane; Cara Gente Branca; La Casa de Papel; O Plano Perfeito; Star Wars; Noivo Neurótico, Noiva Nervosa; Friends; Two and A Half Man; Um Maluco no Pedaco; Eu a Patroa e as Crianças; A Espera de Um Milagre; Titanic;	Viola Davis; Denzel Washington; Tom Hanks; Meryl Streep;	O Topo da Montanha; Minha Mãe é Uma Peça
Milena	Cinema	Musical; Drama	*	Green Book; Aladim; Mary Poppins	*	*
Clarice	Netflix; Cinema; TV Fechada	Documentário	História do Brasil; Revoltas; Revoluções; África; Policial; Negritude	Estrelas Além do Tempo; Amistad; Um Limite Entre Nós; Mississipi em Chamas; Django	Denzel Washington;	Traga-me a Cabeça de Lima Barreto; O Topo da Montanha; Elza
Dalva	Netflix; TV fechada	Documentário; Comédia	Negritude; Romance;	Um Anjo Em Minha Vida; 12 Anos de Escravidão; Pantera Negra; Estrelas Além do Tempo	Camila Pitanga; Viola Davis; Denzel Washington	O Topo da Montanha; A Mulher Arrastada
Elisa	Netflix; TV fechada; Cinema	Ação; Aventura; Comédia; Documentário	Negritude; Romance	Alguém Tem Que Ceder*; Olhos Que Condenam ; 13ª Emenda; Amor À Primeira Vista; A Árvore dos Sonhos; Tinha Que ser Você	Jharrel Jerome; Robert De Niro; Morgan Freeman; Meryl Streep; Jack Nicholson; Tom Cruise; Dustin Hoffman	*
Lorena	Cinema	Filme Estrangeiro; Comédia; Drama; Suspense; Documentário	Cinema Francês; Cinema Italiano; Cinema Argentino; Comédia Brasileira;	Blade Runner; O Caso do Homem Errado; Relatos Selvagens; 12 Anos de Escravidão; *De Pernas Para o Ar; *Minha Mãe É Uma Peça; *Madame Satã	Denzel Washington; Antonio Banderas; Ricardo Darín; Viola Davis	O Topo da Montanha; Elza; Traga-me a Cabeça de Lima Barreto
Sandra	Cinema; Netflix; MP4 (baixado)	Comédia Romântica	Super Heróis; Questão Racial; Negritude	Um Lugar Chamado Notting Hill; Marley e Eu; Doutor Felicidade; Corra; Nós	Lupita Nyong'o; Morgan Freeman; Whoopi Goldman;	*

Consumo de Livros					
Nome	Gêneros de livros que mais lê	Temáticas que mais procura nos livros	Livros Favoritos	Escritores favoritos	Principais suportes de leitura
Alice	Poesia; Romance; Biografia; Crônica; Técnicos	Romance feminino; Literatura Negra; Romance romântico; Literatura brasileira	Quarto de Despejo; Olhos D'água; Água Viva; Ponciá Vicêncio; São Bernardo; Memórias Póstumas de Brás Cubas; Autobiografia do Poeta-Escravo	Anaís Nin; Conceição Evaristo; Clarice Lispector; Maria Carolina de Jesus; Machado de Assis; Elisa Lucinda; Cidinha da Silva; Guimarães Rosa	Papel e pdf
Carla	Biografias; Ficção Científica; Romance;	Fantasia; Negritude	Marley e Eu; Plantation Memories; Quarto de Despejo	*	Papel e pdf
Denise	Técnico; Romance	Ficção	A menina Que Roubava Livros; Martin Eden	Markus Zusak; Ernest Hemingway; Harlan Coben	Papel e pdf
Edna	Técnico; Romance; poesia	Negritude; Literatura Brasileira; Sociologia; Filosofia	Clarissa; Vó Cória; Chico;	Érico Veríssimo; Oscar Henrique Cardoso	Papel e pdf
Laura	Técnico; Romance; Poesia; Contos	Linguagem; Psicologia; Sociologia; Literatura Brasileira; Negritude	Americanah; Os Olhos Mais Azuis; As Mentiras Que Os Homens Contam;	Chimamanda; Neusa Santos Sousa; Machado de Assis; Luís Fernando Veríssimo	Papel e pdf
Milena	Romance; Biografia	Ficção; Negritude	Minha História; Alquimista; Tatu	*	Papel
Clarice	Técnicos	Negritude; Feminismo Negro; Terapia Floral	*	Sueli Carneiro; Djamila Ribeiro; Lélia Gonzalez; Angela Davis; Nei Lopes; Kabengele	Papel
Dalva	Biografia; Romance	Negritude	Água Viva	Clarice Lispector; Luís Fernando Veríssimo; Elisa Lucinda; Cristiane Sobral	Papel
Elisa	Biografia; Técnico	Negritude; Saúde;	*	*	Papel e pdf
Lorena	Poesia; Técnico; Conto; Romance; Biografia	Negritude; Diáspora; Neurociência; Música; Saúde	Lugar de Fala; Olhos D'água; Meio Sol Amarelo; Visite o Decorado; Vila Sapo; Obra Reunida de Oliveira Silveira; Música e Cérebro; Em Busca de Espinosa; O Erro de Descarte	Conceição Evaristo	Papel
Sandra	Técnicos; Romance; Romance histórico	História;	Caçador de Pipas; Cem Anos de Solidão; Cachorro Velho; No Seu Pescoço	Antônio de Assis Brasil; Moacyr Scliar; Chimamanda	Papel; pdf

ANEXO A - Poema *Gritaram-me Negra*

Tinha sete anos apenas,
 apenas sete anos,
 Que sete anos!
 Não chegava nem a cinco!
 De repente umas vozes na rua
 me gritaram Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
 “Por acaso sou negra?” – me disse
 SIM!
 “Que coisa é ser negra?”
 Negra!
 E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
 Negra!
 E me senti negra,
 Negra!
 Como eles diziam
 Negra!
 E retrocedi
 Negra!
 Como eles queriam
 Negra!
 E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
 e mirei apenada minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra!
 E retrocedi . . .
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 E passava o tempo,
 e sempre amargurada
 Continuava levando nas minhas costas
 minha pesada carga
 E como pesava!...
 Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Neeegra!
 Até que um dia que retrocedia , retrocedia e que ia cair
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra! Negra!
 Negra! Negra! Negra!
 E daí?
 E daí?
 Negra!
 Sim
 Negra!
 Sou
 Negra!
 Negra
 Negra!
 Negra sou
 Negra!
 Sim

Negra!
Sou
Negra!
Negra
Negra!
Negra sou
De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo
Não quero
E vou rir daqueles,
que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor!
NEGRA
E como soa lindo!
NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro
Afinal
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura
AFINAL
Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!